

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**A PRODUÇÃO DE *HEDGES* POR FALANTES BRASILEIROS DE PORTUGUÊS E  
APRENDIZES CHINESES DE PLA**

SUN YUQI

PORTO ALEGRE

2011

SUN YUQI

**A PRODUÇÃO DE *HEDGES* POR FALANTES BRASILEIROS DE PORTUGUÊS E  
APRENDIZES CHINESES DE PLA**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do grau de Mestre pelo Programa  
de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia  
Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Orientadora: Dra. Cristina Becker Lopes Perna**

PORTO ALEGRE

2011

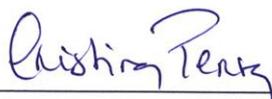
**SUN YUQI**

**A PRODUÇÃO DE *HEDGES* POR FALANTES BRASILEIROS DE  
PORTUGUÊS E APRENDIZES CHINESES DE PLA**

Dissertação apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre, pelo Programa de  
Pós-Graduação em Letras da Faculdade de  
Letras da Pontifícia Universidade Católica do  
Rio Grande do Sul

**Aprovada em 5 de janeiro de 2011**

**BANCA EXAMINADORA:**



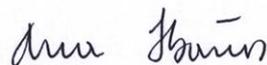
---

Profa. Dr. Cristina Becker Lopes Perna - PUCRS



---

Profa. Dr. Margarete Schlatter - UFRGS



---

Profa. Dr. Ana Maria Tramunt Ibaños- PUCRS

## AGRADECIMENTO

Em especial à minha orientadora, Professora Dr. Cristina Perna, pela orientação sempre precisa e paciente, pelo constante apoio acadêmico e psicológico e pelas docuras de palavras e sorrisos em todo o momento.

Aos meus informantes, brasileiros e chineses, pela disponibilidade, pela responsabilidade e por toda dedicação e contribuição da presente pesquisa.

Às Professoras Dr. Valéria Raymundo e Dr. Ana Ibaños pela participação e parceria nas entrevistas e pelos conselhos relevantes para a realização da pesquisa.

Às professoras Dr. Ana Mello, Dr. Cláudia Brescancini, Dr. Leci Barbisan, Dr. Marisa Smith, Dr. Vera Pereira pela ajuda na preparação da seleção do mestrado e pela autorização de ouvinte das disciplinas.

Às professoras do programa de PLA, pelo ensino de português, que me fizeram me apaixonar por essa língua.

Aos meus amigos e colegas do PPGL, em especial a Sheila Nunes, Calhandra Pinter, Cláudio Delanoy e João Eduardo pela amizade e pela paciência em responder minhas dúvidas de português.

Aos amigos Xu Wenfei e seu marido, Niu Xiaoyu, colegas chineses e alunos brasileiros pelo apoio e pela torcida relevante.

À professora Dr. Margarete Schlatter e aos colegas do curso de formação de professores de PLA.

Às secretárias da Faculdade de Letras, Mara, Isabel e Miriam.

À PUCRS, pela oportunidade de continuar meus estudos no Brasil.

À CAPES, pela bolsa de estudo.

Aos meus pais que sempre me amam, embora de longe, nunca os senti tão perto.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo comparar o uso de *hedges* por falantes brasileiros de português e por aprendizes chineses de português como língua adicional. Após um estudo teórico da evolução histórica da vaguidade linguística, procuramos uma nova definição do fenômeno e uma listagem dos possíveis *hedges* no sistema linguístico de português. Fizemos ainda uma nova classificação de *hedges* para a análise dos dados da presente pesquisa, com base nas discussões das limitações dos antigos estudos e nas teorias pragmáticas. Na segunda etapa, fizemos um breve estudo sobre a linguística de *corpus*, através do qual, elaboramos a nossa metodologia de compilação de dois *corpora* orais – o CTOB e o CTOC, sendo um de falantes brasileiros e outro de aprendizes chineses de PLA, através de uma pesquisa longitudinal de nove meses. A análise dos dados foi feita com base na nova classificação de *hedges*. Primeiramente fizemos uma comparação geral do uso de *hedges* em dois *corpora*. Analisamos, em seguida, as principais distinções na aplicação de *hedges*, reveladas nos dados coletados. E, finalmente, após uma comparação da fala dos aprendizes chineses, tentamos analisar o processo de aquisição de *hedges* em PLA. No entanto, os dados demonstraram que não há uma regularidade de uso durante os nove meses de estudo aqui no Brasil. A pesquisa, baseada em estudos teóricos, é considerada como uma tentativa de análise de *hedges* em língua portuguesa com o aporte da linguística de *corpus*, que tem como objetivo mediato, também, contribuir com a metodologia de ensino e aprendizagem de língua adicional.

Palavras-chave: *hedges*, Português como Língua Adicional, Linguística de *Corpus*.

## **ABSTRACT**

This work aims at contrasting the use of hedges by native speakers of Brazilian Portuguese and Chinese learners of Portuguese as an additional language. After a theoretical study of the historical evolution of linguistic vagueness and hedges, the thesis proposes a list of possible hedges in the Brazilian Portuguese linguistic system and tries to give a new definition on hedges. We also made a new classification of hedges for the analysis of data from this study, based on the discussions about the limitations of the former studies and the pragmatic theories. In the second part of the study, a brief introduction on corpus linguistics is given, which helped to build two small corpora – CTOB and CTOC. This separately stands for Portuguese native speaker from Brazil and Chinese learners of PLA, through a nine-month longitudinal research. The data analysis is based on the new classification of hedges. First of all, we did a general comparison on the use of hedges in two corpora. Next, we analyzed the main distinctions in the application of hedges, revealed in the collected data. Finally, after a comparison of the Chinese who had learned Portuguese for two years in China, we tried to find the acquisition process of hedges in PLA. Thus, the data showed that there is no regularity during the nine-month study in Brazil. The research demonstrates that the study of theories is considered as a new way to analyze Portuguese hedges, with the help of the construction of corpora, which indirectly contributes to language teaching.

**Keywords:** hedges, Portuguese as Additional Language, Corpus Linguistics.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>BNC</b>	British National Corpus
<b>Celpe-Bras</b>	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
<b>CoMAprend</b>	<i>Corpus</i> Multilíngue de Aprendizes
<b>COMET</b>	<i>Corpus</i> Multilíngue para Ensino e Tradução
<b>CorTec</b>	<i>Corpus</i> Técnico-Científico
<b>CorTrad</b>	<i>Corpus</i> de Tradução
<b>CTOB</b>	<i>Corpus</i> de Textos escritos por Brasileiros
<b>CTOC</b>	<i>Corpus</i> de Textos Escritos por Chineses
<b>CUC'N</b>	Communication University of China' Nanjing
<b>FdH</b>	Frequência do Uso de <i>Hedges</i>
<b>FI</b>	Razão Forma/Item
<b>FTA</b>	Face Threatening Act
<b>ICLE</b>	International Corpus of Learners English
<b>L1</b>	Primeira Língua
<b>L2</b>	Segunda Língua
<b>LA</b>	Língua adicional
<b>LC</b>	Linguística de <i>Corpus</i>
<b>LCIE</b>	Limerick Corpus of Irish English
<b>OL</b>	Outras Línguas
<b>PLA</b>	Português como Língua Adicional
<b>PUCRS</b>	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
<b>TOB</b>	Textos Orais Produzidos pelos Falantes de Português do Brasil
<b>TOC</b>	Textos Orais Produzidos pelos Chineses Falantes de Mandarim
<b>VRSUL</b>	Variação Linguística Urbana da Região Sul

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Três fases de análise do contexto .....	55
Tabela 2 - Normas de Transcrição de LCIE .....	72
Tabela 3 – Data de entrevista com informantes chineses e os tópicos relacionados .....	79
Tabela 4 – Data de entrevista com informantes brasileiros .....	79
Tabela 5 - Normas de Transcrição dos CTOB e CTOC .....	80
Tabela 6 - Códigos para a identificação dos textos.....	80
Tabela 7 – Informações de número de palavras nos CTOB e CTOC .....	86
Tabela 8 - Frequência (em 10 mil palavras) do uso de <i>hedges</i> em cada categoria no CTOB .....	88
Tabela 9 - Frequência (em 10 mil palavras) do uso de <i>hedges</i> em cada categoria no CTOC .....	88

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Recorte da Transcrição do ICIE.....	73
Figura 2 - Transcrição de coluna apresentada por Adolphs & Knight .....	73
Figura 3 - Exemplo de transcrição fonética para ser lançada no programa GoldVarb X....	74
Figura 4 - A frequência (em 10 mil palavras) dos diferentes tipos de <i>hedges</i> nos CTOB e CTOC.....	89
Figura 5 - Estratificação de <i>hedges</i> como MarcD. em textos de cada tópico no CTOB...	94
Figura 6 - Estratificação de <i>hedges</i> como MarcD. em textos de cada tópico no CTOC...	97
Figura 7 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> como MarcD. ....	98
Figura 8 - Estratificação de <i>hedges</i> press. em textos de cada tópico no CTOB .....	99
Figura 9 - Estratificação de <i>hedges</i> press. em textos de cada tópico no CTOC .....	101
Figura 10 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> press.....	101
Figura 11 - Estratificação de <i>hedges</i> decla. em textos de cada tópico no CTOB .....	102
Figura 12 - Estratificação de <i>hedges</i> decla. em textos de cada tópico no CTOC .....	104
Figura 13 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> decla.....	105
Figura 14 - Estratificação de <i>hedges</i> suges. em textos de cada tópico no CTOB.....	106
Figura 15 - Estratificação de <i>hedges</i> suges. em textos de cada tópico no CTOC.....	107
Figura 16 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> suges. ....	108
Figura 17 - Estratificação de <i>hedges</i> posic. em textos de cada tópico no CTOB .....	110
Figura 18 - Estratificação de <i>hedges</i> posic. em textos de cada tópico no CTOC .....	111
Figura 19 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> posic.....	112
Figura 20 - Estratificação de <i>hedges</i> emoti. em textos de cada tópico no CTOB.....	112
Figura 21 - Estratificação de <i>hedges</i> emoti. em textos de cada tópico no CTOC.....	114
Figura 22 - Principais distinções na frequência do uso de <i>hedges</i> emoti. ....	115
Figura 23 - Número de formas que aparece nas 10 entrevistas .....	117
Figura 24 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> durante nove meses .....	118
Figura 25 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> como MarcD. ....	118
Figura 26 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> press.....	119
Figura 27 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> decla.....	119
Figura 28 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> suges. ....	120
Figura 29 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> posic.....	120
Figura 30 - Frequência relativa do uso de <i>hedges</i> emoti. ....	121

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
i. O termo “Língua Adicional”:	12
ii. Português como Língua Adicional (PLA) na China:	13
iii. A origem da pesquisa e o tema <i>hedge</i> :	14
iv. A construção do trabalho .....	17
1. O ESTUDO DE <i>HEDGES</i> .....	18
1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ESTUDO DA VAGUIDADE LINGUÍSTICA.....	18
1.2 O QUE SÃO <i>HEDGES</i> ?.....	22
1.2.1 <i>Hedges</i> – revisão da literatura .....	22
1.2.2 <i>Hedges</i> – interfaces com outras áreas .....	27
1.2.3 A definição de <i>hedges</i> no presente trabalho .....	34
1.3 ESTRATÉGIA E FUNÇÃO DE <i>HEDGES</i> .....	36
1.3.1 <i>Hedges</i> e atos de fala indiretos .....	36
1.3.2 <i>Hedges</i> e implicatura conversacional.....	43
1.3.3 <i>Hedges</i> e teoria de polidez.....	47
1.4 CLASSIFICAÇÕES.....	50
1.4.1 Revisão da literatura.....	50
1.4.2 Discussão das limitações .....	52
1.4.3 Contexto e Contextualizadores .....	54
1.4.4 Nova sugestão da classificação de <i>hedges</i> : .....	57
2 LINGUÍSTICA DE <i>CORPUS</i> .....	61
2.1 HISTÓRIA.....	61
2.2 DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E LIMITAÇÕES.....	62
2.3 <i>CORPUS</i> DE LÍNGUA NATIVA E DE APRENDIZES .....	66
2.4 COMPILAÇÃO DE <i>CORPORA</i> FALADOS .....	69

3	METODOLOGIA .....	76
3.1	TIPO DE PESQUISA.....	76
3.2	SUJEITOS .....	76
3.3	PROCEDIMENTO:.....	77
3.4	TRANSCRIÇÃO.....	79
3.5	LIMITAÇÕES DA METODOLOGIA .....	81
4	DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	85
4.1	COMPARAÇÃO GERAL DO USO DE <i>HEDGES</i> ENTRE CTOB E CTOC .....	85
4.2	ESTUDO CONTRASTIVO DE CADA TIPO DE <i>HEDGE</i> ENTRE CTOB E CTOC .....	93
4.2.1	<i>Hedges</i> como marcadores discursivos .....	93
4.2.2	<i>Hedges</i> pressupositivos .....	98
4.2.3	<i>Hedges</i> declarativos .....	102
4.2.4	<i>Hedges</i> sugestivos .....	105
4.2.5	<i>Hedges</i> posicionais.....	109
4.2.6	<i>Hedges</i> emotivos.....	112
4.3	ESTUDO LONGITUDINAL.....	115
	CONCLUSÃO.....	122
	REFERÊNCIAS .....	126
	ANEXO 1 – Formulário de consentimento.....	137
	ANEXO 2 – Ficha social de informante .....	138
	ANEXO 3 – Roteiros de entrevistas .....	139
	ANEXO 4 – Distribuição da ocorrência de <i>hedges</i> em CTOB e CTOC .....	149

## INTRODUÇÃO

A nossa primeira parte do trabalho visa a apresentar o contexto da pesquisa, a relevância do tema e a organização da dissertação. Primeiramente, faremos uma pequena explicação da escolha do termo “língua adicional”. Em seguida, relataremos o contexto de ensino de português como língua adicional (doravante PLA) na China. Na terceira parte, colocaremos a origem da pesquisa e a razão de adotar o tema *hedge* através do estudo de linguística de *corpus* (doravante LC). Por final, apresentaremos a construção da presente dissertação.

### i. O termo “Língua Adicional”:

Recentemente, a designação “língua adicional” está sendo bastante utilizada em termos de ensino de línguas. Na América do Norte, língua adicional refere-se tanto à Segunda Língua (L2) quanto à Língua Estrangeira (LE). De acordo com Stern (1983, p. 16), os falantes de uma L2 são os que dominam esta língua não-nativa dentro de fronteiras territoriais onde se fala esta língua como língua materna ou primeira língua (L1) (por exemplo, os imigrantes); quanto ao termo LE, este se refere aos aprendizes desta língua dentro da comunidade onde essa língua não tem qualquer estatuto sociopolítico.

Já no contexto europeu, a palavra “língua adicional” indica a substituição do termo “língua estrangeira” para mostrar o desejo de interiorizar a língua-alvo por aprendizes com expectativa de ser plurilíngues e não apenas bilíngues. Entendido como uma questão relevante para a política linguística, o uso da palavra “adicional” no ensino ainda traz a ideia de manter a diversidade linguística e cultural no seu lugar no mundo.

Alguns autores diferenciam os termos como níveis diferentes de proficiência da língua. Como afirma Graddol (1997, p. 5 e p.10), existem três tipos de falantes da língua inglesa: os que falam o inglês como L1, os que dominam o inglês como L2 ou LA, e os que aprendem o inglês como língua estrangeira.

Outros autores (JUDD, TAN & WALBERG, 2001, p.6 e SCHLATTER & GARCEZ, 2009) utilizam o termo para indicar que não existe uma diferenciação entre falantes nativos e

falantes estrangeiros, visto que a palavra “estrangeiro” pode motivar os conceitos de estranheza, inconvivência, exotismo ou outras conotações indesejáveis. A palavra “adicional”, além disso, pode reforçar a crença de que outros idiomas não são necessariamente inferiores nem superiores em relação a L1 dos aprendizes.

“falar de uma língua adicional em vez de uma língua estrangeira enfatiza o convite para que os educandos (e educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade (...) esse convite envolve também a reflexão sobre que língua é essa, de quem ela é e de quem pode ser, a que ela serve, o que cada um tem a ver com ela”

(SCHLATTER & GARCEZ, 2009, p. 127).

Neste trabalho, adotaremos o termo LA em casos de L2, LE e OL (outra língua). Além das razões citadas acima, consideramos que os informantes envolvidos na pesquisa adquiriram o português tanto na China como no Brasil, e que também apresentam uma diversidade de proficiência e das próprias expectativas do português entre eles. É difícil encontrarmos outro termo para uma melhor definição do que a língua portuguesa significa para eles.

## **ii. Português como Língua Adicional (PLA) na China:**

A relação da China com os países da língua portuguesa é muito importante na atualidade, especialmente com o Brasil. Nos últimos anos, os dois países têm efetuado concentrações e coordenações estreitas nas plataformas importantes tais como BRICs<sup>1</sup>, G20<sup>2</sup> e G5<sup>3</sup>. No “Plano de Ação Conjunta entre o Governo da República Popular da China e o Governo da República Federativa do Brasil, 2010-2014” (denominado também “Comunicado Conjunto”) assinado em maio de 2009, os dois países chegaram a um acordo no desenvolvimento da parceria estratégica bilateral e de cooperação em áreas relevantes, no qual o Artigo 14 (Área de Educação) enfatiza o ensino de línguas dentro do país, fortalecendo os

---

<sup>1</sup> É uma sigla que se refere a Brasil, Rússia, Índia e China dada pelo economista Jim O’Neill em 2001, que destacaram-se no cenário mundial pelo rápido crescimento das suas economias em desenvolvimento. Os líderes dos países do BRIC realizaram sua primeira reunião em 16 de junho de 2009.

<sup>2</sup> Ou “Grupo dos 20”, é um grupo de 20 países em desenvolvimento (África do Sul, Egito, Nigéria, Tanzânia e Zimbábue, China, Filipinas, Índia, Indonésia, Paquistão e Tailândia, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Cuba, Equador, Guatemala, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela), criado em 20 de agosto de 2003, concentrando sua atuação em agricultura.

<sup>3</sup> Ou “Grupo dos cinco”, é um grupo de 5 países em desenvolvimento (Brasil, México, Índia, África do Sul e China) que representa todos os outros de mesma categoria.

intercâmbios educacionais. A China declarou que vai difundir o estudo de português, variante brasileira, no ensino superior em Xangai, Nanquim e outras cidades.

O ensino de português no continente chinês data do ano 1960. Até o ano 2004, existiam apenas três universidades<sup>4</sup> que possuem cursos de português. De 2005 a 2010, o número aumentou de três a treze<sup>5</sup>. Esse crescimento súbito dos cursos, além de representar o grande interesse da língua portuguesa, a enorme curiosidade da cultura lusófona e a alta demanda do mercado de trabalho, traz e evidencia também os desafios de ensino. Devido à falta de orientação científica e de recursos linguísticos, as aulas de português na China dão mais ênfase ao ensino estrutural da língua. Segundo Yan (2008) e Ye (2009), os professores de PLA na China citam regras de gramática e explicam as palavras de forma descontextualizada; a maioria dos materiais didáticos foi elaborada na década 90, sem enfoque no uso da linguagem cotidiana; as provas são elaboradas com questões, tais como a transcrição de áudio/vídeo, a tradução de frases, o preenchimento das lacunas verbais e a compreensão de textos.

Sendo assim, os alunos adquirem o vocabulário e regras de gramática apenas decorando listas das palavras e livros de gramática normativa. Eles conseguem conjugar todos os verbos no subjuntivo, da segunda pessoa plural (Vós façais), porém sem ter noção de adequação do uso da linguagem. Esse contexto de ensino/aprendizagem de português na China faz com que os alunos sempre queiram uma explicação precisa do significado das palavras e sobre a construção estrutural das frases, porém a dificuldade de achar o “porquê” do sistema linguístico, a impossibilidade da definição exata das expressões provocam o mito, entre os professores e alunos, de que a língua portuguesa é extremamente difícil de ser aprendida.

### **iii. A origem da pesquisa e o tema *hedge*:**

Este trabalho tem origem na minha experiência como aluna de convênio desde que comecei a estudar no Brasil. Junto comigo vieram 18 alunos do programa de intercâmbio entre

---

<sup>4</sup> Communication University of China (1960), Beijing Foreign Studies University (1961), Shanghai International Studies University (1977).

<sup>5</sup> Outros dez cursos: Beijing International Studies University (2005), Tianjin Foreign Studies University (2005), Communication University of China/Nanjing (2005), Peking University (2007), Xi'an International Studies University (2007), Dalian University of Foreign Languages (2008), Harbin Normal University (2008), Jilin Huaqiao Foreign Languages Institute (2008), University of International Business and Economics (2009), Guangdong University of Foreign Studies (2009).

a *Communication University of China, Nanjing* (doravante CUC’N) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (doravante PUCRS). Após chegar aqui, a maior dificuldade que sentimos foi devido ao fato de ter aprendido sobre português, questões que não se aplicavam à linguagem cotidiana no Brasil. Lembro-me de uma afirmação da minha colega numa aula de PLA – “A coisa mais chata é que entendi todas as palavras, mas ainda não sabia o que o outro estava falando!”. De fato, isso não aconteceu somente com ela, mas com qualquer um de nós. Não conseguimos compreender o que quer dizer “Estou **literalmente** enjoada”; qual é a atitude do falante, dizendo “**teoricamente** concordo” e por que os brasileiros sempre “dão um **jeitinho**”.

Devido a essas experiências, decidi fazer a investigação dos termos tais como “literalmente”, “teoricamente” e “jeitinho”, denominados por Lakoff (1973) como *hedges*, e como se dá a aquisição deles em PLA por falantes de mandarim. Trata-se de uma pesquisa longitudinal, a partir de uma comparação das produções orais entre os aprendizes chineses da língua portuguesa e um grupo de falantes brasileiros.

Com base na Teoria de Conjunto (*Fuzzy Set Theory*) de Zadeh (1965) e no relatório da pesquisa psicolinguística *On the Internal Structure of Perceptual and Semantic Categories* de Heider (1973), o fenômeno linguístico *hedge* foi primeiramente investigado por George Lakoff, em 1972, no seu trabalho *Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts*, sendo um dos objetos principais nos estudos lógicos e semânticos. A partir da década de 80, linguistas como Prince et. al. (1982), Brown e Levinson (1987) começaram a estudar os *hedges* na área da pragmática, analisando seus usos e sua função comunicativa nas interações pessoais. Nos últimos anos, os *hedges* também foram estudados nas áreas do discurso, sociolinguística, aquisição da linguagem e linguística comparativa e assim por diante. No Brasil, os *hedges* são denominados de “Anguladores”<sup>6</sup> por Almeida (1999), que dá um recorte pragmático funcional ao fenômeno.

No entanto, não encontramos nenhum estudo que analise o uso dos *hedges* na aquisição de PLA. Embora o mesmo tipo de estudo exista em outras línguas, os autores

---

<sup>6</sup> Há várias traduções em português para o termo *hedge*. Alguns autores utilizam a expressão “modalizador”, outros o chamam de “minimizador” e ainda outros o denominam “modificador linguístico”, “delimitador”, “suavizador” ou “circunscrição”.

preocupam-se somente com a descrição do uso pelos aprendizes ou com suas taxas de aplicação, comparando a língua materna e a LA. Não foi encontrada nenhuma investigação de *hedges* baseada na leitura profunda e discussão detalhada, com instrumento de sondagem para a melhoria do grau da proficiência e para evidenciar as dificuldades da aprendizagem através do uso destas.

Além disso, parece que falta um pouco de discussão sobre a classificação dos *hedges* quando se estuda a aquisição de LA nessas pesquisas. As categorias mais citadas pelos autores dão ênfase apenas ao dispositivo semântico pelo qual a modificação do enunciado só pode ser analisada isoladamente fora do contexto, mas não a sua força ilocucionária<sup>7</sup> que especifica as escolhas lexicais mais adequadas a um determinado evento de fala.

Por isso, o objetivo deste trabalho é definir a nossa perspectiva de análise dos *hedges*, fazendo uma nova classificação a partir das estratégias comunicativas, a fim de propiciar a investigação da aquisição de PLA e, ao mesmo tempo, objetivamos responder as seguintes questões:

- 1) Qual é a diferença das produções orais entre os aprendizes chineses de PLA e os falantes brasileiros de português?
- 2) À medida que a proficiência do PLA melhora, existe uma mudança na produção através do uso dos *hedges*?

Decidimos fazer a coleta e a organização de dados de acordo com as teorias de linguística de *corpus* (doravante LC) devido ao fato de esta ser uma linha de pesquisa recente, porém está se desenvolvendo de forma muito rápida. De acordo com Sarmiento (2008, p. 53) ela “constitui um método rigoroso e criterioso para a obtenção de dados atestados da língua ‘in vivo’”. Além disso, queremos construir os *corpora* a fim de contribuir para futura pesquisa na área de PLA.

---

<sup>7</sup> Os sentidos e forças que um ato de fala indireto transmite para o locutor.

#### iv. A construção do trabalho

A presente dissertação contém quatro capítulos. No primeiro capítulo, faremos uma revisão da literatura dos estudos de vaguidade linguística e de *hedges* para mostrar o nosso ponto de vista pragmático do estudo do fenômeno. Após discutirmos as estratégias e a função dos *hedges*, tentaremos fazer uma nova classificação que contribuirá para a pesquisa proposta. No segundo capítulo, apresentaremos o estudo da linguística de *corpus* e o conceito dos *corpora* de aprendizes para melhorar a organização dos dados e a análise estatística da pesquisa, e também para a futura elaboração dos *corpora* eletrônicos de aprendizes chineses em PLA. O terceiro capítulo apresentará a metodologia da nossa pesquisa longitudinal, que envolve a coleta de dados das produções orais tanto dos falantes brasileiros, quanto dos aprendizes chineses. Já no último capítulo procederemos com a análise dos *corpora*, baseada na descrição dos dados e verificaremos se tais palavras podem ser adquiridas pelos próprios aprendizes no país original da língua-alvo, ou se devem ser ensinadas na sala de aula. A conclusão retoma os resultados do trabalho e aponta sugestões para futuras pesquisas.

## 1. O ESTUDO DE *HEDGES*

### 1.1 EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ESTUDO DA VAGUIDADE LINGUÍSTICA

O estudo de *hedges* se deu de forma linguística a partir da década 70. No entanto, para termos uma ideia da introdução e da evolução da pesquisa em relação à vaguidade<sup>8</sup> na linguagem, é necessário vermos os primeiros estudos sobre o fenômeno já no início do século XX.

C. S. Peirce é o filósofo considerado como o fundador<sup>9</sup> da noção de vaguidade na linguagem, cuja preocupação é a relação entre a proposição da fala do sujeito e a incerteza da interpretação dos termos pelo ouvinte. Ele explicou o termo *vague* no *Dictionary of philosophy and psychology II* (1902, p. 748):

“Uma proposição é vaga quando existem estados de coisas possíveis relativos aos quais ela é intrinsecamente incerta se, tendo eles sido examinados por um elocutor<sup>10</sup>, eles os teria considerado como excluídos ou permitidos pela proposição. Por intrinsecamente incerto não queremos dizer incerto por causa de alguma ignorância do intérprete, mas porque os hábitos de linguagem do elocutor eram indeterminados; assim, se naquele dia ele consideraria proposição como excluída, em outro aceitaria aqueles estados de coisas. Contudo, isto deve ser compreendido como tendo referência ao que pode ser deduzido de um conhecimento perfeito deste estado da mente; pois é precisamente porque estas questões jamais foram, ou raramente foram apresentadas, que este hábito permanece indeterminado.”

(Tradução de SALATIEL, 2008, p.70)

Segundo Peirce, na produção, a incerteza do sentido das palavras é estabelecida no hábito do uso da linguagem pelos falantes; na interpretação, tal vaguidade é reservada para os possíveis complementos a respeito da objetividade do enunciado. Embora a vaguidade proposta pela semiótica de Peirce não trate de questões cognitivas, a afirmação dele mostra um

---

<sup>8</sup> Entende-se por “vaguidade” aqui um fenômeno geral de “não-exatidão” da natureza linguística, abrangendo as noções de *fuzziness* (ZADEH, 1965), *hedge* (LAKOFF, 1972), *fuzzy rhetoric* (JIANG, 1991), *vague language* (CHANNEL, 1994) etc.

<sup>9</sup> Antes de Peirce, havia também muitas discussões se referindo às concepções de “vaguidade”, tais como os trabalhos de gregos, mas baseadas principalmente na questão lógica.

<sup>10</sup> Entende-se, aqui, a palavra “elocutor” como “locutor” ou “falante” que assume a responsabilidade por sua ação e está compartilhando da “mesma experiência” com o ouvinte.

fato em que o uso da linguagem (ou aqui, a presença da vaguidade linguística) é primeiramente, um processo mental ou psicológico. Por isso, a intenção do locutor pode ser mais ou menos vaga nos contextos diferentes, ou relativamente vaga para os interlocutores que possuem hábito distinto no uso da linguagem ou que vêm de comunidades diferentes.

Em 1923, Russell propôs, no seu artigo *Vagueness* (p. 84-92), que a “vaguidade”, sendo uma representação cognitiva do ser humano, pertence a qualquer língua do mundo. Desde então o fenômeno começou a ser estudado dentro de uma teoria específica.

No período em que a característica dessa imprecisão da linguagem foi postulada pelos filósofos, havia uma discussão controversa sobre a vaguidade da fala ser uma vantagem ou uma desvantagem. Na época, muitas pessoas acreditavam que o melhor uso da linguagem era através da forma concreta, evitando-se a ambiguidade, a generalização e a imprecisão. Essas crenças foram criticadas pelos filósofos e outros especialistas que consideravam que o próprio sistema linguístico permitia a vaguidade. Wittgenstein sugeriu que as palavras fossem representadas como fotografias desfocadas<sup>11</sup> e ainda questionou “se seria sempre uma vantagem substituir uma imagem indistinta por uma nítida.” Segundo o autor, “Não seriam justamente as indistintas, as que exatamente precisamos?” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 38<sup>c</sup>).

Wittgenstein argumentou que é a similaridade que constrói a “família” das coisas. Um exemplo dele, que foi bastante citado, é a palavra “jogo”<sup>12</sup>. A natureza da concepção generaliza a palavra “jogo” para vários tipos de jogos: jogo de carta, jogo de bola, jogos olímpicos e assim por diante, pois sempre existe uma “rede complicada que encaixa e se cruza com as similaridades.” (WITTGENSTEIN, 2009, p. 36<sup>c</sup>). A característica de ser competitivo ou recreativo ou dependente de sorte etc., “encaixa e cruza” uma série de atividades que forma a família da palavra “jogo”.

Essa ideia de que as palavras não se referem a um único objeto, mas a um conjunto de significados familiarizados, foi consolidada e aprofundada nos trabalhos de Ullmann. No seu livro *Semantics* (1962, p. 118), ele advoga que a vaguidade pode ser inerente a dadas palavras, e também pode ser um resultado causado por uma circunstância especial.

---

<sup>11</sup> Blurred photographs.

<sup>12</sup> Game.

No mesmo capítulo, *Logical and Emotive Factors in Meaning*, ele conclui os quatro fatores que causam a “vaguidade” (1962, p. 118-127):

I. A vaguidade faz parte do caráter genérico das palavras.

Além dos nomes próprios e um grupo pequeno de nomes comuns (especialmente os termos científicos e técnicos) referindo-se a objetos únicos, as palavras indicam não os itens singulares, mas as classes de coisas que envolvem determinados elementos em comum, como o exemplo da palavra “jogo”. Por isso a linguagem é abstrata, o que permite uma descrição mais detalhada das características topográficas.

II. Nossas palavras nunca são completamente homogêneas.

Os significados variam de acordo com seu usuário. Mesmo que sejam os nomes próprios, aqueles mais concretos, as palavras sofrem a “troca na aplicação”<sup>13</sup>. Ou seja, a interpretação depende do contexto.

III. Falta de fronteiras exatas<sup>14</sup> no mundo não-linguístico.

O mundo não-linguístico é vago. Com que idade uma menina pode ser chamada de mulher? Com qual tamanho o riacho torna-se um rio? Essa vaguidade de não haver uma fronteira clara em relação aos conceitos altera o sentido e a interpretação das palavras, por isso as línguas mudam e derivam-se sempre.

IV. Falta de familiaridade com o que as palavras representam.

Dependendo de conhecimento geral e dos interesses especiais de cada indivíduo, pode acontecer de as pessoas não saberem bem o que estão falando. Por exemplo, quantas pessoas conseguem identificar o “funcho”<sup>15</sup> e o “columbino”<sup>16</sup>, na botânica?

O que chama a atenção é o fator II, no qual o autor admite que a semântica das

---

<sup>13</sup> Shifts in application.

<sup>14</sup> Clear-cut boundaries.

<sup>15</sup> Erva aromática cultivada como condimento e por suas propriedades medicinais, esp. como calmante do estômago; erva-doce (Houaiss, 2008, 3ª edição).

<sup>16</sup> Uma erva com flores de hastes longas na cor azul-arroxado.

palavras seja vaga, o sentido só se faz dentro do contexto. No entanto, Ullmann não levanta a questão de casos em que o sentido feito pelo contexto pode ser abstrato. Existem enunciados produzidos intencionalmente de forma vaga em um determinado contexto por motivo específico. Estes são os *hedges*, que abordaremos em outras seções do presente trabalho.

Aqui, vejamos também o fator IV. Segundo Channell (1994, p. 7), a vaguidade da linguagem não é gratuita, mas causada pelo mundo no qual a usamos. Nesse sentido, o fator IV, é de certa maneira, o resultado do fator III, que atesta que o mundo não-linguístico é vago; a categorização das palavras é vaga, por isso, falta-nos o conhecimento sobre a familiaridade da simbolização das palavras.

Do ponto de vista filosófico ao linguístico, o fenômeno da vaguidade na linguagem foi postulado e analisado de forma cada vez mais detalhada e sistemática, mas o objeto dos primeiros estudos foi muito limitado, focalizando-se apenas na forma, e não no conteúdo da linguagem. Em outras palavras, os autores tinham interesse somente na explicação da categoria semântica das palavras, mas poucos estudos se preocupavam com o sentido do enunciado e a influência do uso da vaguidade linguística. Uma das primeiras tentativas de se chegar ao conteúdo da linguagem em relação à vaguidade é o estudo de Zadeh, mesmo que a perspectiva da pesquisa seja de cunho lógico.

O estudo de Zadeh (1965, p. 338-353) talvez possa ser considerado como o predecessor mais importante do estudo de *hedges*. Sendo o pai da teoria de “Fuzzy Set”, o autor é a primeira pessoa que estuda o caráter de “fuzziness” da linguagem natural. Na teoria, o fenômeno é analisado pela forma matemática, as palavras são consideradas como uma classe de “fuzzy set”, cujas fronteiras são sempre imprecisas. Dentro de cada conjunto, há uma associação gradual entre os membros, cujos valores podem ser calculados pela “função dos associados”. Por exemplo, a palavra “alto” é um “fuzzy set”. Se a possibilidade de denominar uma pessoa “alta” fosse 0.4, a possibilidade de julgar a pessoa “não-alta” seria não simplesmente 0.6, mas calculada de uma forma mais complexa.

Zadeh propõe que no conjunto, tal situação é representada como “nem verdadeira nem falsa”, “ou verdadeira ou falsa” ou “confusa para ser verdadeira ou falsa” e assim por diante, pois a escala móvel de grau das palavras sofre a natureza dinâmica da interpretação linguística. No mundo real, a maioria das classes é “fuzzy”, só que algumas ficam mais “fuzzy” do que

outras.

Embora o termo “*hedge*” não seja utilizado primeiramente por Zadeh, a noção é introduzida pelo autor no seu trabalho. Em 1972, Zadeh publicou outro artigo intitulado “A Fuzzy-Set-Theoretic Interpretation of Linguistic *Hedges*”, seguindo a denominação de Lakoff e chamando esse fenômeno linguístico de “*hedges*”. Esse será o assunto da seção a seguir.

## 1.2 O QUE SÃO *HEDGES*?

### 1.2.1 *Hedges* – revisão da literatura

A palavra *hedge* foi primeiramente utilizada no texto de Lakoff, *Hedges: a study in meaning criteria and the logic of fuzzy concepts* (1973). O autor define *hedges* como “os termos cuja função é fazer com que os enunciados fiquem mais ou menos imprecisos”<sup>17</sup> (1973, p. 471). Nesse trabalho, ele também listou 64 expressões, palavras e morfemas como *sort of, loosely speaking, more or less, technically, often, in a way, actually, -like, -ish, pseudo-crypto-, another* etc. que são considerados como *hedges*, para explicar a forma pela qual esse tipo de elemento modifica as categorias linguísticas utilizadas pelo ser humano.

A investigação de Lakoff foi baseada na teoria de “Fuzzy Set” de Zadeh e no resultado da pesquisa obtido por Heider (1973). Como foi mencionado, Zadeh (1965, 1972, 1975) observou que os objetos no mundo natural nem sempre são encaixados na categoria linguística. O “*fuzzy set*” é, grosso modo, uma classe com fronteira indistinta, em que a transição dos membros para não-membros é gradual, mas não súbita. Sua teoria influenciou a pesquisa de Rosch que desenvolveu a “teoria de protótipo”. A autora questionou a teoria clássica, que declarava que as propriedades definidas pela categoria são compartilhadas por todos os membros cujas condições são do mesmo nível na classificação. Rosch demonstra a existência

---

<sup>17</sup> “For me, some words whose meaning implicitly involves fuzziness-words whose job is to make things fuzzier or less fuzzy.” – Lakoff (1973)

dos efeitos prototípicos, através dos quais alguns membros são melhores exemplos de uma categoria do que outros. A “teoria de protótipo” contrasta com o método analítico e é por isso, considerada como uma forma holística para descrever os significados das palavras.

Lakoff utiliza o exemplo dado por Rosch a partir da experiência na área da psicologia, explicando a hierarquia de *birdiness*<sup>18</sup> e o grau de verdade da definição da palavra *bird*<sup>19</sup> (1973, p. 459-460).

Hierarquia de *birdiness*:

*Robins* → *eagles* → *chickens, ducks, geese* → *penguins, pelicans* → *bats*

Grau de verdade:

- a. *A robin is a bird.* (verdadeiro)
- b. *A chicken is a bird.* (menos verdadeiro que a)
- c. *A penguin is a bird.* (menos verdadeiro que b)
- d. *A bat is a bird* (falso, ou pelo menos muito longe de ser verdadeiro)
- e. *A cow is a bird.* (falso)

O que os exemplos acima mostram é exatamente as questões que discutimos na primeira seção: que os membros da mesma categorização linguística não representam a natureza idêntica, mas a relação gradual de um com os demais. No entanto, de acordo com Lakoff (1973, p. 471), se adicionarmos um *hedge* — *sort of* (tipo/de certo modo), o grau de verdade dessas sentenças pode ser bastante modificado.

- A) *A robin is sort of a bird.* (falso – ele é um *bird*, não há dúvida sobre isso)
- B) *A chicken is sort of a bird.* (verdadeiro, ou muito próximo de ser verdadeiro)
- C) *A penguin is sort of a bird.* (verdadeiro, ou próximo de ser verdadeiro)
- D) *A bat is sort of a bird.* (ainda bastante longe de ser verdadeiro)
- E) *A cow is sort of a bird.* (falso)

---

<sup>18</sup> Substantivo de *bird*.

<sup>19</sup> A palavra *bird* aqui, em português, pode ser traduzida como “ave” ou “pássaro”, no entanto, se utilizarmos um destes termos, a hierarquia original poderá ser modificada. Por isso, mantemos o exemplo em inglês.

Lakoff ainda afirma que os *hedges* revelam não meramente as distinções de grau da categorização das associações dos membros, mas muito mais os significados. Por exemplo, (1973, p. 473):

- a) *Esther Williams is a fish.*
- b) *Esther Williams is a regular fish.*

Segundo Lakoff, a) é uma frase considerada falsa, pois Esther Williams é um ser humano, mas não um peixe. Entretanto, b) pode ser verdadeiro se a frase quiser mostrar que Esther Williams nada muito bem e sente-se confortável na água. b) não está dizendo que Esther Williams tem guelras, escamas, barbatanas, cauda etc. Por isso Bolinger (1972 *apud* LAKOFF, 1973, p. 474) sugeriu que a palavra *regular* aqui tem propriedade metafórica, não corresponde no sentido literal. No entanto, se pensarmos na linguagem metafórica, ambas as frases acima mostram um “uso não literal de uma forma linguística, utilizado como recurso para chamar a atenção para uma semelhança percebida” (TRASK, 2006, p. 190), ou seja, os dois enunciados podem ser como metáforas, e não somente o segundo. Portanto, os *hedges* podem talvez tornar os enunciados mais fáceis de ser reconhecidos como metáfora ou tornar as sentenças mais aceitáveis nos sistemas linguísticos particulares, mas é perigoso dizer que os *hedges* podem servir como marcadores de metáfora.

Embora, em seu trabalho, Lakoff indique a possibilidade de que os *hedges* podem “interagir com as condições de felicidade para enunciados e com regras de conversação” (1973, p. 490), o autor “não se interessa pelo valor comunicativo do uso de *hedges*, mas se preocupa com as propriedades lógicas das palavras e frases” (MARKKANEN & SCHRÖDER, 1997, p. 4).

A partir do estudo de Lakoff, o conceito de *hedge* começou a ser explicado e investigado através de várias perspectivas, tornando-se cada vez mais distinto do seu estudo original. Um deles é o estudo de Vande Kopple (1985), que considera o uso de *hedges* (talvez, parece que, poderia, até certo ponto...) como a falta de total compromisso, modifica o valor de verdade do conteúdo proposicional do discurso, mas não a imprecisão das palavras na categorização em si.

Essa noção da modificação de compromisso se diferencia do ponto de vista sobre os

*hedges* de Lakoff. Este considera apenas a relação entre o conteúdo de fala e os demais elementos da mesma natureza, enquanto aquela considera a relação entre o conteúdo de fala e o seu falante.

Em 1987, Brown e Levinson discutem *hedges*, no seu livro *Politeness: Some Universals in Language use*, e os consideram tanto como intensificadores quanto como “desintensificadores”<sup>20</sup>. Eles sugerem que *hedges* podem ser “uma partícula, uma palavra, ou um sintagma que modifica o grau de associação de um predicado ou um sintagma nominal em um conjunto; essa associação é parcial, ou verdadeira até certo ponto, ou mais verdadeira e completa do que poderia ser previsto.” (1987, p. 145). A definição dos autores está baseada no ponto de vista lógico de Lakoff, porém a explicação de *hedges* salienta a discussão de como esse tipo de termo modifica a força ilocucionária, sendo utilizados principalmente na estratégia de polidez negativa<sup>21</sup>. Para os autores, o uso de *hedges* é o método primário e fundamental para desarmar a ameaça interacional, sendo a ferramenta mais imediata para obter a meta comunicativa.

Os autores explicam os *hedges* a partir de seis aspectos:

- (1) *Hedges* na força ilocucionária. Ex.: Eu **suponho** que eles vão ao cinema.
- (2) *Hedges* encaixados na partícula. Ex.: É fantástico, **não é?**
- (3) *Hedges* nas orações subordinadas. Ex.: **Se você puder**, feche a porta para mim?
- (4) *Hedges* produzidos para não quebrar as máximas de Grice<sup>22</sup>. Ex.: **Parece que** está chovendo.
- (5) *Hedges* nas estratégias de polidez<sup>23</sup>. Ex.: **Sinceramente**, a cor desta roupa não combina com aquela bolsa.
- (6) Os autores ainda afirmam que qualquer *hedge* pode ser substituído ou enfatizado pela prosódia e cinética.

O estudo de Brown e Levinson trouxe um grande avanço para a área pragmática e forneceu uma nova perspectiva de investigar o papel de *hedges* no arcabouço teórico da

---

<sup>20</sup> Detensifiers

<sup>21</sup> Veja subseção 1.3.3 desta dissertação.

<sup>22</sup> Veja subseção 1.3.2 desta dissertação.

<sup>23</sup> Veja subseção 1.3.3 desta dissertação.

comunicação interacional. Mas cabe esclarecer que não podemos confundir os aspectos citados acima com a classificação desse tipo de termo, pois muitos deles podem ser cruzados e reexplicados por outros. Por exemplo, os *hedges* encaixados na partícula podem ocorrer nas estratégias de polidez e podem ser substituídos pela prosódia e cinética. De fato, os primeiros três aspectos consideram os *hedges* do ponto de vista gramático, e os outros focalizam a função de *hedges* na comunicação. Observamos ainda que é muito difícil separar os *hedges* nas estratégias de polidez com os *hedges* produzidos para não quebrar as máximas, porque ser polido pressupõe a consideração dos desejos de face<sup>24</sup> que formam as máximas na interação. E o sexto aspecto seria uma conclusão final de que as formas de *hedges* podem ser indefinidas e que dependem da interpretação dos enunciados produzidos nos determinados eventos de fala.

Outros trabalhos publicados que buscam uma definição de *hedges* na área da pragmática são os de Yule e LoCastro. Para Yule, os *hedges* são “notas cautelosas produzidas para mostrar de que forma uma palavra está sendo empregada. Ex.: ‘até onde eu sei’ é usado quando damos alguma informação” (YULE, 1996, p.130), mostrando a consciência dos falantes para observar as máximas do princípio de cooperação. Essa ideia se encontra também no trabalho de LoCastro. No seu livro *An Introduction to Pragmatics* (2003), a autora explica que, assim como os elementos metalinguísticos, os *hedges* são sinais de indicações das atitudes dos falantes com os níveis distintivos de informação, verdade, e relevância das palavras para minimizar ou maximizar as máximas (2003, p. 144-146).

A partir dos anos 80, os *hedges* começaram a ser estudados de forma cada vez mais específica, mas com a definição cada vez mais ampla e isso provocou um problema sobre quais palavras podem ser incluídas na categoria de *hedges*. Zuck e Zuck investigam *hedges* nos textos jornalísticos, e definem *hedges* como “o processo pelo qual o autor reduz a força do que está escrevendo.” (1986, p. 172). Os autores apresentaram uma lista de itens tipicamente usados como *hedges*, tais como verbos auxiliares (*may, might, can, could*), semi-auxiliares (*appear, seem*), alguns verbos<sup>25</sup> (*suggest, indicate, imply*), voz passiva, advérbios (*probably, almost, relatively*), adjetivos (*probable, possible, plausible*), alguns nomes e pronomes etc., que envolvem os diferentes graus de probabilidade ou aqueles que reduzem a responsabilidade

---

<sup>24</sup> Discutiremos isto na subseção 1.3.3.

<sup>25</sup> Full verbs.

dos emissores em relação aos conteúdos proposicionais<sup>26</sup>.

Markkanen e Schröder (1989, 1997) discutem o papel dos *hedges* nos textos acadêmicos, considerando-os como modificadores de responsabilidade dos autores pelo valor de verdade da expressão proposicional, pela importância das informações e pela própria atitude diante do tema relacionado. Para eles, os *hedges* podem ser verbos modais, advérbios modais, partículas, pronomes, agente passivo e outras expressões impessoais. Os autores ainda sugerem que certos dispositivos retóricos e estilísticos podem, também, ser considerados como *hedges*. Outros estudiosos como Grabe & Kaplan (1997) e Hyland (1994), que também estudam *hedges* nos textos acadêmicos, sugerem que esse tipo de termo não seja necessariamente um item lexical, mas possa ser composto de estruturas gramaticais específicas que abrangem orações condicionais, formas interrogativas, passivização, sintagma impessoal, referência temporal e assim por diante.

Uma vez que a noção de *hedges* seja adotada nas diversas áreas de análise, não há mais limites para as expressões que podem ser consideradas como *hedges*. Portanto, para delimitar o objeto da nossa pesquisa, precisamos estabelecer a nossa definição e ponto de vista diante do fenômeno. Porém, antes de fazer isso, vejamos como a concepção de *hedges* pode ser estudada nas outras áreas e quais são as interfaces entre elas, pois qualquer fato observável na natureza só pode ser definido pelos demais relacionados a este. Esse é o ponto essencial da ciência.

### 1.2.2 *Hedges* – interfaces com outras áreas

#### a) Modalidade:

Segundo Markkanen e Schröder (1997, p. 6), o conceito mais importante que cruza a área de *hedge* é o de modalidade. No “Dicionário de Linguagem e Linguística” (TRASK, 2006, p. 194), as modalidades são definidas como “categoria gramatical associada com a expressão da obrigação, permissão, proibição, necessidade, possibilidade e capacidade”, que se relaciona

---

<sup>26</sup> Dizer que uma crença é uma representação é simplesmente dizer que ela tem um conteúdo proposicional e um modo psicológico, que o seu conteúdo determina um conjunto de condições de satisfação sob certos aspectos, que o seu modo psicológico determina uma direção de ajustamento do seu conteúdo proposicional, de tal maneira que todas estas noções – conteúdo proposicional, direção de ajustamento etc., são explicadas pela teoria dos atos de fala (Searle, 1983, p. 12, tradução de Perna, 2010, p. 56).

ao modo de falar. De acordo com Lyons (1977, p. 797), “todas as enunciações nas quais o falante qualifica explicitamente o seu compromisso com a verdade de proposição” podem ser consideradas como modalidades. Elas, como um meio de expressar as emoções, as opiniões e as atitudes do locutor, “estão intimamente ligadas ao falante” (ALVES, p. 45), qualificando a fonte e a maneira enunciativa do contexto. Koch (1984, p. 138) propõe que as modalidades linguísticas estão “diretamente ligadas ao evento de produção do enunciado e que funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso.”

Essa concepção pode ser verificada nas muitas definições de *hedge* que discutimos anteriormente. O próprio Trask (2006, p. 195) define *hedges* em sua interface modalidades, e afirma que o fenômeno da circunscrição<sup>27</sup> “consiste em reduzir o comprometimento do falante com aquilo que ele está dizendo, e o uso de formulações vagas”. Do ponto de vista de Trask, *hedging*<sup>28</sup> é apenas uma das “extensões da modalidade”, sendo investigado “particularmente no contexto da linguística sistêmica” (2006, p. 195). No entanto, a partir de diferentes perspectivas, as investigações dos dois fenômenos seriam paralelamente diferenciadas. Embora haja sobreposição das categorizações, não poderíamos dizer que uma é superior ou mais ampla do que a outra.

No estudo linguístico, as modalidades são classificadas em dois tipos, cujas características são:

Modalidade Epistêmica – Certa, contestável, plausível e exclusiva

Modalidade Deontica – Obrigatória, facultativa, permitida e proibida

(PARRET, 1988, p. 79)

Cabe esclarecer que, na lógica, a modalidade epistêmica refere-se à característica objetiva que é diferente do ponto de vista linguístico, cuja noção é totalmente subjetiva.

Nos trabalhos antigos de *hedges*, os autores consideraram somente as modalidades

---

<sup>27</sup> Tradução de *hedging* no livro.

<sup>28</sup> A palavra “*hedging*” pode ser entendida como o adjetivo de “*hedge*”, ou um substantivo que indica os enunciados cuja função é igual a de *hedge*.

epistêmicas como objeto de estudo pois, de acordo com Lyons (1977, p. 823), as modalidades deônticas preocupam-se com a necessidade ou possibilidade de atos realizados por agentes responsáveis, que se relacionam com a maior noção da obrigação. Nesse sentido, elas são menos *hedging*.

No entanto, segundo Fraser (1980, p. 342) as frases tais como “Eu tenho que te proibir de...” (*I must forbid you from...*) ou “Eu tenho que te criticar por...” (*I have to criticize you for...*), embora mostrem certa obrigação, o ato ilocucionário<sup>29</sup> pode ser efetivamente executado por um tipo de *hedged performatives*. A argumentação pode ser entendida como “Eu não queria fazê-lo, porém não tenho outra alternativa...” para diminuir a hostilidade da fala do locutor.

Além disso, os dois tipos de modalidade mostram o comprometimento dos participantes, modificando a força ilocucionária da enunciação. É difícil definir o grau de obrigação de um grupo sem fazer comparação com outro e também não é possível dizer que um elemento é mais *hedging* sem fazer comparação com outros no mesmo grupo. Por isso, mesmo que as modalidades deônticas não sejam consideradas como *hedges*, é necessário analisá-las no estudo de *hedges*.

#### b) Mitigação

A noção de mitigação foi primeiramente esboçada em *Rhetorica ad Herennium* em 86-82 a.c. (CAFFI, 1999, p. 811) e começou a ser estudada na área da pragmática por Fraser, em 1980. De acordo com Fraser (1980), a mitigação é feita através de um fenômeno altruísta, no qual o falante prevê que o seu ato de fala vai causar um efeito (perlocucionário) desagradável. Por exemplo, quando o chefe quer terminar o contrato com o empregado, em vez de dizer “você está demitido!” ele provavelmente irá escolher uma forma para suavizar a sua fala. Essa “tentativa de atenuar a aspereza ou hostilidade da força da ação de alguém é o que chamamos de mitigação”<sup>30</sup> (FRASER, 1980, p. 342). Assim os itens pragmatológicos<sup>31</sup> que marcam a mitigação são os mitigadores.

<sup>29</sup> Veja subseção 1.3.1 desta dissertação.

<sup>30</sup> This attempt at reducing the harshness or hostility of the force of one’s actions is what we call mitigation.

<sup>31</sup> Pragmalinguistics refers to the resources for conveying communicative acts and relational or interpersonal meaning. (KASPER & ROSE, 2001, p. 2)

Segundo Fraser (1980, p. 342-344), há cinco características da mitigação:

I. Envolvimento de certos efeitos que surgem como o resultado de fala.

A mitigação visa a suavizar os efeitos de uma ordem; abrandar o choque das notícias inesperadas; fazer uma crítica mais agradável e assim por diante. Mitigar não é aliviar as infelicidades existentes, tais como medo e suspeita do envolvimento do ouvinte, mas diminuir o risco ou descontentamento causado pela fala do falante.

II. Modificação apenas dos efeitos indesejáveis ao ouvinte

Mitigar não enfraquece a força do enunciado do falante. Nesse sentido, os mitigadores podem ocorrer nos atos de fala, tais como, exigir, criticar, informar (uma má notícia), entre outros, mas não agradecer, prometer e elogiar. No entanto, existem atos de fala cujos efeitos são difíceis de determinar se causarão efeitos indesejáveis ao ouvinte ou não, tais como, sugerir, concluir etc. Esses atos de fala, afirma Fraser (1975, 1980) são, de fato, mal-recebidos em termos de persuasão e convencimento. Sendo assim, uma frase como “**Tenho que te sugerir** que verifique o teu número de bilhete” é considerado como mitigação.

III. Não-ocorrência na ênfase da força da mensagem

Como uma continuação da segunda característica, mitigar pode diminuir a força da mensagem, mas não enfatizar os efeitos positivos dela. Por exemplo, quando queremos agradecer a alguém, podemos dizer “muito obrigado!” ou para enfatizar o agradecimento, dizemos, “Eu não tenho palavras para dizer o quanto a sua ajuda tem sido importante para mim neste momento de estresse e dificuldade”. Esse tipo de enunciado, para Fraser, não é mitigação nem *hedging*, por ele não chegou a analisá-lo em profundidade.

IV. Não-equivalência à polidez

Os participantes de uma conversa sempre estabelecem um “contrato conversacional”, no qual cada participante traz certos direitos e obrigações em relação ao outro. As regras são implicitamente definidas pelo contexto apropriado e podem ser renegociadas durante o processo de interação conversacional. Ser polido quer dizer que, na opinião do ouvinte, o falante não viola as regras de contrato no momento da conversa. Por exemplo, você pode

negociar o seu direito de pedir para que uma pessoa fique sentada em um seminário, dizendo “Sente-se, por favor” de forma polida mas não mitigada, em vez de dizer “Senta-te e cala a boca”, que não é polido nem mitigado. Mas você também pode dizer “Eu gostaria que você se sentasse”, que é uma forma tanto polida quanto mitigada. Por isso, a mitigação pressupõe a polidez, enquanto o inverso não é verdadeiro.

Pensando na presente pesquisa, o último exemplo dado acima também é um *hedging* performativo através do uso do subjuntivo no passado, que é um tempo verbal específico reconhecido como um tipo de *hedge* no português. No entanto, se você disser “é melhor que todo mundo fique sentado”, o enunciado será considerado como mitigação mas não *hedging* em função de que não ocorre o uso impreciso da linguagem. Por isso, não podemos confundir *hedges* com mitigadores em termos de atenuação da força do locutor. Fraser, no seu trabalho de 1980, fez uma distinção também, entre *hedging* e mitigação, embora ele limite os *hedges* à noção exclusivamente definida por Lakoff em 1972.

#### V. Não-equivalência ao *hedging*

Retomando o ponto de vista de Lakoff (1973) que considera *hedges* apenas as palavras cujos significados, por si só, envolvem certa imprecisão do ponto de vista lógico, tais como “tipo”, “de certa maneira” etc., Fraser (1980) afirma que os *hedges* podem contribuir para criar o efeito de mitigação, mas não são, em si mesmos, exemplos de mitigação, nem necessariamente atenuantes em uso.

Talvez seja interessante mencionar que no trabalho de Fraser em 1975, ele analisa certos *hedges* performativos sem citar o termo “*hedge*” e no seu trabalho de 1980, o autor analisa a mitigação sem mencionar a palavra “mitigador”. Até hoje, o fenômeno é investigado mais em termos de mitigação do que através de termos mitigadores, que enfoca principalmente a aquisição de LA.

#### c) Vaguidade

Como já vimos na primeira seção desse capítulo, a vaguidade pode ser considerada como um fenômeno que abrange todas as concepções que citamos acima, incluindo também as noções de “fuzziness”, “ambiguidade”, “generalidade” etc. O estudo da vaguidade linguística

alcançou seu grande desenvolvimento nos últimos quarenta anos em termos de três áreas de investigação: vaguidade semântica, vaguidade cognitiva e vaguidade pragmática.

A vaguidade semântica é, até hoje, a área mais investigada no estudo da vaguidade linguística. Os trabalhos de Zadeh (1965, 1972, 1975) são os que deram maior influência para esse tipo de pesquisa e aprofundaram a investigação dos primeiros estudos de *hedges*.

A vaguidade cognitiva tenta explicar como o ser humano transmite as experiências e emoções cognitivas usando a linguagem vaga e mostrar qual é a relação entre a estrutura das ideias e o sistema linguístico. Linguistas como Ullmann (1962) e Fodor (1977) acreditam que a falta do conhecimento é a maior motivação da produção de vaguidade e que é inerente ao próprio sistema linguístico, enquanto outros linguistas como Han (2006, p. 129) advogam que a vaguidade surge por que o nosso cérebro permite um conhecimento contínuo e coerente dos acontecimentos, mas a nossa língua sempre tenta representar certa categorização lógica que impede essa continuidade de ideias.

A vaguidade pragmática é uma linha bastante investigada pelos pesquisadores nos últimos anos, e seu objetivo é verificar como este fenômeno funciona na comunicação e modifica a interação conversacional. Em estudos mais recentes (LI, 2006; HAN, 2006), a vaguidade pragmática ainda é estudada em termos de vaguidade retórica, cujo objeto de investigação envolve, além das palavras, expressões e dadas estruturas que tornam os enunciados mais ou menos vagos, além de figuras de linguagem, tais como catacrese, sinestesia, comparação, metáfora e assim por diante. Por exemplo:

- (1) Há três bocas na família do João. (catacrese)
- (2) Ela tem um sorriso tão doce. (sinestesia)
- (3) O amor queima como o fogo. (comparação)
- (4) A presença dele é uma pedra no sapato. (metáfora)

Kempson (1977, p. 124-128) classifica a vaguidade linguística em quatro tipos:

- i. Vaguidade referencial: quando o significado de um item lexical é, em princípio, suficientemente claro, mas talvez seja difícil decidir se o item pode ser aplicado para um determinado objeto;

- ii. Indeterminação do significado: no qual o significado do próprio item parece intangível e indeterminado;
- iii. Falta de especificação no significado de um item: quando o significado é claro, mas especificado de uma maneira geral;
- iv. Disjunção na especificação do significado de um item: quando o significado envolve uma afirmação indeterminada com diferentes possibilidades de interpretação.

Mais uma vez, a definição e a classificação do termo parecem muito amplas, pois podem atingir toda a linguagem natural. Pensando nos *hedges*, essa tipologia serve também para a análise dos mesmos. Por exemplo:

“Ele é gente boa.”

A palavra “boa” representa uma vaguidade referencial que também é um *hedge* ou *fuzzy set*, segundo Lakoff. O significado dela é bastante claro, porém, como podemos qualificar se uma pessoa é “gente boa”? Essa frase pode ser interpretada como a suavização de uma informação negativa – “Ele é muito chato, mas é gente boa”, ou realmente quer dizer “Ele é uma pessoa maravilhosa!”

Além disso, o sentido da palavra “gente” também pode ser discutido. Segundo a classificação de Kempson, esta palavra entra na terceira categoria da vaguidade, que é um item que não especifica sexo, idade, raça etc. Em português, a palavra é ainda mais complicada, cuja classe é um pronome de terceira pessoa do singular, mas com significado de primeira pessoa do plural. Existem, também, as situações específicas nas quais a palavra “a gente” tem sentido de “eu”, quando o sujeito falante não quer se comprometer ou não gosta de ser responsável na declaração. Nesse caso, “a gente” é um *hedge*, mostrando uma série de estratégias da comunicação.

Podemos então constatar que há muitos trabalhos e linhas de pesquisa que estudam o mesmo fenômeno com terminologias diferentes, ou estudam o mesmo termo com definições diferentes, como há diversas maneiras para definir *hedges*. De fato, o que é importante na investigação linguística não é fazer distinção no campo semântico entre essas definições, mas decidir qual é a nossa perspectiva perante o fenômeno. Por essa mesma razão, não foi

escolhida uma tradução entre as demais do fenômeno, mas continuaremos a usar *hedges* por ser um termo bastante conhecido para a futura discussão, porque a tradução também nos dirige a pensar de forma diferente.

### 1.2.3 A definição de *hedges* no presente trabalho

Como vimos nas seções anteriores, a definição de *hedges* e de outros fenômenos relativos a ele é bastante heterogênea. Para melhor esclarecer, então, o objeto linguístico da presente dissertação, mostrando o nosso ponto de vista teórico, definimos *hedges* como:

Os itens funcionais, lexicais e estruturais que especificamente existem em um determinado sistema linguístico, modificando o valor de compromisso do enunciado e a força ilocucionária do sujeito falante em consideração às estratégias comunicativas.

Vale esclarecer aqui, alguns aspectos de *hedges*:

- *Hedges*, por si só, não têm necessariamente um significado vago, mas a presença deles faz com que o enunciado fique mais ou menos impreciso;
- *Hedges* não modificam o sentido literal dos enunciados, mas modificam o valor de verdade da fala e a força ilocucionária do interlocutor;
- *Hedges* são os elementos específicos em um determinado sistema linguístico, ou seja, o grau de vaguidade que uma palavra (ou expressão, ou tipo de estrutura) tem ou que ela consegue dar para o enunciado varia na tradução em outras línguas;
- *Hedges* não se refere à *fuzzy set* de Zadeh;
- *Hedges* não são aliviadores.

Assim, diferentemente dos autores anteriores, concluímos a seguinte listagem dos *hedges* em português:

I. Alguns morfemas:

- 1) Me faça um favor**zinho**?
- 2) Obrigad**ão**!

## II. As palavras (ou sintagmas adjetivais/adverbiais/preposicionais)

- 1) Eu tenho orkut que **quase** não uso.
- 2) **Talvez** eu esteja errada.
- 3) Nas últimas férias, eu fiquei **praticamente** em casa.
- 4) Nós ficávamos lá **uns** três, quatro dias.
- 5) A razão é **mais ou menos** isso.
- 6) Há **cerca de** dois meses não liguei a televisão.
- 7) Isso significa, **grosso modo**, que não há mais classe média.
- 8) **Às vezes**, assisto um pouco de TV.

## III. Tempo verbal específico: (pretérito imperfeito do indicativo e do subjuntivo e futuro pretérito)

- 1) **Se** eu **fosse** o professor, não **deixaria** para mostrar para os pais essas notas no dia da entrega dos boletins. (perf.imperf. do subjuntivo)
- 2) A gente tenha talvez três ou quatro jornadas. Isso **podia** ser um cansaço psicológico absurdo. (pret.imperf. do indicativo)
- 3) Você **poderia** fazer uma análise quantitativa. (fut.pret)
- 4) Político **teria que** ser trabalho voluntário. (fut.pret.)

## IV. Pergunta retórica.

Isso não é uma boa ideia???

## V. Pronomes:

Quando “a gente” é utilizado para responder as questões de opiniões pessoais dirigidas somente para interlocutor.

A: Qual o momento mais emocionante vivido por você até hoje?

B: Quando eu tinha 15 anos, a minha sobrinha nasceu, a **íá gente** se sentia como mamãe.

## VI. Frases ou inserções parentéticas:

---

<sup>32</sup> Usamos “???” como uma marcação de *hedges*, que é diferenciado com outro tipo de interrogação.

- 1) Vou escolher barco como o meio de transporte, **eu acho**.
- 2) **Se eu não me engano**, eles têm uns 10, 11 anos.

VII. Algumas partículas modais (interjeições).

- 1) A: A relação entre a televisão e os telespectadores se refere a alguma relação entre consumidor e vendedor?  
B: Sim, at é porque a TV é um produto **n é?**
- 2) Ele t á certo, **não é?**

Nessa seção, foram apresentadas a origem e as definições de *hedges* na literatura. Após termos apresentado o nosso ponto de vista diante do fenômeno, veremos, na próxima seção, as estratégias comunicativas desse tipo de termo.

### 1.3 ESTRATÉGIA E FUNÇÃO DE *HEDGES*

#### 1.3.1 *Hedges* e atos de fala indiretos

A teoria dos atos de fala teve sua origem no âmbito da filosofia da linguagem, postulada por Langshaw Austin. No seu livro *How to do things with words* publicado em 1962, ele exemplificou vários enunciados com ou sem a presença de verbos performativos<sup>33</sup>, nos quais sempre existe uma ação realizada através de uma enunciação, que se refere às três dimensões dos atos de fala.

As três dimensões (AUSTIN, 1962) são:

- 1) Ato locucionário: Enunciação com significado referencial.

---

<sup>33</sup> Verbos indicativos no presente ativo produzidos pela primeira pessoa de singular.

- 2) Ato ilocucionário: Enunciação de uma determinada função social que se refere aos atos de fala.
- 3) Ato perlocucionário: A influência de um enunciado sobre o interlocutor.

Pela explicação de cada dimensão, entende-se que o ato locucionário salienta o ponto de vista lógico e semântico. Para contribuir ao presente trabalho que é aquisição de LA a partir da teoria pragmática, analisaremos apenas o uso de *hedges* através da função ilocucionária e seu efeito perlocucionário.

As classificações dos atos de fala (SEARLE, 1969/1979) são as seguintes:

- i. Representativos: aqueles que comprometem o falante com a verdade da proposição expressa (concluir, afirmar, declarar etc.).
- ii. Diretivos: aqueles que são tentativas, por parte do falante, de fazer com que o ouvinte faça algo (pedir, questionar, exigir).
- iii. Comissivos: aqueles que comprometem o falante com a realização de uma ação futura (prometer, ameaçar, oferecer).
- iv. Expressivos: aqueles que expressam um estado psicológico do falante (agradecer, perdoar, desculpar-se).
- v. Declarativos: aqueles cujo efeito causa mudanças imediatas no estado de coisas e que tendem a apoiar-se em instituições extralinguísticas (um presidente ao declarar guerra, um padre ao batizar, um chefe ao demitir).

(Tradução de PERNA, 1992, p. 29-30)

Ainda foi Searle (1975) que sugeriu fazer uma distinção entre o ato de fala direto e o ato de fala indireto, enquanto Leech (1983, p. 37-38) argumentou que todo ato de fala é indireto para atingir um determinado objetivo. A diferença entre um e outro é apenas o grau da indiretividade<sup>34</sup>. Seja qual ponto de vista seguiremos, não podemos negar que na aquisição de LA, o que dificulta mais a aprendizagem seria o ato de fala indireto.

Quando pensamos no uso de *hedges*, esse tipo de termo pode ocorrer em todos os tipos

---

<sup>34</sup> Indirectness.

de atos de fala, que modificam o grau de indiretividade dos enunciados. No entanto, embora os linguistas como Lakoff (1973), Brown e Levinson (1987) tivessem denominado os *hedges* como elementos que têm capacidade não só de enfraquecer, mas também de fortalecer o compromisso dos falantes, muitos pesquisadores limitam a função de *hedges* com intuito de fazer o enunciado mais vago do que menos vago, ou mostrar a combinação “menos do que perfeita” (CHAFE, 1986, p. 270) entre o conceito e a categorização da linguagem, porque eles nos dão “uma percepção tanto negativa como incompleta” (SKELTON, 1997, p. 42).

“O que chamamos de *hedges* são denominados também *weakeners* (Brown – Levinson 1978), *downtoners* (Holmes, 1982; Quirk et al. 1985), *detensifiers* e *understatements* (Huebler, 1983), e indicadores de graus de confiabilidade. (Chafe 1986)”

(CRISMORE & KOPPLE, 1997, p. 225)

É difícil encontrarmos estudos, mostrando que tais palavras podem ser elementos para clarear o sentido do enunciado. Uma de suas funções é explicitar os tipos de ato de fala e esclarecer o objetivo do falante. Essa função de *hedges* é bastante evidente nos *hedges* performativos, descritos por Robin Lakoff em 1975.

Por exemplo, um enunciado “O Pedro não está aqui?” pode ser interpretado como “Eu **acho que** o Pedro está aqui” (ato de fala representativo) ou “Eu **queria** que o Pedro estivesse aqui.” (ato de fala diretivo) etc., no qual ficará mais clara a intenção do falante após o adicionamento dos *hedges*.

Clark (1979, p. 431 – 434), a partir da literatura na área da filosofia e da linguística, propõe seis propriedades principais para os atos de fala indiretos:

(1) *Multiplicidade de significados*

Atos de fala indiretos sempre têm mais de um significado, ou força ilocucionária. O significado literal ou direto (S1) e o significado indireto ou transmitido<sup>35</sup> (S2) não são os

---

<sup>35</sup> Indirect or conveyed meaning

significados distintos da sentença, mas duas partes do que o falante quer dizer no seu discurso neste momento, que também se chama “significados de falante”<sup>36</sup>.

(2) *Prioridade lógica de significados*

Os diversos significados de um ato de fala indireto não são transferidos paralelamente, mas provém de uma cadeia de significados, entre os quais, S1, como sendo o significado inicial, é logicamente inferior ao S2, que é o significado final. Um ato de fala indireto pode possuir mais de dois significados numa cadeia e inclusive pertencer a mais de uma cadeia.

(3) *Racionalidade*

A contingência lógica entre os dois significados de um ato de fala indireto tem uma base racional. Em primeiro lugar, o falante precisa assumir que ele e o ouvinte têm certos conhecimentos mútuos; em segundo lugar, ele tem que observar certos princípios de conversação cooperativa para que a fala dele seja relevante naquele momento; finalmente, ele deve respeitar certas convenções sobre o uso das sentenças na realização dos atos de fala diretos. Depois disso, ele terá certeza que o ouvinte será capaz de entender todos os significados do enunciado.

(4) *Convencionalidade*

Fazendo parte dessa base racional, há convenções sobre quais sentenças podem ser utilizadas por quais atos de fala indiretos. Existem dois tipos de convenções:

- i. Convenções de significado: aquelas que especificam o dispositivo semântico pelo qual um ato de fala indireto pode ser realizado.
- ii. Convenções de forma: aquelas que definem a escolha do grau idiomático mais adequado para certa situação.

(5) *Polidez:*

---

<sup>36</sup> Speaker meaning

Segundo o autor, talvez a motivação principal para o uso de atos de fala indiretos seja a polidez.

(6) *Intencionalidade*<sup>37</sup>:

Os atos de fala são intencionais. Os falantes escolhem e produzem atos de fala indiretos a fim de atingir um determinado objetivo, e os ouvintes tentam inferir esse objetivo e os papéis que os atos de fala assumem.

Clark (1979, p. 434) explica também que tais atos de fala indiretos podem provocar três tipos principais de resposta: *A resposta esperada*, em que o ouvinte coopera totalmente e as circunstâncias são corretas; *a resposta cooperativa, mas não-esperada*, em que o ouvinte entende a intenção do falante, mas não oferece ou não consegue oferecer a informação esperada, e *a resposta não-cooperativa*, sendo considerada uma falha de comunicação. Considerando somente a resposta esperada, o autor justifica suas propriedades principais:

(1) Multiplicidade dos movimentos:

Assim como atos de fala indiretos têm mais de um significado, as respostas esperadas podem conter mais de um "movimento" (M), termo usado por Goffman em 1976.

Ex.: A: Você tem horas?

B: Sim tenho (M1), são três (M2).

(2) Funções dos movimentos:

a. Movimentos preliminares:

Ex.: *Deixe-me ver...*, são seis horas.

b. Movimentos esperados:

Ex.: Tenho (M1), são seis (M2).

---

<sup>37</sup> Purposefulness

## c. Movimentos adicionais

Ex.: Tenho, s ão seis, *temos que ser r ápidos!*

## (3) Ordem dos movimentos:

Os movimentos esperados sempre seguem a ordem l ógica dos significados correspondentes de um ato de fala indireto, mas a ordem pode ser mudada pela inser ç ão de um movimento adicional por certo motivo.

Ex. 1: Sim, s ão seis horas.

\* S ão seis. Sim, eu tenho.

Ex. 2: A: Pode me emprestar um d ólar?

B: Posso, mas s ó vou emprestar para voc ê

## (4) Sele ç ão dos movimentos:

Nem todas as respostas s ão verbais, mas uma resposta esperada deve possuir, pelo menos, um movimento que responde o significado final daquele ato de fala.

Ex.: Sim, s ão seis horas.

S ão seis horas.

\* Sim.

## (5) Polidez:

As respostas com dois movimentos s ão consideradas mais polidas do que as com apenas um movimento.

Ex.: Tenho (M1), s ão seis horas (M2).

## (6) Elipse:

As respostas aos atos de fala s ão geralmente com muito uso el íptico.

Ex.: Sim, eu tenho horas, agora s ão seis horas. (resposta raramente encontrada)

Pensando nos *hedges*, o uso deles pode aumentar as propriedades dos atos de fala indiretos. Em primeiro lugar, como já foi citado, *hedges*, principalmente os performativos, podem esclarecer os tipos de ato em alguns enunciados, demonstrando a multiplicidade dos significados. Consequentemente, a propriedade lógica de cada significado fica, também, mais evidente. Em segundo lugar, a aplicação dos termos semanticamente vagos mostra a incerteza do conhecimento do falante. Essa “incerteza” deve ser entendida por duas possibilidades: a primeira, que o falante não possui a informação exata que ele quer passar para o ouvinte; a segunda, que o falante não está seguro quanto ao conhecimento mútuo que ele e o ouvinte têm em comum. Essas duas possibilidades provocam a tentativa do falante de estabelecer certa imprecisão na sua fala a fim de proteger a racionalidade e convencionalidade desta. E por fim, o uso dos termos pragmaticamente vagos revela a manipulação linguística do falante para manter uma determinada distância do ouvinte, visando a atingir a intencionalidade do enunciado de forma mais adequada possível.

Igualmente, nas respostas aos tais atos de fala indiretos, alguns *hedges* podem ser considerados como movimento preliminar que, embora não faça parte da informação esperada, garante a continuidade dos enunciados. E a inserção de mais um movimento faz com que a resposta seja mais polida e com a ordem dos movimentos mais flexível.

Vejamos o seguinte exemplo:

(Numa loja chique, uma menina de cinco anos estava tomando um sorvete quando sujou sua roupa com a calda de chocolate. Uma atendente viu a cena e perguntou à criança...)

A: Querida, tu tens um lenço?

C: Tenho, **mas acho que...** não posso te emprestar, não!

A pergunta da atendente é considerada como um ato de fala diretivo, pois contém dois significados: o S1 que é um pedido de informação para a criança – “tu tens um lenço ou não?” e o S2, o significado não explícito – “Tu deves usar um lenço para limpar a sua roupa e para não sujar as roupas da loja”. Nessa frase, o S2 vem logicamente depois de S1 e fica superior ao S1. Na resposta da criança, há três movimentos: M1, uma resposta esperada – “Tenho”; M2, uma resposta preliminar – “mas acho que...” e M3, uma resposta adicionada e não esperada – “não posso te emprestar, não”. Nesses movimentos, M2, “mas acho que...” é

considerada como *hedge*, cuja função é trocar o tópico dos movimentos, ligando o esperado com o não esperado. Observamos que a presença dele faz com que o M3 pareça mais suave e polido.

Infelizmente, o diálogo entre a atendente e a criança mostrou uma falha de comunicação – a criança não reconheceu todos os significados do ato de fala indireto da atendente. Isso ocorreu por que a atendente violou o princípio de cooperação da comunicação e fez uma implicatura conversacional na fala dela, a qual a criança não conseguiu entender.

### 1.3.2 *Hedges* e implicatura conversacional

Em 1967, Grice propôs, na conferência de William James em Harvard, que a comunicação entre os participantes precisa obedecer a uma série de princípios, especialmente “o princípio de cooperação” (doravante PC), a fim de transmitir eficientemente as intencionalidades do falante:

**PC:** “Faça com que sua contribuição conversacional siga as exigências, de acordo com o estágio em que ocorre, pelos propósitos aceitos ou pela orientação do discurso no qual você está engajado.” (Tradução de PERNA, 2008, p. 145).

Baseados nesse princípio, quatro máximas de comunicação são estabelecidas (GRICE, 1975, p. 45-46):

- Quantidade:

(1) Faça com que sua contribuição seja mais informativa como exigida.

(2) Seja sucinto.

- Qualidade:

Faça com que sua contribuição seja única e verdadeira.

(1) Não diga o que acha falso.

(2) Não diga o que possui falta de evidência.

- Relação:

Faça com que sua contribuição seja relevante.

- Modo:

Faça com que sua contribuição seja clara.

- (1) Evite a obscuridade da expressão.
- (2) Evite a ambiguidade.
- (3) Seja breve (evite prolixidade desnecessária).
- (4) Seja ordenado.

Grice acredita que tal mecanismo garante a comunicação bem sucedida, no entanto, nem sempre, essas máximas podem ser obedecidas em um fenômeno de conversação que, de certo modo, pode ser entendido como um diálogo produzido pelos participantes, no qual sempre existe um conhecimento mútuo entre o locutor e o interlocutor em relação ao assunto. Nesse sentido, não é necessário que a produção seja toda vez direta e totalmente explícita. Assim, surge a implicatura conversacional.

Grice (1975, 1989) sugere que existem cinco características das implicaturas:

- i. Calculabilidade:

Cada implicatura conversacional pode ser calculada dedutivamente com passos das inferências em um determinado contexto. Como os *hedges* só modificam o valor e a força dessas inferências, mas não se trata de uma inferência inteira que ocupa um passo sozinho, por isso a característica de calculabilidade não é muito importante para eles.

Ex.: A: Você acha que eu preciso ligar para a Paula porque a gente tem que chegar cedo amanhã?

B: Não te preocupa, a Paula **não** é chinesa???

*B* parece violar a máxima de relação, que não está respondendo a pergunta de *A*. No entanto, em vez de somar as significações das palavras, *A* consegue entender a implicatura da fala de *B* pelo cálculo dos seguintes passos:

- **Tu deves concordar** (combinado com “não é”) que a Paula é chinesa.
- Os chineses sempre são pontuais.
- Aqueles que são pontuais chegam cedo.
- A Paula vai chegar cedo.
- Não *precisaria* lembrar a Paula que temos que chegar cedo amanhã
- Não *precisaria* ligar para a Paula.

Observamos que o sentido ou a força que o *hedge* dá para o enunciado só ocorre em um ou alguns passos, mas dificilmente aparece em todas as inferências e também não ocorrem sozinhos como um passo próprio.

ii. Cancelabilidade:

As implicaturas inferenciais podem ser canceladas quando se acrescentam algumas premissas adicionais às premissas iniciais. Essa característica de implicatura talvez seja a mais importante no estudo de *hedges*. Por exemplo:

- **Quase** todos os brasileiros gostam de futebol.
- Ele é um pouco de sabedoria, **pelo que me disseram**.
- Terça que vem **seria** dia do exame, **se não tivesse** jogo do Brasil.

O acréscimo dos *hedges* nos exemplos faz o falante abandonar a implicatura sugerida. A estratégia do uso de *hedges* nesse caso é sobretudo, para evitar a violação da máxima de qualidade.

iii. Não-destacabilidade:

Uma implicatura presa ao conteúdo semântico é independente da sua forma de dizer. Essa característica não é muito importante para os *hedges*. É óbvio que sempre podemos expressar a nossa intenção com os enunciados de forma diferente. Podemos também substituir os *hedges* por os não-*hedges* e vice-versa. No entanto, na substituição, não podemos garantir que a força ilocucionária que indica a função mais importante dos *hedges* não seja modificada. Por exemplo:

- Se eu **fosse** você, não **iria** usar aquele vestido de cor laranja para a festa.
- **Seria melhor** não usar aquele vestido de cor laranja para a festa.
- **Somente** idiotas vão usar um vestido de cor laranja como esse para a festa.

#### iv. Indeterminabilidade

A mesma sentença pode gerar diferentes implicaturas nos contextos diferentes.

Ex.: (O filho de A é manco da perna esquerda)

B: Por que A não trouxe o filho dele para a festa? Está todo mundo dançando e se divertindo

C: **Acho que ele não se sentiria bem** aqui.

Nessa cena, presumimos que B não sabe que o filho de A é deficiente, por isso pergunta para C, que é amiga de A. Em vez de contar o “segredo”, C utilizou dois *hedges* para que a implicatura seja indeterminada e ao mesmo tempo não seja mentira. Aqui, neste enunciado, não se trata de uma violação da máxima de modo, deixando a frase ambígua, mas de uma estratégia de comunicação de forma ética.

#### v. Não-convencionalidade:

A implicatura não se restringe ao significado convencional das palavras do enunciado. A interpretação só se faz a partir da implicatura conversacional.

Ex.: A: Como andam as aulas de mandarim? Os alunos estão aprendendo?

B: **Bom, alunos são alunos, né!**

Se considerarmos apenas o significado convencional da palavra “alunos”, a fala de B violará a máxima de relação cuja implicatura, embora seja verdadeira, não é relevante. No entanto, os *hedges* aqui estão mostrando os aspectos em comum entre os alunos que talvez não gostem de estudar regularmente; somente estudem para as provas; mas que estejam sempre aprendendo e assim por diante. Além disso, sendo um tipo de expressão analógica, o *hedge* “alunos são alunos”<sup>38</sup> mostra a atitude do falante que, embora não esteja muito satisfeito com o desempenho dos alunos, está tentando entendê-los e não pretende fazer

---

<sup>38</sup> Na filosofia e linguística, esse tipo de expressão é chamado de “tautologia”.

cr ficas severas.

Observamos que a cooperação dos participantes vai muito além da precisão semântica das informações que estão passando, pois a implicatura é suscitada somente através da interação dos participantes em um determinado contexto. Nesse sentido, a aplicação de *hedges* mostra que a maior preocupação do falante não é o valor de verdade da proposição, mas a sua própria identidade, entendida como a face social nas comunicações.

### 1.3.3 *Hedges* e teoria de polidez

Ser polido, talvez, seja a razão principal do uso dos *hedges*. Embora não possamos dizer que isso seja a única motivação (de fato, os *hedges* nem sempre representam uma fala polida), a polidez é um fato essencial para que a comunicação seja bem sucedida. Além disso, nos casos em que os *hedges* não se aplicam a uma fala polida (por exemplo, ironia), a indiretividade e a vaguidade deles ainda mostram, de certo modo, a consciência de polidez.

Com base na discussão do Princípio Cooperativo de Grice, Leech (1983, p. 80) indica as seguintes questões que o PC não justifica:

- (1) Por que as pessoas são sempre tão indiretas para expressar o que elas querem dizer?
- (2) Qual é a relação entre o sentido e a força quando as sentenças não-declarativas estão sendo consideradas?

As duas perguntas mostram a que o princípio de polidez (doravante PP) se dedica. De acordo com Leech, o PP não deve ser considerado somente como o princípio adicionado de acordo com PC, mas como um complemento necessário, que resolve os problemas causados pelo PC. Abaixo são as máximas do PP (LEECH, 1983, p. 132)

- 1) Máxima de Tato (nos impositivos e comissivos)
  - a) Minimizar o custo de outros
  - b) [maximizar o benefício de outros]
- 2) Máxima de Generosidade (nos impositivos e comissivos)

- a) Minimizar o próprio benefício
  - b) [maximizar o benefício de outros]
- 3) Máxima de aprovação (nos expressivos e assertivos)
- a) Minimizar a crítica de outros
  - b) [Maximizar o elogio de outros]
- 4) Máxima de modestia (nos expressivos e assertivos)
- a) Minimizar o elogio de si
  - b) [maximizar a auto-crítica]
- 5) Máxima de acordo (nos assertivos)
- a) Minimizar a não concordância com outros
  - b) [Maximizar o acordo com outros]
- 6) Máxima da simpatia (nos assertivos)
- a) Minimizar a antipatia com outros
  - b) [Maximizar a simpatia com outros]

Vimos que Leech define as máximas do PP junto com as categorias dos atos de fala. Isso quer dizer que é a força ilocucionária que decide a forma e o modo da enunciação, e a escolha lexical depende dos tipos dos atos de fala. Sendo um elemento lexical bastante utilizado nas estratégias de polidez, os *hedges* se utilizam também de acordo com tais tipos dos atos de fala.

- *Hedges* e atos que ameaçam a face<sup>39</sup> (doravante FTAs)

Conforme LoCastro (2003, p. 110), vários fatores sociais devem ser considerados numa comunicação interpessoal, tais como fatores externos que são baseados nas classes sociais, idades, gêneros e poder, e fatores internos que envolvem os aspectos de imposição, intimidade e as atitudes dos participantes.

São esses fatores extralinguísticos que levam às escolhas e alterações linguísticas, por

---

<sup>39</sup> face threatening acts.

isso, eles são as motivações mais importantes para o uso dos *hedges*. Ou seja, embora na maioria das vezes, o emprego dos *hedges* seja inconsciente, ele deve ser o fruto da tendência a preservar uma imagem positiva na fala dos sujeitos. Essa imagem positiva se refere à concepção de ‘face’ (GOFFMAN 1967, BROWN & LEVINSON, 1987).

- *A noção de ‘face’*

A noção de “face” foi explorada por Goffman em 1967, e é associada aos sentimentos coletivos numa dada comunidade cultural. Nas comunicações pragmáticas, “face é algo emocionalmente investido que pode ser perdido, mantido ou realçado, e tem que ser constantemente atendido na interação.” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 61). Para explicar as estratégias de evitar a ameaça da face nas comunicações, Brown e Levinson sugerem uma categorização de FTA, dividindo a noção de ‘face’ como ‘face positiva’ e ‘face negativa’. Esta se refere ao desejo de cada indivíduo de que seus atos não sejam impedidos pelos outros e aquela se refere ao desejo de cada indivíduo de que os seus desejos sejam reconhecidos por pelo menos alguns dos outros (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 62).

- *Estratégias de polidez*

Para adaptar os dois tipos de “face” que são possivelmente ameaçados, Brown e Levinson sugerem duas estratégias de polidez: polidez positiva e polidez negativa, que correspondem à face positiva e à face negativa.

Os dois tipos de polidez podem ser considerados como *face-working*. A polidez positiva enfatiza a intimidade ou o benefício em comum dos participantes, enquanto a estratégia da polidez negativa cria certa distância entre os sujeitos na conversação. Por exemplo:

- Deixe-me ver a sua resposta? (polidez positiva)
- Eu poderia dar uma olhada na sua resposta? (polidez negativa)

De acordo com Brown e Levinson (1987, p 145), “as intenções comunicativas são reguladas e codificadas nos atos de fala, e se alguém considera as condições nos usos apropriados, a motivação da ameaça se torna clara”. Por isso, a escolha linguística na

perspectiva da polidez se focaliza nas correlações das noções de *face-wants*, *face-threats* e *face-work*. Por exemplo:

- A) Passe aquele caderno para mim, por favor?
- B) **Poderia** passar aquele caderno para mim, por favor?
- C) **Se não fosse** incômodo, **poderia** passar aquele caderno para mim, por favor?

De A para C, os enunciados se tornam cada vez mais polidos com maior preocupação da ameaça da face negativa. Por isso, dizemos que os *hedges* são mais utilizados nas estratégias de polidez negativa.

## 1.4 CLASSIFICAÇÕES

### 1.4.1 Revisão da literatura

Desde a introdução da concepção, os *hedges* foram categoriados por vários cientistas a partir dos diferentes pontos de vista. Entre eles, as citações mais encontradas são as de Zadeh (1972) e Prince et. al (1982). Sendo a primeira tentativa, Zadeh classificou *hedges* em quatro grupos pelo ponto de vista gramática:

- 1) Alguns adjetivos e advérbios: tipo, um pouco, geralmente, às vezes, recentemente etc. (*sort of, a little bit, always, usually, recently etc.*)
- 2) Palavras com sufixos: -inho, -ão, -mente etc. (*-ish, -likely, -ly etc.*)
- 3) As expressões (*phrases*): como se, tão... que... etc. (*as if, so...that... etc.*)
- 4) As sentenças: Eu acho, eu suponho, tanto quanto posso afirmar etc. (*I think, I guess, as far as I can tell etc.*)

Depois de Zadeh, outros pesquisadores como Prince, Frader e Bosk (1982) fizeram uma análise de *corpus* dos discursos falados pelos médicos e distinguiram os *hedges* em dois

tipos: o primeiro refere-se aos “aproximadores”<sup>40</sup> que modificam os conteúdos semânticos. O segundo, os “protetores”<sup>41</sup>, são aqueles que assumem o papel do locutor para não comprometer a fidedignidade da fala.

Existe ainda uma subcategorização que classifica cada grupo desses *hedges* em mais dois tipos:

1. Adaptadores<sup>42</sup>:

Aqueles que são capazes de mostrar o grau de verdade de um elemento linguístico. Uma palavra, um sintagma ou uma sentença ficam mais adequados ou verdadeiros em função do uso desse tipo de *hedges*.

Ex.: **De certo modo**, a fala dos falantes nativos é ideal para os aprendizes.

2. Arredondadores<sup>43</sup>:

Aqueles que oferecem “espaço” em certo âmbito das palavras, fazendo com que os termos originais fiquem menos certos.

Ex.: A minha casa fica **mais ou menos** a 5 km daqui.

3. Plausibilidades<sup>44</sup>:

Aqueles que são produzidos diretamente para mostrar a incerteza ou a adivinhação do falante. Nesse caso, o falante é responsável pela declaração, porém, os *hedges* fazem com que o julgamento seja minimizado.

Ex.: **A meu ver**, isso não vai acontecer.

4. Atribuições<sup>45</sup>:

Os *hedges* desse tipo também se usam quando se faz uma declaração que não envolve muita certeza ou o falante não quer se comprometer com a declaração. Mas são diferentes do

---

<sup>40</sup> approximators

<sup>41</sup> shields

<sup>42</sup> adaptors

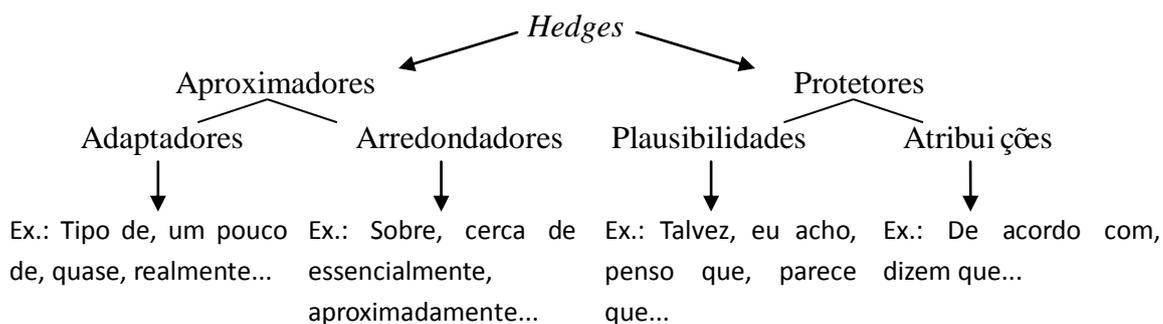
<sup>43</sup> rounders

<sup>44</sup> plausibilities

<sup>45</sup> attributions

outro tipo de protetores: as atribuições são produzidas pelo falante através de um discurso indireto, ou seja, é um julgamento de outras pessoas.

Ex.: **Ouvi falar** que a Maria já se casou.



Prince et. al. (1982)

#### 1.4.2 Discussão das limitações

Como vimos na seção anterior, as classificações feitas na década 70 e 80 dão maior ênfase ao ponto de vista gramatical e dispositivo semântico. Embora a categorização de Zadeh, sendo o trabalho pioneiro, mostre os possíveis elementos que podem ser considerados como *hedges*, o modo de análise não contribui para a pesquisa pragmática. Quanto ao trabalho de Prince et. al., a classificação parece fornecer um parâmetro bastante claro para análises dos dados. Ela, todavia, é estabelecida fora do contexto. Nem todas as vezes, podemos afirmar que uma expressão representa o grau de verdade ou a atitude de responsabilidade do sujeito falante.

Vejamos os seguintes exemplos:

(1) A: O que você acha do fenômeno de cuspir na rua no Brasil?

B: **Eu acho...** é que... claro que é muito feio né..

(2) A: Qual vestido combina melhor com minha calça?

B: Talvez o verde seja mais claro. **EU**<sup>46</sup> **acho** n é?! Mas ambos s ão bonitinhos!

(3) A: Onde a Maria foi?

B: **Eu acho** que ela foi para casa, n ão sei.

(4) A: Posso ir l á às 5h?

B: Desculpe, mas **eu acho** que a senhora precisaria ir mais cedo.

Na classificação de Prince et. al. (1982), a expressão “Eu acho...”, é uma forma de *hedge*, que pertence à categoria “plausibilidade”, subgrupo de “protetores”. Porém, se considerarmos dado ato de fala em contextos diferentes, nem sempre, a expressão sustentar á a função de “proteger a precisão da informação”.

Em 1), *B* responde a pergunta de *A* sobre a opinião de “cuspir na rua no Brasil” com o começo “Eu acho...” e mais uma pausa, na fala, como um sinal de pensamento. Nesse exemplo, n ão podemos dizer se *B* usa a expressão “eu acho” para dar somente uma opinião pessoal ou uma resposta sem exatid ão. Ao contrário, a palavra “claro”, que vem depois, confirma que a atitude de *B* é bem definida, contrariando a classifica ção de Prince et. al. (1982). De acordo com a explica ção de Clark (1979), tal tipo de enunciado pode ser considerado como um movimento preliminar de uma resposta a um certo ato de fala. Embora n ão seja parte necess ária da informa ção esperada, oferece uma continuidade à resposta seguinte.

Podemos igualmente fazer a análise semelhante com os outros exemplos: Em 2), “Eu acho” é usado depois de uma opinião pessoal, com um ênfase na palavra “eu” para não fazer uma afirma ção categ órica. Em 3) a mesma express ão é utilizada para fazer uma suposi ção. Em 4) o *hedge* é usado para sugerir o hor ário mais adequado para a senhora ouvinte, evitando a amea ç a da face do interlocutor.

Observamos que para identificar a infer ência do enunciado, categorizar os *hedges* a partir da maneira como eles s ão utilizados na intera ção comunicativa, n ão podemos analisar

---

<sup>46</sup> A palavra “eu” possui um entonação maior do que outros elementos no enunciado (veja a próxima subseção).

apenas o dispositivo semântico desse tipo de termo de forma isolada, mas sim através da inserção “em agrupamentos, em combinação, em funcionamento com outros elementos.” (KOCH, 2006, p. 25), considerando o contexto como um todo. Então, como definimos o contexto e quais fatores devemos levar em conta? Esse será o assunto da seção seguinte.

### 1.4.3 Contexto e Contextualizadores

As concepções de contexto variam em paradigmas alternativos de pesquisa, os quais não são possíveis de ser definidos de maneira única (GOODWIN & DURANTI, 1992; KOCH, 2006). Aqui, colocamos uma descrição de como o fenômeno é investigado em diferentes estratégias.

Segundo Koch (2006, p. 22-24), a noção atual de contexto percorreu um caminho muito longo para conseguir abranger todas as compreensões de contexto investigadas anteriormente. A tabela a seguir resume as três fases de análise e suas estratégias de processamento. Cabe mencionar que todas as fases que posteriormente surgem englobam as demais que vêm antes.

Fases	Concepções de contexto	Estratégias de processamento
<p><b>Análise transfrástica</b></p> <p>↓</p> <p><b>Análise sociointeracional</b></p> <p>↓</p>	<p><b>Co-texto</b> (Uma sequência ou combinação de frases, cuja unidade e coerência seria obtida através da reiteração dos mesmos referentes ou do uso de elementos de relação entre segmentos maiores ou menores do texto);</p> <p><b>Situações de interlocução</b> (Atividade intencional e social, visando a determinados fins);</p>	<p>Conjunto de decisões concernentes à textualização, feitas pelo produtor do texto, tendo em vista seu “projeto de dizer” (pistas, marcas, sinalizações);</p> <p>Sociointeracionais, como preservação das faces, polidez, atenuação, atribuição de causas a (possíveis) mal-entendidos etc.;</p>

<p><b>Análise sociocognitiva</b></p>	<p><b>Conhecimento sócio-histórico-cultural</b> (O conhecimento enciclopédico, sociointeracional, procedural <sup>47</sup> dos interlocutores).</p>	<p>Cognitivas, como as inferências, a focalização, a busca da relevância.</p>
--------------------------------------	---	---

**Tabela 1 – Três fases de análise do contexto**

Assim, tentemos analisar os seguintes exemplos:

❶ “**Talvez** possamos ir juntos.”

Se não houvesse nenhum contexto explícito, seria possível que a frase acima fosse interpretada de maneiras distintas. O *hedge* “**talvez**” pode se referir, pelos menos, a duas ideias: a) de uma possibilidade que “eu” não tenho certeza se conseguirei ir ou não; b) de sugerir ao ouvinte para ir a algum lugar juntos. Entretanto, uma vez que obtivermos mais informações de contexto, a frase fica menos vaga:

❷ **Talvez** possamos ir juntos, mas tu que sabe!

De acordo com o co-texto, o adicionamento de “mas tu que sabe” passa-nos a informação de que o enunciado pode não ter sentido a) que supomos antes, embora ainda não seja claro sobre o que o locutor realmente quer dizer...

❸ A: Vamos para a praia?

B: Ah... émas muito longe...

A: Eu tenho carro, **talvez** possamos ir juntos, mas tu que sabe.

Agora, fica bem mais definida a intenção do locutor graças à ampliação de co-texto. E quando pensarmos no contexto sociointeracional, observamos que *B* usa o ato de fala indireto para responder a pergunta de *A*. Ele não afirma se quer ou não quer; vai ou não vai para praia, a fim de evitar a ameaça de face, pois não queria mostrar o fato de não ter carro ou de não

---

<sup>47</sup> “Conhecimento procedural” (KOCH, 2006, p. 24) também se chama “conhecimento procedimental” (GONÇALVES, 2005, p. 60), cuja origem é provavelmente do termo em inglês *procedural knowledge* (BYBEE, 2008, p. 220; SOUZA, 2009, p. 168; ). No entanto, as palavras “procedural” e “procedimental” não foram encontradas nos dicionários Houaiss (2010, 5ª edição) e Aurélio (2009, 5ª edição). No Dicionário de Inglês-Português (2009, 5ª edição), o termo procedural é traduzido como “procedimental” e “por procedimento”.

aceitar o convite. Sendo assim, A decide fazer mais uma tentativa, usando o enunciado igualmente vago: a palavra “**talvez**” serve para a afirmação de “eu tenho carro (mas não quero dizer que você não tem)” e “(ofereço a oportunidade de irmos juntos para a praia no meu carro), mas tu que sabe (ir ou não ir)”.

No entanto, o diálogo pode ser mal entendido por falantes de outra cultura, em função de não haver o contexto sociocognitivo compartilhado. Muitos aprendizes chineses de nível intermediário<sup>48</sup> não entendem a frase “você que sabe!” e a explicam com base na tradução literal a partir da sua língua materna:

(Três interpretações mais encontradas da frase “você que sabe!”)<sup>49</sup>

- (1) Você sabe (o fato de que eu tenho carro).
- (2) Então você decide ir ou não. (O falante está chateado com a “recusa” anterior.)
- (3) Mas, você sabe... (o fato de que, por exemplo, o carro é pequeno, espero que não se importe) – Embora termine com ponto de exclamação, a frase foi entendida como incompleta.

Por isso, a presença de contextualização contribui para a análise conversacional em termos de estudo das implicaturas, força ilocucionária, efeito da sequencialidade nas construções discursivas face a face, e assim por diante. Caso contrário, acontece a falha de comunicação:

“Problemas de comunicação causados por convenções de contextualização refletem fenômenos que são tipicamente sociolinguísticos no sentido de que seu peso interpretativo é muito maior do que seu significado linguístico conforme medido pelas técnicas comuns da gramática constrativa. Sempre que tais convenções ocorrem, têm o efeito de mudar retrospectivamente o caráter daquilo que ocorreu anteriormente e de remodelar todo o curso de uma interação.” (GUMPERZ, 2002, p. 180)

Para Gumperz (1992, p. 231), o contexto é um processo inferencial marcado pelas pistas de contextualização (ou “contextualizadores”), que podem ser resumidas em quatro

---

<sup>48</sup> Foi feita, informalmente, a pergunta a dez aprendizes chineses que possuem certificado de proficiência de PLA com nível intermediário, sobre o seu entendimento do diálogo. Somente um deles entendeu a frase “você que sabe”, semelhantemente aos falantes brasileiros, e ainda afirmou que tinha ouvido esse tipo de enunciado com seus amigos brasileiros.

<sup>49</sup> Os problemas de compreensão não são o foco do presente trabalho. Colocamos os exemplos aqui para mostrar a distinção entre as três fases de análise do contexto.

aspectos:

1. **Prosódia:** entonação, acentuação e troca de clave.
2. **Sinais paralinguísticos:** ritmo, pausa, hesitação, sincronia conversacional, sobreposições de turno e outras pistas expressivas de “tom de voz”.
3. **Escolha do código:** a alternância de código, de estilo e seleção entre as opções fonética, fonológica ou morfossintática, dentro de um repertório linguístico.
4. **Formas de seleção lexical ou expressões formulaicas:** rotinas de abertura e fechamento ou expressões metafóricas.

Existem, também, pistas não-verbais, tais como o direcionamento do olhar, a expressão fisionômica, o distanciamento entre os interlocutores, a postura, a presença de gestos e assim por adiante, que contribuem e transformam para a sinalização de pressuposições contextuais. No entanto, elas não serão consideradas para o presente trabalho.

#### 1.4.4 Nova sugestão da classificação de *hedges*:

Com base nas limitações discutidas da categorização anterior e nos tipos de contexto apresentados, sugerimos uma nova classificação dos *hedges* para análise dos dados do presente trabalho:

##### I. *Hedges* como marcadores discursivos:

Independentemente da escolaridade dos falantes e tipos de atos de fala, a ocorrência dos *hedges*, tais como “né”, “sabe”, é muito alta nas produções orais dos falantes brasileiros. Normalmente eles são produzidos inconscientemente com a frequência de uso mais alta do que outros tipos de *hedges*. A função deles inclui fazer abertura e fechamento, tomar e manter o turno, mudar o tópico e fazer com que as opiniões sejam reconhecidas e aceitas por outros participantes. Por exemplo:

**Acho que** os professores são muito pobres, **sabe!** Tu viste **né?** Os alunos nem te olham!

A definição de um *hedge* como marcador discursivo está também, de acordo com o

contexto. Em geral, a palavra “né” é sempre considerada como esse tipo de *hedge*, mas a palavra “acho” (ou “eu acho”) será reconhecida nessa categoria somente quando ela tiver função de movimento preliminar em enunciados argumentativos e não possuir maior ênfase na fala.

## II. *Hedges* pressupositivos:

Esta categoria encontra-se principalmente nos atos de fala representativos e declarativos. O locutor propõe a pressuposição de um futuro evento ou suposição e raciocínio diante de um fato acontecido. Por exemplo:

**Parece que** vai chover hoje.

Ele **deve** estar em casa agora.

Se eu **tivesse** férias mais longas, **aproveitaria** só para viajar!

Talvez seja interessante retomar alguns conceitos que vimos nas seções anteriores, nos quais o uso desse tipo de *hedge* nem sempre pressupõe a falta de evidências para fazer a afirmação. No entanto, devido aos fatores comunicativos, o locutor prefere não se comprometer na sua fala.

## III. *Hedges* declarativos:

São definidos como aproximadores por Prince et. al (1983), pois modificam o grau de verdade e o conteúdo semântico de um enunciado, a fim de protegerem a máxima de qualidade na passagem de informação. Os exemplos são:

Falta **uns** dez dias para a entrega do trabalho, estou **quase** enlouquecida!

**Às vezes**, duvido que ele seja brasileiro, pois **praticamente** não gosta de carnaval.

## IV. *Hedges* sugestivos:

Os falantes, quando derem sugestões, pedirem favores ou descreverem suas obrigações, usam *hedges* sugestivos para diminuir a ameaça de face:

**Poderia** me emprestar uma caneta?

**Quem sabe** você pega um taxi para chegar lá mais cedo?

Eu **deveria** ter feito a leitura.

### V. *Hedges* posicionais:

Os *hedges* pertencentes a essa classe evidenciam a fonte da informação ou pessoa responsável pela opinião. Quando usa “no meu ponto de vista”, “para mim” e “eu acho” com ênfase do “eu” no enunciado, o locutor assume o lugar responsável pelo julgamento, sem precisar comprometer-se com o valor de verdade do contexto referencial; os *hedges* “dizem que” e “ouvi falar” representam a ideia de que o falante coloca-se na posição de isenção de responsabilidade; o papel de “a gente” quando se refere somente ao locutor, denota a tentativa de demonstração de pertencimento na argumentação.

**Se não me engano**, o Brasil passou a chamar-se República Federativa do Brasil em 1967.

A: Você se importa de vir às 7h30 da manhã?

B: Ah! Muito cedo! **A gente** não consegue se levantar!

### VI. *Hedges* emotivos:

A função dos *hedges* emotivos é representar ou mostrar, de certa maneira, as emoções dos falantes de forma mais imprecisa. Em geral, eles aparecem através do uso de palavras de grau aumentativo ou diminutivo, que não apenas se referem ao tamanho do objeto. As frases com estrutura típica (por exemplo, pergunta retórica) também são consideradas como *hedges* emotivos. Na aquisição de PLA, os *hedges* dessa categoria podem ser uma dificuldade para os alunos, pois o sentido feito pelo enunciado não é necessariamente ligado com sua forma. Ambos “lindinha” e “lindona” podem aumentar o grau de sentido de “linda”, e “ela é bem mulherzinha” não necessariamente quer dizer que ela é magra ou baixa ou jovem, mas provavelmente está descrevendo a personalidade dessa mulher.

Ex.: Olá guriazinha, poderia me fazer um favorzinho? **Não** acha muito frio aqui???

A classificação que colocamos acima está de acordo com as estratégias pragmáticas que os *hedges* propõem no discurso. No entanto, em um determinado ato de fala, um *hedge* pode sustentar mais de uma classe. Nesse caso, iremos categorizá-lo a partir da sua função predominante. Vejamos os dois exemplos abaixo:

(1) Daqui a um ano, **de repente** vou me formar, mas não é certo. **De repente** eu me

formo no meio de 2012 ou no final do ano que vem, **de repente** viajar depois de me formar. É o plano, né?

(2) A: Não consegui me inscrever na disciplina.

B: **Talvez** seja melhor que você peça autorização para fazê-la como ouvinte.

O exemplo (1) é uma frase original do *corpus* da nossa pesquisa, no qual a expressão “de repente” aparece muitas vezes na fala de um informante, sendo o movimento preliminar dos enunciados, que pode ser uma produção inconsciente e portanto ser um marcador discursivo. No entanto, o uso dessa expressão na fala do sujeito sempre indica as possibilidades do seu estado no futuro. Nesse caso, consideramo-la como um *hedge* pressupositivo.

No exemplo (2), a palavra “talvez” também pode ser entendida como um *hedge* pressupositivo, mostrando a maneira possível de resolver o problema, mas o objetivo imediato desse enunciado é dar uma sugestão, e não apenas denotar a dúvida. Por isso, de acordo com sua função predominante, analisamo-la na categorização de *hedges* sugestivos.

Nesse capítulo, discutimos as teorias de *hedges* a partir da perspectiva pragmática e fizemos uma nova definição e classificação desse tipo de termo em português. No próximo capítulo, apresentaremos as teorias de linguística de *corpus*, que vão contribuir para a nossa metodologia de coleta de dados.

## 2 LINGUÍSTICA DE *CORPUS*

### 2.1 HISTÓRIA

Considerado como uma área interdisciplinar baseada nas pesquisas empíricas, o estudo de Linguística de *Corpus* (doravante LC) remete ao século XX, tendo sido difundido por linguistas e educadores tais como Boas (1940) e Thorndike (1921). Nessa época, ainda não havia *corpora* eletrônicos, e a ênfase de trabalho era de cunho pedagógica. A partir dos anos 1960, com o desenvolvimento tecnológico, a forma e a composição dos *corpora* tiveram um grande avanço. Em 1964, “época em que a ideia de gastar tempo e recursos financeiros para a coleta de registros linguísticos era vista com total incredulidade e hostilidade” (BERBER SARDINHA, 2004, p. 1-2), surgiu o primeiro *corpus* computacionalizado para fins de estudo linguístico, o *Brown Corpus*, compilado por um milhão de palavras de inglês americano. Desde então, nasceu mais uma dicotomia linguística:

(...) de um lado os linguistas neo-firthianos, britânicos na sua maioria, que tratam os *corpora* como repositórios de instâncias do uso real da língua, nos quais os exemplos que se encaixam, ou não, em uma teoria, ou que sustentam um ponto de vista em uma discussão devem ser selecionados querendo o pesquisador ou não (McENERY e GABRIELATOS, 2006). Do outro lado, temos os chomskianos americanos, que Fillmore (1992) denominou de “linguistas de poltrona”, ou seja, linguistas que buscam na intuição e nos exemplos introspectivos (em grande parte inventados pelos próprios pesquisadores) suas únicas fontes de dados.

(SARMENTO, 2008, p. 23)

No Brasil, as pesquisas com *corpora* eletrônicos de português datam dos anos de 1960. Entre os pioneiros, os *corpora* mais destacados, segundo Berber Sardinha (2004, p. 11), são compilados por Jean Roche nos anos 60, Maria Teresa Biderman em 1969, J. Hutchins nos anos 70, Clá Ramhe em 1971 e outros.

Nas décadas de 80 e 90, a invenção dos microcomputadores pessoais e outros recursos tecnológicos provocaram um franco crescimento da pesquisa de LC, especialmente no contexto europeu, em termos tanto de teorização quanto de criação de *corpora* e de materiais nas diversas áreas. Na mesma época, porém, o Brasil ainda estava em estágio inicial na área de LC, cujas pesquisas são mais concentradas no Processo de Linguagem Natural, Lexicografia e Linguística Computacional (BERBER SARDINHA, 2004, p. 6).

Hoje, os estudos focalizados na elaboração dos *corpora* (MEYER, 2002; THOMPSON, 2005; WYNNE, 2005; ADOLPHS, 2006; MCENERY, XIAO & TONO, 2006) representam um número considerável de trabalho, com uma representatividade cada vez mais definida. Além disso, há uma tendência de pesquisa pragmática baseada nas evidências empíricas (DASH, 2004; LAPIDUS & OTHEGUY, 2005; O KEEFFE, MCCARTHY & CARTER, 2007), especialmente nos estudos de LA. Começamos então nossa discussão a partir de algumas noções básicas de LC.

## 2.2 DEFINIÇÃO, CARACTERÍSTICAS E LIMITAÇÕES

A LC é definida por Beber Sardinha (2004, p.3) da seguinte maneira:

A Linguística de *corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjunto de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servir para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal dedica-se à exploração por meio de evidências empíricas, extraídas por computador.

Embora exista uma discussão sobre se a LC é uma metodologia ou uma disciplina independente da linguística, vamos considerá-la aqui, como uma metodologia quantitativa que possui um “sistema complexo de métodos e princípios sobre a aplicação de *corpora* no estudo e no ensino/aprendizado de línguas” (SARMENTO, 2008, p. 50). No entanto, em uma definição restrita, os linguistas de *corpus* não se referem aos pesquisadores que usam *corpora* na sua pesquisa e não se identificam como linguistas de *corpus* (HARDIE & MCENERY, 2010, p. 384).

Os dois pontos essenciais de LC podem ser resumidos como (1) a visão da linguagem como sistema probabilístico e (2) o método da pesquisa como abordagem empírica. De acordo com Biber, Conrad e Reppen (1998, p. 4) as características mais essenciais de LC são:

- É empírica, ou seja, analisa os padrões reais de uso em textos naturais;
- Utiliza uma grande coletânea de textos (um *corpus*, com princípios de coleta preestabelecidos) como base para análise;

- Faz um extenso uso de computadores para análise, podendo também utilizar técnicas automáticas e interativas;
- Depende de técnicas analíticas quantitativas e qualitativas.

(Tradução de SARMENTO, 2008, p. 24)

Incorporando as características principais apresentadas acima, Berber Sardinha (2004, p. 18) sugere que a definição do *corpus* mais completa seja a de Sanchez (1995, p. 8-9), em virtude de esta ter esclarecido a origem, o propósito, a composição, a formatação, a representatividade e a extensão – os seis pontos importantes que um *corpus* deve possuir:

Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise.

Após a apresentação das características que o *corpus* possui, discutiremos aqui as possíveis limitações de estudos baseados na LC. Maxwell (2010, p. 379-383), no seu artigo *Limitations of corpora*, colocou três aspectos das limitações de *corpora*:

- (1) É razoável acreditar que os seres humanos têm um componente interno especializado para a aprendizagem de línguas.
- (2) A linguagem está no cérebro.
- (3) A linguística não pode se limitar aos *corpora*.

Os pontos de vista de Maxwell são razoáveis e compreensíveis, mas sem grandes aplicabilidades para o estudo de LC. Primeiro, linguistas de *corpus* não negam o fato de que a linguagem é inata, e o ser humano tem sua competência linguística específica. No entanto, devido a diferentes objetos e objetivos de pesquisa, diferentes metodologias devem ser utilizadas conforme as perspectivas de investigação. A linguística de *corpus* estuda o que os falantes fazem com a língua (desempenho), e não a capacidade de usar a língua, considerada em abstrato (competência). Por exemplo, o autor (2010, p. 380) afirmou que a linguagem é mais complexa do que outras disciplinas, tais como física e matemática, no entanto as crianças conseguem adquirir a linguagem sem ter sido ensinadas, mas não necessariamente

aprendem outras disciplinas com igual sucesso. Por ém, ele ignora a realidade de que nós temos, tamb ém, disciplinas de l íngua materna nas quais nem todos têm a mesma performance. Todas as crian ças conseguem falar, mas nem todos os adultos conseguem comunicar bem. Por isso, precisamos de *corpora* para descrever, analisar e explicar essa diversidade lingu ística.

Além disso, a “linguística não pode se limitar aos *corpora*” como a linguística não pode se limitar a sintaxe, fonologia e pragmática. Nenhuma área tem capacidade de explicar todos os aspectos de uma l íngua. Com isso, o autor pretende argumentar que não há *corpus* suficientemente grande que seja capaz de representar uma determinada l íngua. Para melhor entendermos isto, basta constatar que não há um dicionário suficientemente extenso para representar todas as palavras que existem no sistema lingu ístico de uma l íngua. O *corpus* é utilizado como um objeto ou uma ferramenta de análise, mas não como uma demonstração de potencialidade. Por isso, como foi apontado por Sarmiento (2008, p. 52), “um *corpus* não consegue informar se algum fenômeno lingu ístico é possível ou não, apenas se é frequente ou não”.

De fato, quando discutimos as limitações, devemos nos restringir ao seu próprio âmbito de análise. Não podemos dizer que a limitação de *corpus* é a impossibilidade de representar a capacidade lingu ística, como não podemos dizer que a limitação de estudo sintático é fora de contexto. Ent ão, quais limitações que a LC finalmente possui? Propomos, aqui, algumas observações do nosso estudo:

#### 1. Limitações da tecnologia disponível:

O desenvolvimento de estudo de LC depende muito da tecnologia computacional e matemática. Embora o emprego do computador forneça uma análise lingu ística eficaz e flex ível, as ferramentas que existem hoje ainda mant éem as funções de análise e métodos de estatística muito limitados. Por exemplo, as palavras são identificadas somente em termos de forma, mas não voc ábulo, ou seja, fenômenos lingu ísticos, tais como polissemia e homon ímia ainda não são reconhecidos pelos programas.

Quanto a métodos de estatística, há também muitas questões a serem discutidas. O objeto de estudo lingu ístico é bastante complexo e abstrato, e é muito difícil de ser medido de forma precisa. Por exemplo, na ferramenta *WordList* do programa *WordSmith Tools 5.0* (2010),

o emprego do elemento “a razão forma/item padronizada”<sup>50</sup> é para neutralizar a influência do tamanho do texto na computação da “razão forma/item”<sup>51</sup> em consideração à existência de mais repetições lexicais nos textos maiores. No entanto, um texto composto por várias seções, que representa certos vocabúlos repetidos em cada seção temática depois de ser dividido por um determinado número de palavras, perde a sua característica de composição textual e, por consequência, o resultado calculado por computador pode ser afetado e compromete sua confiabilidade.

## 2. Limitações em transcrição:

Por um lado, ainda não há transcrições que consigam demonstrar a fidelidade total da fala e o contexto natural da produção. Por outro lado, devido a dificuldades temporais e financeiras, é impossível criar-se um *corpus* com representatividade significativa por apenas um pesquisador. A construção de *corpora* precisa de muita cooperação nacional e internacional. Porém, quando mais pesquisadores são envolvidos, é mais difícil que os critérios de transcrição sejam padronizados.

## 3. Limitações de contemporaneidade:

“Para ter representatividade, o *corpus* deve ser o maior possível” (BEBER SARDINHA, 2004, p. 22) e então, mais tempo e trabalho serão demandados. A compilação de um *corpus*, às vezes, leva anos e até décadas. Durante o processo de construção, o sistema linguístico, os fatores sociais e políticos, talvez já tenham mudado gradual ou radicalmente. Por exemplo, o contexto educacional de uma LA pode se modificar em um curto tempo e influenciar a produção dos aprendizes. Nesse sentido, é difícil garantir a contemporaneidade dos materiais coletadas.

## 4. A contúua polêmica na categorização de *corpus*:

---

<sup>50</sup> *Standardised Type-Token*: Veja explicação abaixo.

<sup>51</sup> *Type-Token Ratio*: Divide-se o total de formas pelo total de itens dividido por cem. Por exemplo, na frase “Ela gostaria de ir, mas de repente não vá conseguir”, o valor da razão seria  $9 \div (10 \div 100) = 90$ . O valor varia muito de acordo com o tamanho do texto.

A razão forma/item padronizada (*standardised type-token*): calcula-se a média dos valores de “razão forma/item” por cada X palavras. Por exemplo, na frase acima, se  $X=5$ , o valor seria  $[5 \div (5 \div 100) + 5 \div (5 \div 100)] \div 2 = 100$ .

Os tipos principais de *corpus*, segundo Beber Sardinha (2004, p. 20-21), podem ser agrupados pelos critérios tais como MODO (falado / escrito), TEMPO (sincrônico / diacrônico / contemporâneo / histórico), SELEÇÃO (de amostragem / monitor / dinâmico ou orgânico / estático / equilibrado), CONTEÚDO (especializado / regional ou dialetal / multilíngue), AUTORIA (de aprendiz / de língua nativa), DISPOSIÇÃO INTERNA (paralelo / alinhado), FINALIDADE (de estudo / de referência / de treinamento ou teste) entre outros, que podem ser cruzados na definição de um determinado *corpus*. No entanto, para coletar os dados a partir dos propósitos específicos, os pesquisadores devem levar em conta muitos fatores subcategorizados, entre os quais as questões de definição de classe social e de nível de proficiência de aprendizes podem causar a polêmica, já que cada pesquisador possui um critério diferente.

Por causa dessas limitações, principalmente devido à falta de tecnologia disponível na identificação do contexto e contextualizadores, decidimos fazer a maior parte da nossa análise de dados apenas manualmente após a coleta e compilação dos *corpora*. Contudo, vale comentar que as limitações apresentadas são possíveis de ser vencidas por desenvolvimento tecnológico em futuro próximo, por isso adotamos a metodologia de LC, em consideração ao seu grande potencial para futura pesquisa na área linguística, especialmente na aquisição de LA. Na próxima seção, tentaremos ilustrar alguns conceitos de *corpus* de língua nativa e de aprendizes, verificando como eles contribuem para investigação e ensino de LA.

### 2.3 CORPUS DE LÍNGUA NATIVA E DE APRENDIZES

Na seção anterior, mencionamos diversos critérios de categorização de *corpus*. Entre estes, segundo o critério de autoria, temos o *corpus* de língua nativa e de aprendizes de LA. Hoje, os dois tipos de *corpus* são bastante utilizados para o ensino na sala de aula em termos de lexicografia, gramática, estilística, tradução e assim por diante.

Os *corpora* de língua nativa, em geral, possuem um grande número de palavras, como os famosos BNC<sup>52</sup> e Banco de Português<sup>53</sup>, que servem para vários tipos de pesquisa. No ensino de LA, eles propiciam evidências para as intuições sobre a linguagem dos falantes nativos e muitas vezes mostram que estas podem apresentar problemas quando se trata de questões tais como semântica e gramática (O KEEFFE, MCCARTHY & CARTER, 2007, p. 21).

Existem também, *corpora* de língua nativa comparáveis<sup>54</sup> e paralelos<sup>55</sup>. *Corpora* comparáveis consistem nos *corpora* monolíngues a partir de planejamentos semelhantes e estão disponíveis para duas ou mais de duas línguas; *corpora* paralelos são compilados também em duas ou mais de duas línguas, compondo textos originais e suas traduções. Ambos podem ser aplicados ao ensino, à tradução e à comparação de línguas. No entanto, é difícil de encontrar os *corpora* monolíngues baseados no mesmo planejamento, sendo construídos por *corpora* em mesma língua, tanto nativa, quanto de aprendizes. Nossa pesquisa é uma tentativa de compilação desse tipo de *corpora* cuja forma, de certa maneira, enfrenta o problema discutido pelo debate sobre até que ponto os exemplos retirados nos *corpora* servem como exemplos para o ensino de LA.

Segundo O Keeffe, McCarthy e Carter (2007), há linguistas que acreditam que uma importante função de *corpora* da língua nativa aplicados em sala de aula é oferecer experiências de uso autêntico da linguagem, ao invés de exemplos criados. Em sua contrapartida, existem três argumentos contrários: o primeiro é que a linguagem, logo que extraída do contexto em que apareceu pela primeira vez e armazenada em grandes bases de dados eletrônicos, perde seu caráter autêntico; segundo, textos autênticos são incorporados em determinadas culturas, podendo ser opacos para os aprendizes de culturas diferentes e, por fim, textos criados talvez sejam mais fáceis e adequados para os alunos em diferentes níveis de competência e proficiência.

Seja como for a fonte dos exemplos e materiais para o ensino e estudo, esses devem ser escolhidos cuidadosamente pelos professores e pesquisadores. A nossa posição básica é

---

<sup>52</sup> British National Corpus – <http://sara.natcorp.ox.ac.uk/>

<sup>53</sup> <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/index.htm>

<sup>54</sup> Comparable *corpora*

<sup>55</sup> Parallel *corpora*

equilibrar as questões discutidas acima, tentando construir um *corpus* de falantes nativos para fins específicos. Em outras palavras, a coleta de dados é feita a partir dos mesmos assuntos temáticos, em uma determinada cultura proposta e semelhantes contextos autênticos para formar um *corpus* de referência, contribuindo ao estudo de aquisição de LA. Elaboramos, também, o *corpus* de aprendizes, cuja concepção será apresentada agora. Segundo Granger (2002, p. 4), “a área de pesquisa linguística conhecida como *corpus* de aprendizes, a qual só começou a existir no final dos anos 80, criou uma ligação importante entre os campos da linguística de *corpus* e da pesquisa de LA”.

*Corpora* de aprendizes (ou *learner corpora*) são construídos a fim de observar e descrever os aspectos marcantes e típicos no processo de aprendizagem de LA. A sua contribuição, além de ser uma fonte de identificação das dificuldades gramaticais, lexicais e discursivas, também propicia aos aprendizes e educadores a apresentação das competências comunicativas e tradutórias dos aprendizes de LA.

Granger (2002, p. 7) retoma a definição de *corpora* de aprendizes de Sinclair (1996):

Corpora computadorizados de aprendizes são bancos eletrônicos de textos autênticos de LE/SL, organizados de acordo com critérios planejados e explícitos para um propósito particular na ASL/TLE. Eles são codificados a partir de maneira padronizada e homogênea e documentados quanto a sua origem e procedência.”

Diferente dos outros tipos de *corpora*, o *corpus* de aprendizes é “uma compilação de textos, não publicados, produzidos em um ambiente de ensino ou treinamento, geralmente para serem avaliados”. (SCOTT & TRIBBLE, 2006, p. 133). Segundo Berber Sardinha (2004, p. 265), “o mais importante, historicamente, é que o *corpus* de aprendiz redefine o conceito original de *corpus*, que previa (na prática, não na teoria) que a linguagem permitida no *corpus* tinha de pertencer à variedade nativa.”

O primeiro projeto de *corpus* de aprendizes de âmbito internacional foi o ICLE<sup>56</sup>, lançado em 1992 e compilado por 10 milhões de palavras. Este é constituído de vários *subcorpora* de textos escritos por aprendizes de inglês como LA, que propicia comparações quantitativas e qualitativas entre os dados produzidos pelos falantes nativos e não-nativos, ou

---

<sup>56</sup> International Corpus of Learners of English – <http://www.uclouvain.be/en-cecl-icle.html>

entre os dados variados produzidos por falantes não-nativos.

No Brasil, o *corpus* pioneiro de aprendizes é COMET<sup>57</sup>, projeto orientado por Stella Tagnin. Os *Corpora*, que estão sendo desenvolvidos desde o ano 2000, são compostos por três *subcorpora*: CorTec<sup>58</sup>, CoMAprend<sup>59</sup> e CorTrad<sup>60</sup>.

Os *corpora* de aprendizes, de acordo com Berber Sardinha (2004, p. 271), permitem além da descrição da interlíngua, também o auxílio no desenvolvimento de materiais de ensino, porque “um problema com os materiais de ensino desenvolvidos a partir de uma variedade nativa é que ignoram as necessidades reais dos alunos”. Assim, para realizar a observação das necessidades e características da aquisição de PLA, comparando-as com a fala nativa, apresentando as produções mais naturais possíveis, resolvemos elaborar dois tipos de *corpora* falados, cujas técnicas de compilação serão apresentadas na próxima seção.

## 2.4 COMPILAÇÃO DE *CORPORA* FALADOS

Hoje, o número de *corpora* disponíveis para pesquisadores está crescendo rapidamente a cada ano. Por isso, como foi dito por Reppen (2010, p. 31), “antes de abortar a tarefa de construir um *corpus*, verifique se não há um *corpus* já existente, atendendo às suas necessidades”. No entanto, ao longo de tais verificações, observamos facilmente que entre os inúmeros *corpora* escritos, compilados por mais de bilhões de palavras, os *corpora* falados, por sua vez, tendem a ser muito menores em tamanho e, conseqüentemente, incapazes de oferecer o mesmo nível de representatividade quando comparados com os escritos correspondentes (ADOLPHS & KNIGHT, 2010).

A razão para este pequeno número é óbvia, pois além da complexidade da transcrição,

---

<sup>57</sup> *Corpus* Multilíngue para Ensino e Tradução – <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>

<sup>58</sup> *Corpus* Técnico-Científico.

<sup>59</sup> *Corpus* Multilíngue de Aprendizes.

<sup>60</sup> *Corpus* de Tradução.

os pesquisadores precisam prestar atenção ainda a elementos especiais, tais como o gesto, a entonação e estrutura do discurso falado, que não são tão facilmente explorados. Contudo, “os *corpora* falados fornecem um recurso único para a exploração de ocorrência natural de discurso” (ADOLPHS & KNIGHT, 2010, p. 38) e tornam-se muito interessantes para estudos linguísticos.

Conforme O Keeffe, McCarthy e Carter (2007, p. 5-7), há cinco critérios para a criação de um *corpus* falado. Eles são: (1) crie um plano de coleta; (2) grave os dados; (3) transcreva as gravações e salve-as como arquivos de texto; (4) crie um banco de dados de texto; (5) verifique a transcrição. O passo anterior sempre determina aquele que vem depois. Nesse sentido, o critério mais importante seria a primeira etapa de planejamento.

- O plano de coleta:

Sinclair (2005, p. 1-16) propõe dez princípios para a construção de um *corpus*:

- 1) O conteúdo de um *corpus* deve ser selecionado sem levar em conta a língua que ele contém, mas sim sua função comunicativa na comunidade em que está inserido;
- 2) Elaboradores de *Corpus* devem tornar o seu *corpus* o mais representativo possível da língua escolhida;
- 3) Somente os componentes de *corpora*, que tenham sido projetados para ser independentemente contrastivos, devem ser contrastados;
- 4) Os critérios para determinar a composição de um *corpus* devem ser pequenos em número, claramente separados um dos outros, e eficientes como um grupo em delinear um *corpus* que seja representativo da língua ou da variedade em exame;
- 5) Qualquer informação sobre um texto, que não seja a sequência alfanumérica de suas palavras e pontuação, deve ser armazenada separadamente do texto limpo e combinada, quando for exigida nas aplicações;
- 6) As amostras de língua para um *corpus* devem, sempre que possível, consistir em documentos inteiros ou transcrições de eventos de fala completos, ou devem ficar o mais próximo possível do seu objetivo. Isso significa que as amostras diferirão substancialmente de acordo com seu tamanho;

- 7) O planejamento e a composição de um *corpus* devem ser completamente documentados, com informações sobre os conteúdos e os argumentos para justificar as decisões tomadas;
- 8) O elaborador do *corpus* deve ter como objetivo a manutenção da representatividade e o equilíbrio desta. Enquanto esses objetivos não estiverem precisamente definidos e viáveis, eles devem ser utilizados para orientar o planejamento da compilação de um *corpus* e a seleção dos seus componentes;
- 9) Qualquer controle do assunto em um *corpus* deve ser imposto pelo uso de critérios externos e não internos;
- 10) Um *corpus* deve objetivar a homogeneidade de seus componentes, mantendo a cobertura adequada e evitando os textos desonestos.

Os princípios sugeridos pelo autor representam um plano ideal de coleta de dados. Podemos somente nos empenhar para atingir o máximo possível dessas diretrizes, mas nunca haverá um *corpus* com maior representatividade ou sendo totalmente homogêneo. Aliás, há uma série de questões que dizem respeito à construção de *corpora* falados; por exemplo, a escolha de local e de horário deve ser combinada conforme a conveniência dos informantes para garantir a qualidade da gravação. É importante também levar em conta que antes de fazer a gravação, é preciso pedir autorização e assinatura do formulário de consentimento, no qual as informações de como a gravação será publicada e com quem os informantes podem entrar em contato, no caso de dúvidas, devem ser esclarecidas. No Brasil, tais documentos precisam ser avaliados, junto com o projeto de pesquisa e os roteiros de pergunta (no caso de entrevistas) por comissão de ética, antes da realização da pesquisa.

- Gravação

No processo de gravação, o pesquisador tem que estar bastante atento para garantir a fluência de conversa, conseguir capturar as informações necessárias e anotar o ambiente contextual do discurso. Em uma conversa informal de uma hora, de acordo com O Keeffe, McCarthy e Carter (2007), apresentam-se aproximadamente 12,000 a 15,000 palavras. O modo de gravar precisa também ser levado em consideração. Hoje, quase não se usam mais as fitas cassetes por serem difíceis de armazenar e alinhar. O áudio-gravador digital é o mais escolhido, mas já existe a tendência de utilização de gravadores audiovisuais.

- Transcrição:

Após a gravação, os dados devem ser transcritos manualmente e registrados no computador. Segundo Reppen (2010, p. 34), cada hora do discurso gravado pode demorar de 10 até 15 horas para transcrever. Sugerimos que esta fase seja realizada logo depois da gravação, para que o pesquisador consiga lembrar mais informações possíveis, tanto linguísticas, quanto extralinguísticas sobre o evento de fala.

Na maioria dos casos, cada palavra, hesitação, truncamento, entonação enfática, superposição de vozes etc., serão transcritos mas cada *corpus* possui suas necessidades específicas, dependendo do objeto e objetivo de investigação. Por exemplo, para uma análise morfossintática, não é necessário se preocupar muito com os detalhes prosódicos. Abaixo estão a tabela das normas e um recorte de exemplo de transcrição do *corpus* LCIE<sup>61</sup>, apresentados por O Keeffe, McCarthy & Carter (2007, p. 6-7).

Sinais	Ocorrências
<\$1>, <\$2>, etc.	Marcações de diferentes falantes;
+	Interrupções marcadas a partir de onde elas ocorrem e até onde elas terminam ( <i>latched turns</i> );
=	Palavras não terminadas ou truncadas;
<?>	Incompreensão de palavras ou segmentos;
<\$E> laugh <\\$E>	Informações extralinguísticas como ‘riso’, ‘som de alguém saindo de sala’, ‘tosse’, ‘latido de cachorro’ etc..

**Tabela 2 - Normas de Transcrição de LCIE**

---

<sup>61</sup> Limerick Corpus of Irish English

```

<$1> So what's the problem?
<$2> We needed to replace the print head.
<$1> Oh right.
<$2> So that's the problem. <$E> noise of printer in background <\$E>
<$3> <$E> shouting from another room <\$E> Hello.
<$2> <$E> looking at printer manual <\$E> Changing the ink cartridge <?>
<$3> <$E> from the other room <\$E> Change the+
<$1> Changing the ink cartridge yeah. What does it say about=
<$2> Open the printer cover.
<$1> All right.

```

**Figura 1 - Recorte da Transcrição do ICIE**

Esse tipo de transcrição é mais encontrado nos *corpora* falados. A representação linear dos turnos permite uma visão clara da estrutura conversacional, facilitando ao pesquisador fazer as anotações e etiquetas. Além disso, essa forma de texto salvado possibilita a rápida reconstrução de arquivo para adaptar ao uso dos programas de estatística. No entanto, ela não é capaz de evidenciar as falas simultâneas de outras pessoas. Assim, precisamos da transcrição de coluna para demonstrar a sobreposição das vozes. Vejamos o exemplo a seguir (ADOLPH & KNIGHT, 2010, p. 46).

<\$1>		<\$2>
Right.		<\$=> Oh well I <\\$=> I'm just reading things at the moment and just+
So what given that the amount of stuff on metaphor is huge?		+kind of vague+
Uh-huh.		Yeah well I've been looking through some of the stuff on scientific metaphors and+
Right.		+er particularly how they're used for educational purposes in+
Yeah.		+explaining concepts erm+

**Figura 2 - Transcrição de coluna apresentada por Adolphs & Knight**

Há outros tipos de transcrição cuja função é demonstrar a ocorrência temporal de fala, as informações contextuais, as evidências prosódicas, e assim por diante. Chamamo-las todas de transcrição textual, que se diferencia da transcrição fonêmica e fonética.

Grosso modo, a transcrição fonêmica visa representar a pronúncia e a transcrição fonética que, por sua vez, indicam como os determinados sons são produzidos em segmentos específicos do discurso. Em geral, o alfabeto fonético internacional (IPA) é mais utilizado como a norma padrão de transcrição fonética. Porém, para a realização da estatística computacional, usa-se também outra maneira de codificação. A figura 3, é a transcrição fonética do *corpus* VARSUL<sup>62</sup> cujo objetivo foi estudar a fala da palatalização da fricativa em posição de coda<sup>63</sup>, através do uso de programa GoldVarb X<sup>64</sup>:

moto'riSta	'Eystre's~ati
'meZmu	dwis'trES
'awtaS foy	dwis'trES...mas e
'toduzuZ 'baxkuS	t~awistre's~ati
'baxkuS ki	'~anuS traba'L~adu
kiS'tav~aw	baS't~ati
'fOrayS'tav~aw	aw'g~uS...ate j?
'mEStri	'EsaS 'koyzazV
'toduZ nu	fayz~uS...quatro anos

**Figura 3 - Exemplo de transcrição fonética para ser lançada no programa GoldVarb X**

- **Organização**

Uma vez que os textos tenham sido transcritos, eles têm que ser armazenados de uma forma coerente, dentro de pastas simples ou hierarquizadas. As informações sobre os textos tais como a origem, a data de coleta, o sistema de transcrição e outras devem ser esclarecidas na parte do cabeçalho de cada texto. Outras informações que indicam as identificações sociais dos participantes, tais como o código do sujeito falante, a idade, o sexo, a profissão etc., podem ser registrados nos cabeçalhos também, ou em um banco de dados separado. Abaixo, está um exemplo de cabeçalho de uma entrevista:

<sup>62</sup> Variação Linguística Urbana da Região Sul.

<sup>63</sup> Dados obtidos através de disciplina ministrada no PPLG da PUCRS, pela Dr. Cláudia Brescancini em 2009.

<sup>64</sup> Um programa que auxilia análises variacionais, verificando os fatores linguísticos e extralinguísticos. O software pode ser baixado no site: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.htm>



### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é de cunho longitudinal com duração de oito meses, acompanhando um grupo de chineses aprendizes de PLA e visa fazer uma comparação de suas produções orais com as de falantes brasileiros, no intuito de demonstrar o processo de aquisição de *hedges* em PLA, com base nos *corpora* coletados.

#### 3.2 SUJEITOS

Há dois grupos de sujeitos envolvidos nesta pesquisa e ambos são formados por seis informantes masculinos e cinco femininos. Todos eles estão no terceiro/quarto ano de graduação na universidade, com a mesma faixa-etária de 20-30 anos. Por isso, consideramos que os dois grupos de informantes têm certa equivalência em termos de idade, gênero e nível de formação acadêmica.

##### (1) O grupo de informantes chineses:

Os informantes chineses são aprendizes de PLA no terceiro ano da Faculdade de Comunicação Internacional da CUC'N, que chegaram a Porto Alegre no dia 24 de outubro de 2009, através do programa de intercâmbio entre a universidade e a PUCRS. Antes de entrar na CUC'N, ninguém havia tido contato com a língua portuguesa ou com falantes dessa língua. Na CUC'N, eles estudaram dois anos de português (14 horas de aula por semana no primeiro ano e 18 horas no segundo ano) com um professor francês (falante bilíngue desde criança de português europeu e francês), uma professora brasileira (falante nativa de português do Brasil) e uma professora chinesa (falante de mandarim que aprendeu português dois anos em Macau, um ano no Brasil e um ano em Beijing). Por isso, o insumo da língua portuguesa para os informantes é de característica variável na CUC'N.

No Brasil, o grupo permanece nove meses, frequentando a Faculdade de Letras (40 horas de aula por semana) no primeiro semestre e as faculdades de Comunicação (12 horas de aula por semana) e de Letras (4 horas de aula por semana) no segundo semestre. As aulas na Letras são personalizadas para esse grupo de chineses, e as aulas na Comunicação são aulas normais, ou seja, os intercambistas fazem curso junto com os colegas brasileiros.

Fora das aulas, todos os sujeitos chineses moram juntos no mesmo prédio e só falam chinês entre si. Além do mais, apenas um aluno afirmou que está saindo bastante com amigos brasileiros depois das aulas, e os outros disseram que na maioria do tempo livre, eles só ficam em casa. Ou seja, mesmo que estejam no Brasil, os informantes adquirem o português principalmente através das aulas.

(2) O grupo de informantes brasileiros:

Os informantes brasileiros são alunos regulares da PUCRS, sendo cinco (um masculino e quatro femininos) da Faculdade de Letras, três (dois masculinos e um feminino) da Faculdade de Administração, dois (masculinos) da Faculdade de Engenharia e um (masculino) da Faculdade de Direito. Todos são falantes nativos de português do Brasil e nasceram no estado do Rio Grande do Sul. Escolhemos os informantes brasileiros que vêm de faculdades diferentes a fim de garantirmos que o resultado da pesquisa não seja influenciado pela área de estudo.

### 3.3 PROCEDIMENTO:

Antes das entrevistas, os sujeitos foram brevemente informados sobre o assunto e solicitados para assinar e preencher o formulário de consentimento (Anexo 1) e ficha de inscrição (Anexo 2). O instrumento desta pesquisa (Anexo 3) foi elaborado pela própria pesquisadora, de acordo com a etapa individual (parte oral) do modelo do exame Celpe-Bras<sup>66</sup>,

---

<sup>66</sup> Celpe-Bras: Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação do Brasil.

que é o único exame internacional acreditado para a avaliação de proficiência de PLA no Brasil. Durante nove meses, os informantes chineses foram chamados a fazer dez entrevistas com duração de 5-10 minutos de cada vez. Os tópicos de cada conversa foram propostos através de pedido de informações pessoais, de interesse geral ou da compreensão a partir de cartuns, fotos, charges e outros tipos de imagem.

Como o Celpe-Bras é o exame obrigatório para os intercambistas chineses, o instrumento foi aplicado nas aulas oficiais de PLA da Faculdade de Letras, sendo um preparatório para o exame, com auxílio das professoras responsáveis de aula. Durante as entrevistas, a professora atuou como entrevistadora e a pesquisadora, como observadora. Nas pesquisas 4, 5, 6 e 10, os informantes fizeram entrevista apenas com a pesquisadora, que foi substituir a professora responsável pela aula. Além disso, caso houvesse informantes que faltassem a aula, a coleta de dados com esses informantes era realizada no dia seguinte, na mesma sala de aula, com apenas a pesquisadora.

Após a aplicação de cada entrevista, a noção de polidez e de adequação gramatical pode ser sugerida e comentada pela pesquisadora e professoras regentes de aula, a fim de melhorar a competência comunicativa dos aprendizes; no entanto, o termo *hedge* nunca foi explicitado e o uso das palavras relacionadas aos *hedges* nunca foi enfatizado. Além disso, o assunto temático, *hedges*, da presente pesquisa também não foi informado para as professoras envolvidas na pesquisa, a fim de garantir que a fala da entrevistadora não fosse afetada.

No caso dos informantes brasileiros, considerando o horário conveniente para os sujeitos voluntários, as entrevistas foram realizadas apenas uma vez com cada informante em uma data solicitada por este. Todas as entrevistas foram realizadas durante 30-60 minutos, individualmente com a pesquisadora e o (a) informante, em uma sala de aula na faculdade de Letras da PUCRS e os tópicos envolvidos foram iguais aos das entrevistas com os chineses.

Nº	Tópicos	Data
1	Questões pessoais (1)	09/10/2009
2	Imagem: Educação (1969-2009)	23/11/2009
3	Imagens: Globalização	07/12/2009
4	Imagens: Desigualdade Socioeconômica	18/12/2009
5	Imagem: Nós, Humanos...	19/01/2010

<b>6</b>	Questões pessoais (2)	31/03/2010
<b>7</b>	Imagem: O importante é competir	07/04/2010
<b>8</b>	Imagem: Transportes/Viagens	21/04/2010
<b>9</b>	Imagem: Dupla, Tripla Jornada...	09/06/2010
<b>10</b>	Imagem: Televisão Burra ou Telespectador idiota?	23/06/2010

**Tabela 3 - Data de entrevista com informantes chineses e os tópicos relacionados**

<b>Informantes</b>	<b>Data e duração de entrevista</b>		<b>Informantes</b>	<b>Data e duração de entrevista</b>	
TOBAM01	13/05/2010	44min. 00seg.	TOBLF07	15/06/2010	38min. 56seg.
TOBAF02	25/05/2010	31min. 08seg.	TOBLM08	02/07/2010	28min. 21seg.
TOBAM03	27/05/2010	24min. 35seg.	TOBDM09	13/07/2010	37min. 08seg.
TOBLF04	10/06/2010	41min. 05seg.	TOBEM10	13/07/2010	26min. 32seg.
TOBLF05	11/06/2010	29min. 41seg.	TOBEM11	14/07/2010	36min. 13seg.
TOBLF06	11/06/2010	33min. 56seg.			

**Tabela 4 - Data de entrevista com informantes brasileiros**

### 3.4 TRANSCRIÇÃO

Todas as entrevistas foram transcritas de forma textual através da representação linear pela própria pesquisadora. No processo, qualquer dúvida de português era discutida imediatamente com os colegas da mesma área. A maioria das entrevistas com informantes brasileiros foi revisada pela sua orientadora e uma colega mestre de linguística.

As normas para a transcrição:

<b>Ocorrências</b>	<b>Sinais e exemplos</b>
Marcação de diferentes falantes	< F1 >, < F2 >, etc
Marcação da fala do entrevistador	< o conteúdo da fala >
Incompreensão de palavras ou segmentos	<?>

Hipótese do que se ouve	<?> (hipótese)
Informações extralinguísticas	< riso >
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/t ã querendo cada vez mais
Entonação enfática	Maiúscula
Interrogação	?
Qualquer pausa	...

**Tabela 5 - Normas de Transcrição dos CTOB e CTOC**

Quanto à identificação dos textos, elaboramos um código de informações relevantes, que foi registrado como cabeçalho em cima de cada texto ao longo do *corpus*, que pode ser representado pela tabela a seguir:

Posição	Tipo de código	Código			
1	Texto	T			
2	Tipo de corpus	O (oral)		E (escrita)	
3	Nacionalidade	B (brasileira)		C (chinesa)	
4	Faculdade	A (administração)	D (direito)	E (engenharia)	L (Letras)
5	Número de código	01-11			
6	Sexo	M (masculino)		F (Feminino)	

**Tabela 6 - Códigos para a identificação dos textos**

Assim, um exemplo de transcrição:

< o que você entende sobre esta figura? >

< TOBLF01 >

Essas duas... Pelo que entendi, tinham duas imagens falamos sobre desigualdade social né. Acho que todo lugar tem desigualdade, mas aqui no Brasil vem cada vez mais, até que diz né que os 10% mais ricos detêm 75% das riquezas. Então é muita riqueza pra pouca gente né.. Então essa é diferença...

### 3.5 LIMITAÇÕES DA METODOLOGIA

A fim de equilibrar o ambiente e o contexto da entrevista entre os dois grupos de informantes, com vistas a uma comparação mais fidedigna, fizemos as entrevistas com os informantes sempre à tarde; elaboramos as perguntas e as tarefas de mesma natureza e assim por diante. No entanto, como todos os instrumentos de pesquisa nem sempre são totalmente válidos, o instrumento do presente trabalho também tem suas limitações. Antes de fazer a análise dos dados, esclareceremos e discutiremos alguns aspectos que talvez possam ser melhorados em futuras pesquisas.

#### (1) Produções não totalmente naturais:

##### a) Ambiente linguístico não natural:

O local de entrevista foi sempre em uma sala de aula com o gravador ao lado do informante. Isso pode ter induzido os informantes a acreditarem que a entrevista é formal e, por consequência, poderão se preocupar com sua própria fala para que esta seja mais polida e clara, o que é muito provável de afetar a produção de *hedges*.

##### b) Justificativa da pesquisa para os informantes:

O instrumento foi elaborado a partir do modelo do exame Celpe-Bras, que deve ter sido reconhecido por todos os informantes chineses. Por isso, o ambiente do exame e da presente pesquisa pode induzir os informantes a serem mais formais e ficarem nervosos sem prestar atenção à conversa interacional. Nesse sentido, os informantes podem produzir muito mais ou muito menos *hedges* do que a fala em outras situações.

Com os informantes brasileiros, explicou-se que o objetivo da pesquisa era observar os conceitos diferentes ou culturais dos povos de origens diferentes diante do mesmo assunto. No entanto, a auto-apresentação da pesquisadora como pesquisadora na área da linguística, devido à exigência do comitê de ética, pode ter influenciado os informantes a preocuparem-se com os aspectos linguísticos e apresentarem uma fala menos vernácula<sup>67</sup>.

---

<sup>67</sup> Entende-se a palavra “vernácula” como “a fala corrente, do dia-a-dia, numa determinada comunidade.” (TRASK, 2006, P. 304)

c) Entrevistadora não nativa:

Em função da identidade da pesquisadora estrangeira, é possível que os informantes, sobretudo os informantes brasileiros, tenham falado mais devagar, usando a linguagem mais “fácil” de ser entendida. Nesse sentido, a produção de *hedges* pode ter sido afetada, especialmente os *hedges* que têm função de envolver o interlocutor.

**(2) Contextos das produções textuais não completamente idênticos**

a) Duração das entrevistas e troca das entrevistadoras:

Os roteiros das entrevistas foram iguais para todos os informantes. Contudo, as gravações dos informantes chineses foram feitas a longo prazo, envolvendo 10 entrevistas com cada sujeito, enquanto as entrevistas só ocorreram uma vez com cada sujeito brasileiro, para facilitar e economizar tempo. De acordo com Spradley (1979, p. 79-83), há quatro etapas possíveis no processo de empatia durante entrevistas, entendidas como “apreensão”, “exploração”, “cooperação” e “participação”.

Na fase de apreensão, tanto o informante quanto o entrevistador estão na fase de se ajustar ao desenvolvimento da conversa. O informante pode ficar tímido e nervoso. Na fase de exploração, o pesquisador ainda fica bastante atento para observar as atitudes linguísticas e servir de pistas para novos questionamentos. Quando chega a fase de “cooperação”, haverá uma confiança mútua em que o informante está bastante envolvido na conversa e pode começar a oferecer os tópicos. Finalmente, na fase de participação, o informante assume o papel de professor do pesquisador e passa a apresentar as informações com bastante naturalidade.

Na presente pesquisa, na qual se fazem as perguntas a partir dos determinados roteiros em um tempo limitado, não é possível chegar à fase de participação (também não é a fase que a pesquisadora quer chegar) e muito difícil de alcançar a fase de cooperação. Entretanto, entende-se que quanto mais uma entrevista durar, haverá maior probabilidade de o informante ser melhor envolvido, falando mais naturalmente. Nesse sentido, os informantes chineses que fazem a entrevista por 5-10 minutos de cada vez, podem produzir com muito menos naturalidade do que os informantes brasileiros, que fazem entrevista por cerca de 30-45 minutos. Além do mais, como as entrevistas com os informantes chineses envolvem

normalmente duas entrevistadoras, é provável que a situação fique mais tensa para os informantes do que com apenas uma entrevistadora.

b) Envolvimento Corrente

Nas entrevistas, o papel do entrevistador em relação à sua cultura pode ter influenciado a fala dos informantes. Em outras palavras, se o pesquisador for um membro da mesma comunidade, o informante pode pressupor que ambos os participantes têm conhecimentos mútuos, cultura compartilhada e certa intimidade. Isso pode modificar o conteúdo do enunciado e a forma da enunciação e, em consequência, a produção de *hedges* pode ser modificada também em consideração à polidez e à máxima da qualidade e relevância; se o pesquisador não for um membro da mesma comunidade, o informante provavelmente vai manter certa distância da identidade social do pesquisador, apresentando a cultura da própria comunidade, usando a linguagem menos vernácula para ser mais educado e mais facilmente entendido.

No caso da presente pesquisa, a pesquisadora pertence à comunidade dos informantes chineses e não à dos brasileiros. Além disso, alguns brasileiros já conhecem a pesquisadora, porém outros não.

c) A atitude da participação da pesquisa.

A pesquisa faz parte da aula de PLA dos informantes chineses, por isso a participação da pesquisa é de certa maneira, obrigatória. Além disso, como todos os sujeitos esperam um bom desempenho no exame Celpe-Bras, a atitude da participação é bastante séria e mais acadêmica. Já os informantes brasileiros estão participando da pesquisa apenas com o intuito de ajudar. Eles não precisam adaptar-se ao modelo do exame, e também este não foi mencionado para esse grupo de informantes brasileiros.

### **(3) *Corpora* não possuem grande representatividade**

Os *corpora* da presente pesquisa possuem um total de 65009 palavras da fala dos informantes, sendo 25.871 palavras no CTOC e 39.138 palavras no CTOB. De acordo com Beber Sardinha (2004), ambos *corpora* pertencem à categoria de *corpus* pequeno, que não possuem grande representatividade. Além disso, como um *corpus* de referência, o tamanho

ideal de CTOB deveria ter sido cinco vezes maior do que o CTOC.

Apesar de não serem muito grandes, os *corpora* construídos na presente pesquisa têm seu significado considerável para o estudo de aquisição de *hedges* e da área de PLA. Na próxima seção, descreveremos os dados encontrados nos *corpora* e realizaremos a nossa análise a partir da descrição.

## 4 DESCRIÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, analisaremos o uso de *hedges* nas produções orais dos informantes brasileiros e dos aprendizes chineses, através da comparação da frequência de cada tipo de *hedge* nos CTOB e CTOC. De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 23), a linguagem “é um sistema probalístico, no qual certos traços são mais frequentes que outros”. Em relação ao léxico, as palavras podem ser diferenciadas entre aquelas de maior frequência e as de menor frequência, porém a diferença entre ambos os casos é relativa.

Primeiro, faremos uma discussão geral sobre as principais distinções do uso de *hedges*. Em seguida, analisaremos cada *corpus* e suas características em relação à aplicação desse tipo de termo. Verificaremos, na última seção, a aquisição de *hedges* por falantes chineses, usando o CTOB como *corpus* de referência, a fim de responder como será o processo de aquisição desse fenômeno, após nove meses de estudo da língua no Brasil.

### 4.1 COMPARAÇÃO GERAL DO USO DE *HEDGES* ENTRE CTOB E CTOC

Nesta seção, descreveremos os *hedges* encontrados nas produções orais dos informantes e suas frequências em cada *corpus*. Em primeiro lugar, vejamos algumas informações básicas dos nossos *corpora*:

Tópico	Número de palavras	
	CTOB	CTOC
Questões pessoais (1)	6688	3108
1ª figura	4710	2214
2ª figura	4281	2622
3ª figura	4248	2317
4ª figura	4604	2115
Questões pessoais (2)		3918
5ª figura	3292	2204
6ª figura	3515	2970
7ª figura	3455	2475
8ª figura	4345	2648
<b>Ocorrência (<i>token</i>) de itens em <i>corpora</i></b>	<b>39138</b>	<b>25871</b>

Formas ( <i>Type</i> ) de itens em <i>corpora</i> <sup>68</sup>	3837	2774
Ocorrência de <i>hedges</i>	1704	759
Formas de <i>hedges</i>	75	38

**Tabela 7 – Informações de número de palavras nos CTOB e CTOC**

Segundo os dados na tabela acima, podemos obter alguns números importantes:

(1) FI – A razão forma/item (*type-token ratio*)

Como já foi apresentada nas seções anteriores, a razão forma item é obtida dividindo-se o total de formas pelo total de itens. Devido ao fato que os números de itens dos dois *corpora* não são muito distintos, não precisamos utilizar a razão forma/item padronizada:

$$FI_{CTOB} = 3837 \div 39138 = 9.80\%$$

$$FI_{CTOC} = 2774 \div 25871 = 10.72\%$$

Com base nos FI calculados, os aprendizes não possuem vocabulários muito limitados em comparação com os brasileiros. Em outras palavras, a competência lexical em PLA dos informantes chineses não será o fator essencial que modifica a produção de *hedges* nesta pesquisa.

(2) FdH – Frequência de aplicação de *hedges*

Esse número é para verificar a porcentagem do uso de *hedges* em cada *corpus*. Divide-se o número total de formas pelo número total de *hedges* no mesmo *corpus*:

$$FdH_{CTOB} = 1704 \div 39138 = 4.35\%$$

$$FdH_{CTOC} = 759 \div 25871 = 2.93\%$$

Observamos que o  $FdH_{CTOC}$  é muito menor do que  $FdH_{CTOB}$ . Isso demonstra que os aprendizes chineses possuem menor consciência linguística de uso de *hedges* em comparação aos brasileiros.

(3) PFH – Percentagens de forma de *hedges* no total de formas existentes

$$FdH_{CTOB} = 75 \div 3837 = 1.95\%$$

$$FdH_{CTOC} = 38 \div 2774 = 1.37\%$$

---

<sup>68</sup> Dado obtido pelo programa WordSmith 5.0 (2010), os demais foram computados manualmente pela pesquisadora, em virtude das limitações do programa.

Esses dados demonstram, de certa maneira, a capacidade de uso de *hedges* e como estes fazem parte da construção lexical na fala argumentativa dos informantes. Vimos que 1.95% das formas apresentadas no CTOB são consideradas como *hedges*, enquanto que apenas 1.37% são *hedges* no CTOC. A mesma conclusão pode ser obtida com base nas tabelas a seguir: as frequências de uso dos *hedges* em cada *corpus* (Tabelas 6 e 7)<sup>69</sup>.

<b>MarcD<sup>70</sup></b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>265.7</b>	<b>55.4</b>	<b>48.3</b>	<b>38.8</b>	<b>21.7</b>	<b>5.4</b>
N é (137.2)	Acho (12.3)	Às vezes (13.5)	FARIA (10.7)	A gente (8.2)	-inho/a
Acho (94.0)	Talvez (8.7)	Normalmente (4.6)	Acho (8.7)	Para mim (4.9)	(3.6)
Eu não sei (9.5)	Seria (8.4)	Uns/umas (4.3)	Seria (5.4)	EU acho (2.8)	???
Acredito (7.4)	Pode (6.6)	Meio (3.6)	Deveria (3.3)	Se eu não me	(1.8)
Vejo (4.9)	Parece (3.8)	Principalmente (3.6)	Ia (3.1)	engano (0.8)	
Sabe (4.6)	FARIA <sup>71</sup> (3.3)	Quase (3.3)	Poderia (2.3)	Dizem que (0.5)	
Sei lá (3.6)	De repente (2.6)	Mais ou menos (3.1)	Podia (1.3)	Do/No meu ponto	
Entendo (1.5)	Provavelmente (2.6)	Geralmente (2.6)	Teria (1.3)	de vista (0.5)	
Considero (1.3)	Deve (2.0)	Basicamente (2.3)	Devia (0.8)	EU entendo (0.5)	
Digamos (1.3)	Deveria (0.8)	De vez em quando (1.3)	Queria (0.8)	Pelo que eu saiba	
Pois é (0.5)	Poderia (0.8)	Praticamente (1.3)	Deve (0.3)	(0.5)	
	Acredito (0.5)	De certa forma (1.0)	Devesse (0.3)	Pelo que eu vi/tô	
	Imagino (0.5)	De certa maneira (1.0)	Estaria (0.3)	vendo (0.5)	
	Possível (0.5)	Por volta de (0.8)	Ficaria (0.3)	Ao meu ver (0.3)	
	Quem sabe (0.5)	A princípio (0.5)	Pode (0.3)	Eu acredito (0.3)	
	Incerto (0.3)	De certo ponto (0.3)		Eu considero (0.3)	
	Iria (0.3)	De modo geral (0.3)		A minha visão é	
	Podia (0.3)	Em torno de (0.3)		(0.3)	
	Possa (0.3)	Politicamente (0.3)		Na minha	
	Possivelmente (0.3)	Principal (0.3)		concepção (0.3)	
	Teria (0.3)	Por aí (0.3)		Na minha opinião	
				(0.3)	
				No meu	

<sup>69</sup> As palavras apresentadas nas tabelas distinguem-se apenas por diferentes tempos verbais, mas não de concordâncias de número e de gênero.

<sup>70</sup> **MarcD.:** *hedges* como marcadores discursivos; **Press.:** *hedges* pressupositivos; **Decla.:** *hedges* declarativos; **Suges.:** *hedges* sugestivos; **Posic.:** *hedges* posicionais; **Emoti.:** *hedges* emotivos.

<sup>71</sup> FARIA abrange todos os verbos de ação no tempo verbal de indicativo no futuro pretérito, tais como daria, indicaria, moraria, e assim por diante.

				entendimento (0.3)	
				Pelo que eu conheço (0.3)	
				Pelo que eu entendi (0.3)	
				Particularmente (0.3)	

**Tabela 8 - Frequência (em 10 mil palavras) do uso de *hedges* em cada categoria no CTOB**

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>167.8</b>	<b>28.6</b>	<b>44.5</b>	<b>24.0</b>	<b>20.5</b>	<b>8.1</b>
Acho (155.8)	Talvez (15.5)	Normalmente (20.5)	Queria (8.9)	Para mim (15.8)	Muito
N é (3.5)	Acho (9.3)	Às vezes (8.9)	Acho (7.7)	Na minha opinião (1.2)	muito (7.0)
Sabe (2.7)	Pode (3.5)	Mais ou menos (7.0)	Pode (2.3)		-inho/a (1.2)
Acredito (1.5)	Parece (0.4)	Quase (2.3)	Deveria (1.5)	Todo o mundo sabe (1.2)	
Não sei (1.5)		Algumas vezes (1.5)	FARIA (1.2)		
Entendi/entendo (1.2)		Depende (1.2)	Deve (0.8)	A gente (0.4)	
		Geralmente (0.8)	Poderia (0.8)	Acho EU (0.4)	
O que você acha? (0.4)		Principal (0.8)	Posso (0.4)	Ao meu ver (0.4)	
		Geral (0.4)	Talvez (0.4)	Na minha ideia (0.4)	
Penso (0.4)		Mais cedo ou mais tarde (0.4)			
Você conhece (0.4)			Por volta (0.4)		Na minha visão (0.4)
	Você sabe (0.4)		Talvez (0.4)		No meu entendimento (0.4)

**Tabela 9 - Frequência (em 10 mil palavras) do uso de *hedges* em cada categoria no CTOC**

Mostramos aqui, também, uma estratificação da frequência dos diferentes tipos de *hedges* nos CTOB e CTOC, para uma melhor observação visual da produção dos dois grupos de informantes:

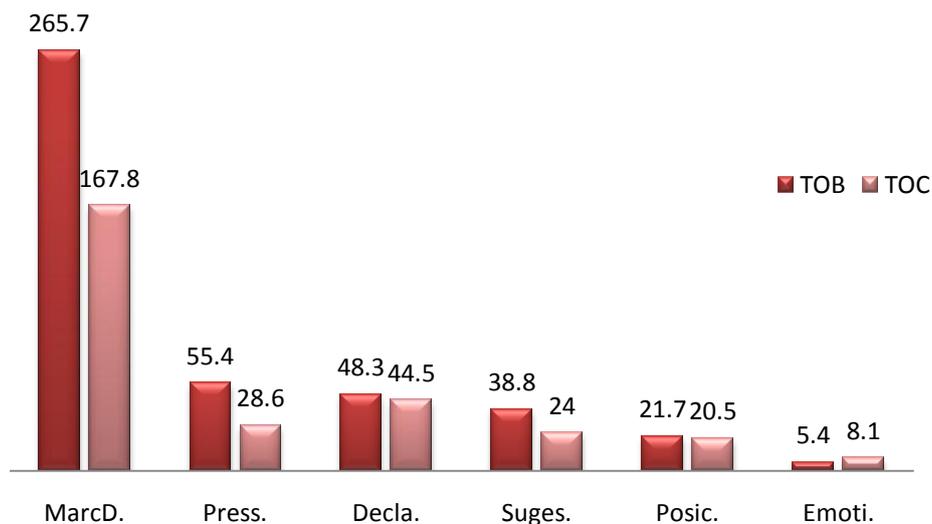


Figura 4 - A frequência (em 10 mil palavras) dos diferentes tipos de *hedges* nos CTOB e CTOC

Vale reforçar a ideia de que todos os *hedges* são classificados por análise contextual, segundo a qual os fatores de co-texto, sociointeracionais e sociocognitivos são levados em consideração através da observação das pistas de contextualização. Por isso, nas tabelas, vimos que existe um número considerável das palavras cujas formas são iguais, mas que possuem forças ilocucionárias distintas.

No processo de análise, percebemos alguns aspectos muito marcantes que diferenciam as produções dos falantes brasileiros em relação às dos aprendizes chineses:

#### ❶ *Hedges* vs verbos performativos:

Uma grande distinção de uso dos *hedges* entre os falantes brasileiros e chineses é o uso dos *hedges* e dos verbos performativos nos atos de fala diretivos, tais como “pedir” e “sugerir”. Os falantes brasileiros usam mais *hedges* enquanto os chineses usam verbos performativos.

#### Exemplos de CTOB:

< Imagina se um dia, um grupo de pessoas orientais quiser vir aqui viajar, o que você sugere para eles fazerem? >

<TOBLF04> Olha, já **devem** ter lido, mas **eu acho** que Gramado é um lugar muito

bonito, praias... Aqui tem **umas** praias bem legais por perto, do Brasil **né**. **Não sei, eu acho** que lá pra cima no Rio de Janeiro, nordeste, tem praias lindas também. **Eu não sei**, eu gosto, **particularmente**, de lugares bem movimentados assim.

<TOBDM09> **Eu não sei** como é o costume **né**, das pessoas orientais, então **talvez** eu possa dar uma pisada na bola, porque eles **podem** não gostar e tal, mas eu **indicaria** os restaurantes aqui, as churrascarias que o Rio Grande do Sul tem bem boas. Deixe eu pensar que mais... Os pontos turísticos, o Guaíba, o pôr do sol. **Acho** que **basicamente** é isso assim.

<TOBLF05> **Eu acho** que primeiro o Rio. **Acredito que** o que as pessoas conhecem mais de fora sejam as imagens do Rio **né**. Então **acho** que **seria** mais interessante, até porque o clima é um pouco melhor, **né**?

Exemplos de CTOC:

< Se um dia, outros chineses vierem para cá e passarem as férias aqui no Brasil, o que você sugere para eles fazerem ou você tem alguns lugares para recomendar? >

<TOCCF04> Eu vou sugerir a cidade Rio de Janeiro, porque **todo mundo sabe** que o Rio de Janeiro é uma cidade que tem montanha, praia limpa e arquiteturas modernas, além disso, o rio de Janeiro também tem sido do destino do sonho dos jovens de diversos países.

<TOCCF02> **Acho que** eu vou apresentar o Rio, ou outro lugar, Santa Catarina e outro lugar eu não conhece...

<TOCCM11> Se eu for um voluntário para apresentar o Brasil, eu quero... eu quero lhe apresentar, por exemplo, para redenção, mesmo que redenção seja uma pequena parque, mas **acho** que é um tipo de símbolo de Porto Alegre, então eu vou apresentar.

Notamos que quando fazem sugestões, os falantes brasileiros usam um número considerável de marcadores discursivos (“eu acho”, “eu não sei”, “né”) para fazer abertura e fechamento da fala; *hedges* posicionais (“particularmente”) para deixar a discussão em aberto ou margens para si próprio a fim de não se comprometer com a sugestão feita, e ao mesmo tempo, *hedges* sugestivos (“podem”, “seria”, “indicaria”) para dar informações não muito precisas.

Quanto à fala dos falantes chineses, além da pouca aplicação de *hedges*, os falantes utilizam verbos performativos (os sublinhados) para explicitar a intenção, tornando as sugestões com ato de fala significativamente diretas. Talvez essa forma de se expressar com bastante esclarecimento denote uma característica dos aprendizes estrangeiros, que se preocupam com o sucesso da interação.

## ② *Hedges* declarativos vs informações específicas

Os dados do nosso *corpus* representam uma tendência de que os informantes chineses produzem informações bem mais específicas em relação ao tempo, lugar e número. Os informantes brasileiros, por sua vez, produzem mais *hedges* declarativos, para tornar tais tipos de informações menos transparentes.

Exemplo de CTOB:

< Como foram suas últimas férias? >

< TOBAM01 > Eu passei **uns** 20 dias na praia, final de dezembro. **Uns** 15 dias ali, 10 dias de Janeiro na praia. Depois eu retornei para Porto Alegre pra continuar trabalho, **né!** E aí, eu saía do trabalho **por volta da** 6 horas de tarde lá para casa, fazer alguma coisa na noite **normalmente**, e ia pra praia um ou outro final de semana

< TOBLF07 > Bom, nesse ano conseguimos né, fazer uma viagem, passar **uns** 5 dias assim, numa casa de praia, bem pra aproveitando, passando **quase** todas estações do ano, numa semana só **né**.

Exemplos de CTOC:

< O que você fez durante as férias de verão? >

< TOCCF02 > No dia 26 à noite, eu fui passear um pouco, e no volta, eu fui... tem um carro, atropelou-me de repente.

< TOCCF03 > Eu fui a Argentina com os meus colegas e ficava lá por 4 dias, é uma cidade.

< TOCCM11 > Os brasileiros só têm quatro coisas para fazer, tipo futebol, churrasco, praia e festa, só isso.

De fato, os *hedges* declarativos não necessariamente pressupõem que o usuário não se lembre da informação específica, mas que os falantes não estão, talvez, se esforçando na busca da informação precisa, pois esta não afeta as máximas de relevância e qualidade da conversa. Entretanto, os aprendizes, talvez devido a falta de proficiência, ainda prestam muita atenção a todos os detalhes.

### ③ *Hedges* pressupositivos vs respostas afirmativas

Na figura 4, vimos que a maior diferença do uso de *hedges* entre falantes brasileiros e chineses é a escolha de *hedges* pressupositivos. Esse tipo de *hedge* é o segundo mais produzido no CTOB, porém ocupa o terceiro lugar no CTOC. Comparando com brasileiros, os aprendizes chineses dão mais respostas afirmativas quando são solicitados a explicar o entendimento de acordo com as imagens ou imaginar alguma situação inventada.

Exemplos de CTOB:

< Na segunda figura, vamos ver, você poderia dizer alguma coisa? >

<TOBAF02> Bom, essas duas **para mim**, elas **parecem** são duas coisas... Essa que **eu entendo, seria a minha visão** que **seriam** duas mãos, **né**, simbolizando o planeta, Terra, e isso mostra a globalização, uma parceria entre os mundos, **né**.

< Vamos imaginar, se um dia, não existirem mais fronteiras entre qualquer lugar, para onde você preferia ir? >

<TOBLF06> Ah! Em vários lugares, **acho** que tudo, que gira à volta. Eu **gostaria** de conhecer vários lugares. **Eu acho** que a Ásia. **Eu acho** que tem lugares interessantes, bem interessantes, a China com certeza. Europa tem lugares lindos, tanto culturalmente, **sabe**. Eu **acho** muitos lugares interessantíssimos assim que eu **queria** conhecer, vários.

Exemplos de CTOC:

< O que tu podes dizer a respeito das figuras? >

<TOCCM08> E primeira foto é sobre o, nosso globo vai se tornar mais pequeno, e, hum, e a relação dos países ou dos pessoas vai mais intenso, intenso como duas mãos.

<TOCCM07> **Acho** que esta figura significa... Todo mundo reúne... uma etnia. É assim. Segunda figura significa... **acho que** significa destruir o floresta e também destruir o mundo.

< Se não houvesse fronteiras no mundo, aonde tu gostarias de ir? >

<TOCCF05> Árabe. Porque eu gosto de cultura lá na Árabe. Porque, porque eu gosto de pirâmide. É muito bom.

<TOCCM09> Eu gosto de viajar para *Italian* e... ou Holanda.

Além desses três aspectos principais que marcam a maior diferença de aplicação de *hedges* entre falantes brasileiros e aprendizes chineses, observamos também uma série de características que ocorrem em cada *corpus*. Iremos analisá-las nas próximas duas seções.

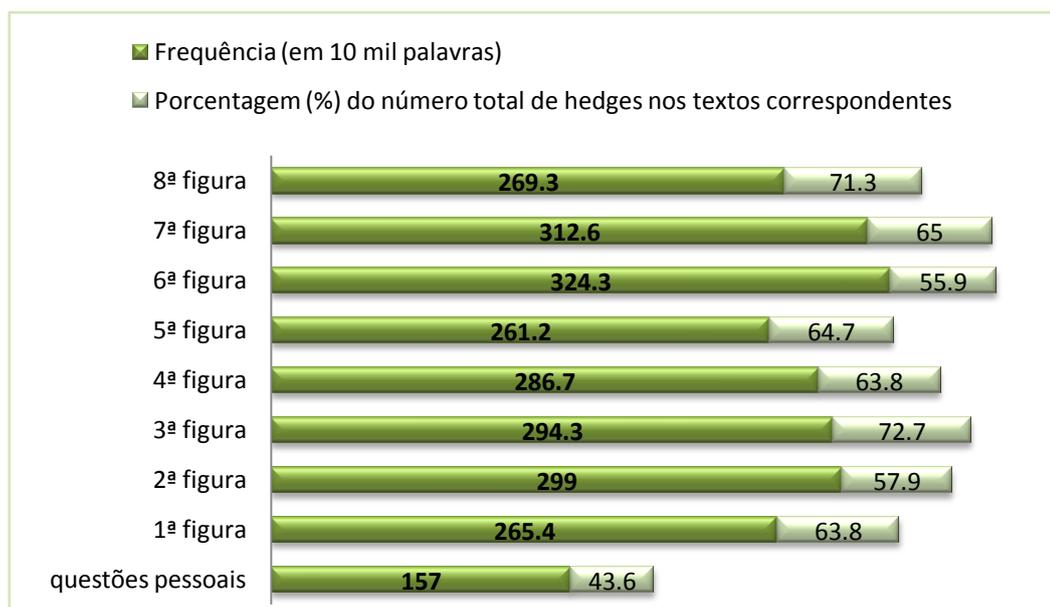
## 4.2 ESTUDO CONTRASTIVO DE CADA TIPO DE *HEDGE* ENTRE CTOB E CTOC

A intenção de comparar os diferentes tipos de *hedges* entre os dois *corpora* é observar quais aspectos diferentes e semelhantes existem no uso da linguagem através da aplicação de *hedges* em português, por falantes de origens bastante distintas e como essas distinções em uso fazem parte dos contextos variáveis. O objetivo principal é verificar até que ponto os *hedges* realmente modificam a interação comunicativa e se os aprendizes chineses apresentam falha de comunicação devido ao uso inadequado de *hedge*.

### 4.2.1 *Hedges* como marcadores discursivos

Conforme os dados de frequência do uso de *hedges* em cada categoria, depreendemos que os *hedges* como marcadores discursivos sempre apresentam um número maior do que os demais em textos falados, embora apenas 11 formas no CTOB e 10 no CTOC fossem consideradas como esse tipo de *hedge*.

### Quanto ao CTOB:



**Figura 5 - Estratificação de *hedges* como Marcd. em textos de cada tópico no CTOB**

A estratificação apresentada acima demonstra a relação entre a aplicação de *hedges* e os assuntos temáticos de conversa. Observamos que através das figuras, que os falantes brasileiros produzem mais de 50% dos *hedges* como marcadores discursivos, com frequência maior de 200 em 10 mil palavras. No entanto, quando se tratam de questões pessoais, esse tipo de *hedge* é menos produzidos. Para explicar esse fenômeno, temos duas hipóteses. Uma é que quando inicia-se uma nova interação, os falantes que estão na fase de “apreensão” na entrevista ainda não se adaptaram bem à conversa, por isso utilizam menos *hedges*; outra é que os falantes produzem menos marcadores discursivos quando respondem às questões pessoais, em qualquer tipo de interação.

Na presente pesquisa, não há como comprovar a primeira hipótese. No entanto, de acordo com sua porcentagem do número total de *hedges*, compreendemos que o número da aplicação dos marcadores discursivos diminui em relação ao outro tipo de *hedges* quando se trata de questões pessoais, ou seja, a nossa segunda hipótese é provavelmente mais adequada para explicar o fenômeno. A razão talvez seja que os falantes têm mais autoconfiança para responder as questões relacionadas a sua vida particular.

Agora, vamos discutir os principais *hedges* existentes dessa categoria:

## (1) “Né”

A palavra “né” é um *hedge* mais marcante no discursos dos falantes brasileiros, cuja frequência chegou a 137.2 em cada 10 mil palavras:

< TOBLF06 > Pelo jeito aqui, um tá jogando a culpa no outro **né**, toma que o filho deu **né**? A Dilma é a mãe do PAC, mas ela não... não tá querendo assumir muito a responsabilidade **né**, então ela tá jogando a culpa pro cima do Lula também **né**. É aquela coisa, eu sei que fiz, mas se o outro não se manifestar, eu vou falar que ele fez **né**, para não ter nenhuma responsabilidade **né**.

< TOBLF07 > cada programa, cada canal tem um telespectador específico **né**? por exemplo... claro, canal aberto, Globo, SBT, Record, **né**? são mais pra classe média e classe média baixa, porque os outros podem ter Net, Sky, **né**? Essas TVs por assinatura, então esses canais passam mais besteira. Novela, **né**? Passam esses programas de auditório, **né**? que é mais centrado pra esse público, **né**? Mas claro, e daí, por exemplo, sei lá, esses canal de história, de animais, **né**? são mais voltados pro público mais cultural assim, **né**?

Vimos que quase todas as frases acima terminam com a palavra “né”. Na aula de PLA, se o aluno pergunta sobre o que quer dizer “né”, o professor normalmente responde que essa palavra é um tipo de marcador que tem sentido igual a “não é?”, sendo utilizada para que o interlocutor seja envolvido na conversa e que sua afirmação seja reconhecida. No entanto, quando repensamos os exemplos acima, é possível perguntarmos se o falante está realmente tão ansioso para que sua fala seja aceita? Essa palavra, talvez na maioria das vezes, seja produzida inconscientemente, pois não possui sentido muito relevante. Porém, como um hábito específico, ela representa a língua falada de português do Brasil.

## (2) “Acho”

Sendo o segundo *hedge* mais frequentemente produzido no CTOB, a palavra “acho” (ou “eu acho”, “acho que” e “achei”, em alguns casos) era entendida como uma expressão representar a plausibilidade do enunciado e a responsabilidade do locutor. Entretanto, no nosso *corpus*, essa palavra em sua maioria das vezes aparece como a abertura de fala, precedendo o argumento de um ponto de vista pessoal.

< Você acha que ponto nossa vida social se iguala a uma olimpíada? >

< TOBDM09 > **Eu acho** que é uma, no campo profissional, por exemplo, **eu acho** que às vezes, rola uma espécie de competição, por exemplo, tu compete com teu colega pra ver quem faz melhor tal coisa ou quem faz mais rápido tal coisa ou quem agrada mais o chefe. **Eu acho** que isso, talvez, pode ter uma semelhança. **Acredito** que nesse ponto assim, que me vem na cabeça agora.

Nesse exemplo, vimos que entre o primeiro e o segundo “eu acho”, o locutor não representa nenhuma opinião pessoal diante da pergunta. Sendo os movimentos preliminares, eles têm função apenas de iniciar uma nova argumentação e manter seu turno de fala. O terceiro “eu acho” e a expressão “eu acredito” representam a mesma natureza de retomar as ideias apresentadas e fazer o fechamento.

(3) “Eu não sei” e “sei lá”.

Semanticamente, a expressão “eu não sei” provocaria uma resposta cooperativa mas não-esperada e “sei lá”, uma resposta não-cooperativa. Em outras palavras, essas duas expressões, teoricamente, pressupõem uma descontinuidade da conversa. Porém, nas interações comunicativas, elas representam outras funções pragmáticas:

< Se a vida fosse uma viagem, qual transporte você escolheria para sua vida, nessa viagem? >

< TOBDM09 > Acho que eu ia de carro. Não, tô brincando, **não sei**. Bah, essa pergunta é difícil. Eu acho que trem, porque o trem me transmite uma sensação boa de tá andando de tá olhando paisagem.

< Você acha que um dia alguns transportes serão substituídos? >

<TOBEM10> Olha, acredito que a forma seria sempre por voo, todos. **Sei lá**, o meio de transporte que voasse sobre água, sobre qualquer superfície.

<TOBLF04> Para sempre... Ah! **Não sei...** Olha, acho que não, para sempre acho que não, de repente os carros.

Entendemos que “não sei”, nos exemplos acima, não quer dizer “eu não consigo te dar a resposta”, mas sim como “eu não tenho certeza, mas tento te responder”. Igualmente, “sei lá” não necessariamente significa “não sei e nem quero saber”, mas pode ser uma preparação da resposta cooperativa, embora esta possa ser não-esperada ou não-exata. Essas expressões, invés de impedir a continuidade da comunicação, auxiliam o sujeito a ganhar tempo de

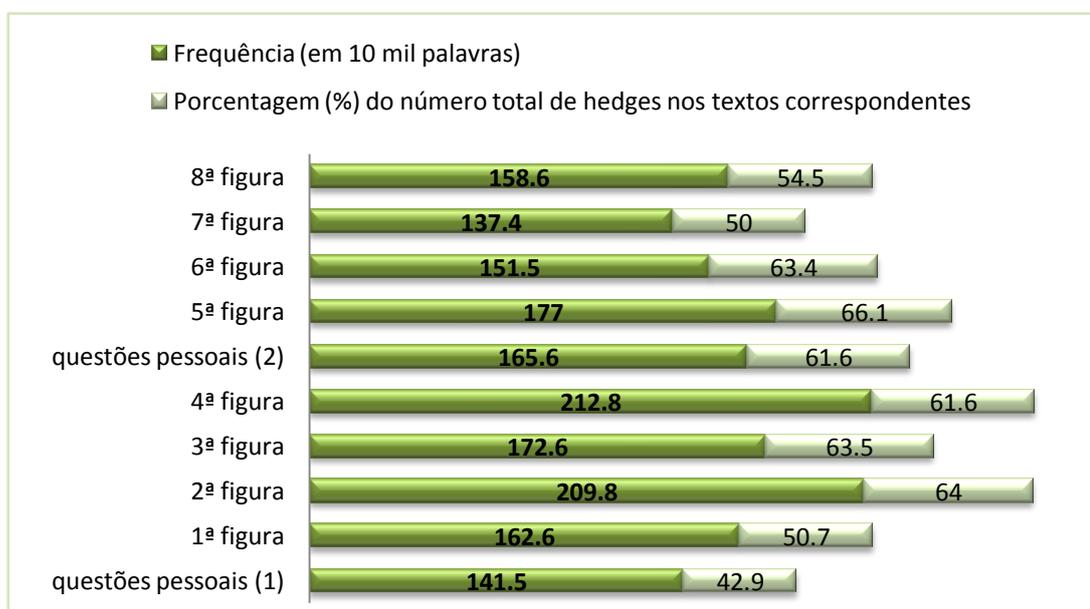
organizar a sua fala.

(4) Outros tipos de *hedges* como marcadores discursivos no CTOB.

Os outros *hedges* nessa categoria representam papéis pragmáticos semelhantes. “Sabe”, que termina-se com ponto de interrogação, inserido no enunciado, nem sempre está testando o conhecimento contextual do interlocutor; “digamos” não implica, todas as vezes, a ideia de que o sujeito falante seja plural; “pois é” normalmente precede uma opinião contrária do que foi dito por interlocutor. Podemos dizer que os *hedges*, como marcadores discursivos, são identificados mais por sua função pragmática do que semântica, que tornam os enunciados mais coerentes e aceitáveis.

**Quanto ao CTOC:**

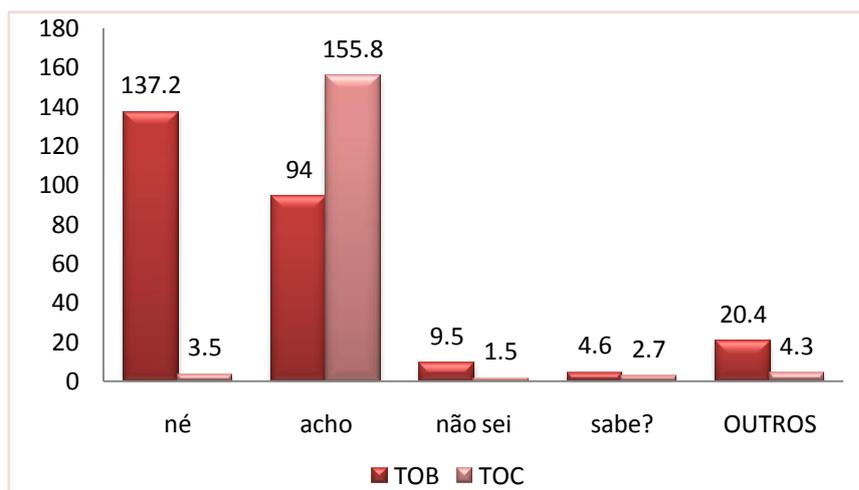
Mesmo que seja menos frequente o uso desse tipo de *hedge* em comparação com o dos brasileiros, os marcadores discursivos ainda são os *hedges* mais produzidos no CTOC. As formas apresentadas pelo CTOC são semelhantes também às formas no CTOB. Entretanto, a frequência de uso demonstra aspectos diferenciados.



**Figura 6 - Estratificação de *hedges* como MarcD. em textos de cada tópico no CTOC**

No que diz a respeito à figura 6, a produção de *hedges* como marcadores discursivos

por aprendizes chineses, cuja porcentagem sempre fica por volta de 50-60%, é de forma mais estável comparado com outros tipos de *hedge*. E na frequência (137.4 – 209.8) de uso em relação aos diferentes tópicos de cada entrevista, também ocorre uma distinção menor do que o mesmo dado no CTOB. As formas e funções dos *hedges* nessa classe no CTOC representam certa similaridade com os no CTOB. Todavia, há uma grande distinção da distribuição dos *hedges* com maior frequência de cada *corpus*. Apresentamo-la aqui abaixo:

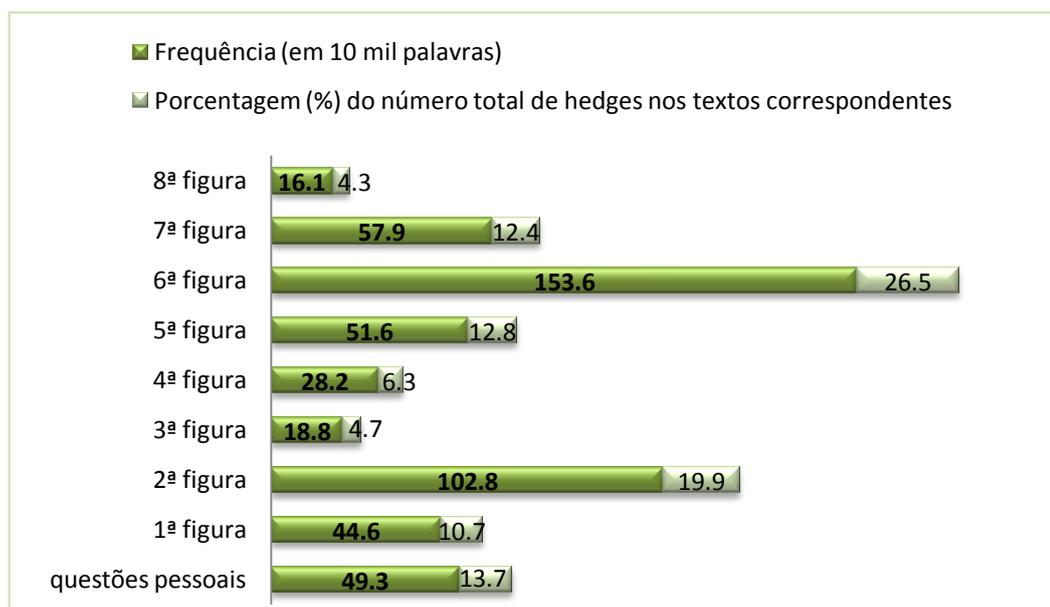


**Figura 7 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* como MarcD.**

Em ambos os dois *corpora*, as expressões “acho” e “né” são os primeiros dois itens mais frequentemente produzidos na categoria de marcadores discursivos. No entanto, a ocorrência dessas duas palavras é completamente diferente em cada *corpus*. Por um lado os falantes brasileiros produzem muito mais “né” do que falantes chineses; e por outro lado, os chineses produzem mais “acho” na fala como *hedges* de marcadores discursivos. Se analisarmos todos os textos orais dos informantes, observamos que só a partir da terceira entrevista, houve a primeira palavra “né” no CTOC e ela só aparece de novo na sexta entrevista.

#### 4.2.2 *Hedges* pressupositivos

## Quanto ao CTOB



**Figura 8 - Estratificação de *hedges* press. em textos de cada tópico no CTOB**

No que diz a respeito à figura 8, é que o uso de *hedges* pressupositivos no CTOB varia consideravelmente de acordo com os diferentes tópicos. Nas perguntas baseadas nas 2ª e 6ª figuras, a frequência do uso ultrapassa 100 por cada 10 mil palavras. Talvez a razão seja que os tópicos dessas duas figuras (globalização e meio de transporte) são um pouco mais abstratos se comparados com outros tópicos. Os informantes precisavam de mais criatividade para responder as perguntas. Eles usam “acho”, “talvez”, “provável” etc., essas palavras típicas de *hedges* pressupositivos e os verbos modais em diferentes tempos verbais – “pode”, “possa”, “poderia”, “podia” etc. Além disso, há também as expressões de marcadores, tais como “quem sabe”, “de repente” e outros.

Exemplos:

< Depois da formatura, o que você pretende fazer? >

Eu quero fazer uma especialização. Eu não sei se, a princípio, é melhor eu fazer uma especialização ou já fazer o mestrado (...) **Talvez**, projetos... **talvez**... finanças não, finanças, **acho que** é meio complicado. Mas **provavelmente** vai ser marketing internacional. **Provavelmente** vai ser uma especialização em marketing, pra depois fazer o mestrado.

< Você acha que um dia, alguns deles serão substituídos? >

Olha, acredito que a forma **seria** sempre por voo, todos. Sei lá, o meio de transporte que voasse sobre água, sobre qualquer superfície. Então isso **substituiria** o navio, o carro, o avião. **Quem sabe** até a complexidade do transporte **substituiria** o foguete. Se tivesse alta velocidade, **substituiria** o trem, mas a bicicleta, eu vejo como um lazer. Então, **acho que** esse **seria** o único que não **seria** substituído.

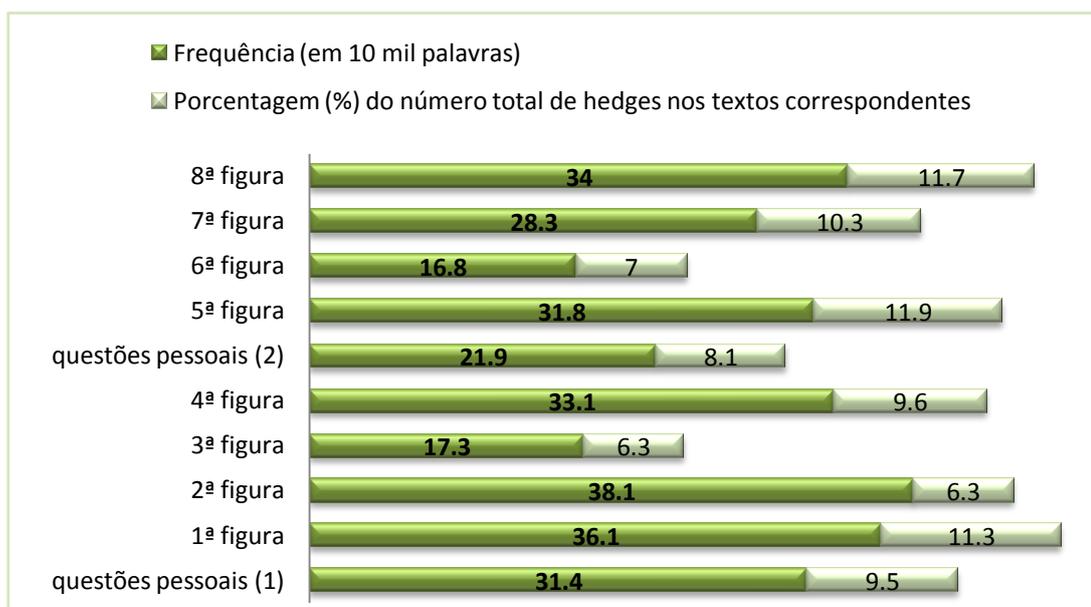
### Quanto ao CTOC:

O uso dos *hedges* pressupositivos no CTOC reflete bastante no sentido literal das palavras. Totalmente, existem apenas quatro formas de *hedges* nessa categoria, quais sejam: “talvez”, “acho”, “pode” e “parece”. Todos são *hedges* pressupositivos típicos. No entanto, as palavras tais como verbos indicativos no futuro pretérito (FARIA) e as modalidades epistêmicas e deônticas nunca apareceram.

< O que tu pretendes fazer quando tu voltares para a China? >

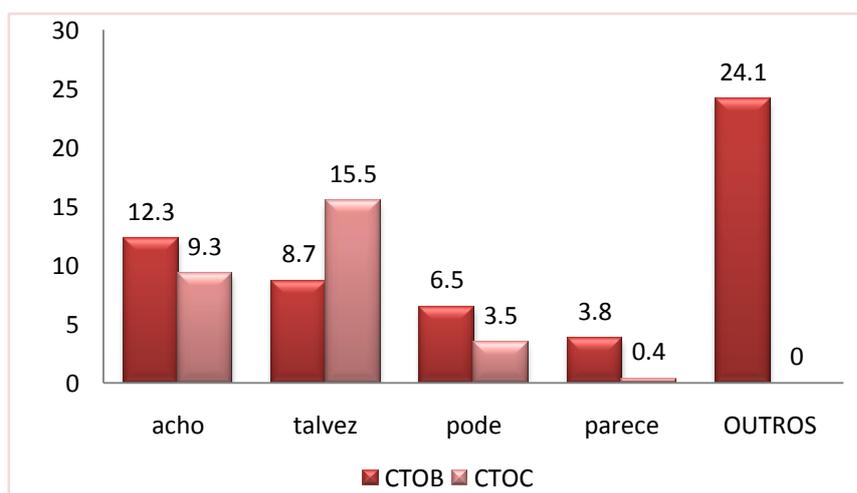
< TOCCM09 > **Eu acho** no futuro, **talvez** tem um trabalho perto casa, segundo is... é em China, tem pouco pessoas estudar português. No futuro, **talvez** tem uma trabalho boa.

< TOCCF02 > Eu queria ser um tradutor e **talvez** eu quero ir a África, Angola, ou **talvez** eu vou voltar para o Brasil.



**Figura 9 - Estratificação de *hedges* press. em textos de cada tópico no CTOC**

A distribuição do uso de *hedges* pressupositivos refere-se também a diferentes contextos conversacionais, por ém n ão há uma distin ção t ão grande entre os tópicos, como foi apresentado no CTOB.



**Figura 10 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* press.**

### 4.2.3 Hedges declarativos

*Hedges* declarativos são *hedges* mais produtivos em termos de forma em ambos os corpora. Em CTOB, há 21 formas e em CTOC, 12 formas.

#### Quanto ao CTOB

As formas mais encontradas de *hedges* pressupositivos no CTOB são palavras ou sintagmas adverbiais e preposicionais, tais como “normalmente”, “principalmente”, “geralmente”, “basicamente”, “praticamente”, “politicamente” etc. e “de certa forma”, “de certa maneira”, “de certo ponto”, “de modo geral”, “em torno de”, “por volta de” entre outros. Entende-se que essas formas são difíceis de ser adquiridas pelos aprendizes chineses, porque existe pouca produção desse tipo de *hedges* no CTOC. Além disso, muitos deles são impossíveis de ser traduzidos e explicados de forma literal em língua chinesa.

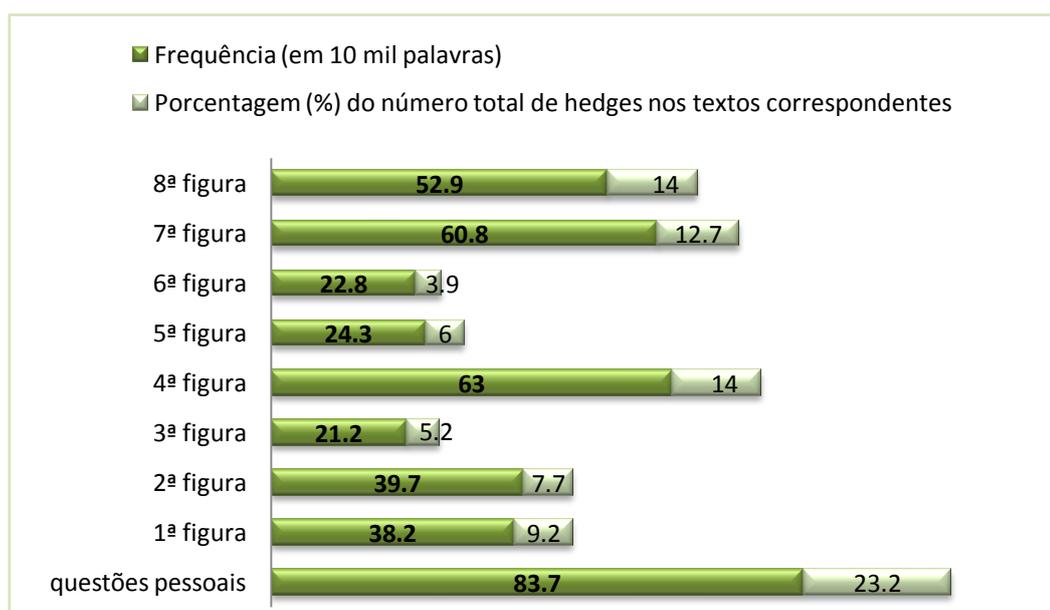


Figura 11 - Estratificação de *hedges* decla. em textos de cada tópico no CTOB

Os exemplos que encontramos no CTOB:

< Você concorda com esta frase ? >

< TOBAM03 > Ah, eu não sei, assim o importante é competir, essa frase muito... muito

**politicamente** correta..

< Depois da formatura, o que você pretende fazer? >

Eu quero fazer uma especialização. Eu não sei se, **a princípio**, é melhor eu fazer uma especialização ou já fazer o mestrado.

Outra observação baseada nas amostras do CTOB é que o objetivo da produção dos *hedges* declarativos é principalmente, limitar o âmbito de número ou de tempo a fim de proteger as máximas de modo e de qualidade da fala, mas não descrever o sentimento ou opiniões pessoais na argumentação. Por isso, esses *hedges* são mais encontrados quando forem utilizados para responder as informações pessoais.

< Você vai ao cinema sozinho ou com namorada? >

<TOBLM08> **Geralmente** eu vou com minha namorada, a pessoa que eu mais vou é com ela, mas **às vezes**, com alguns amigos também, mas mais com ela e **de vez em quando**, eu vou sozinho também.

**Quanto ao CTOC:**

Diferentemente do uso de *hedges* declarativos no CTOB, os falantes chineses usam muito menos esse tipo de *hedge* nas respostas de questões que se relacionam à vida privada do que os brasileiros, mas bastante mais em outros tópicos quando se expressarem as opiniões pessoais e argumentativas.

Os exemplos são:

< Tu achas que na China, as mulheres são bem valorizadas quando trabalham? >

<TOCCF01> Acho que **mais ou menos**. E **normalmente**, homens e mulheres têm trabalhos diferentes.

< Quando tu casar, tu vai ajudar em casa? >

<TOCCM11> **Depende**, acho que eu vou... sim. Não sei por que **geralmente** as mulheres têm que arrumar a casa.

Além do mais, os aprendizes chineses ainda generalizam as significações das palavras e expressões, usando-as com sentidos diferentes. Abaixo, estão os exemplos de uso da expressão “algumas vezes” no CTOC:

< A qual sentimento humano se refere esta charge? >

(1) <TOCCM08> Acho que o foto queria, a foto diz **algumas vezes** que ganhar o primeiro lugar é uma sorte.

< Voc ên ão gosta de assistir TV? >

(2) < TOCCM09 > É não... tudo... **algumas vezes**, eu não tenho muito tempo.

< O que voc êe seus amigos fazem no seu tempo livre? >

(3) < TOCCF03 >Nós jogamos computadores, e algum... **algumas vezes** jogar cartões.. cartas, e fazer... fazemos compras.

No exemplo (1) “algumas vezes” pode ser interpretado como “de certa maneira”; no (2), a mesma expressão tem sentido de “normalmente”, ou “muitas vezes”; já no (3), ela pode ser entendida como “às vezes”. As três interpretações não são muito utilizadas por falantes brasileiros. Por isso, quando analisarmos a fala dos aprendizes, precisamos dedicar mais à identificação do contexto para melhor entender a intenção do falante e orientar o ensino de LA.

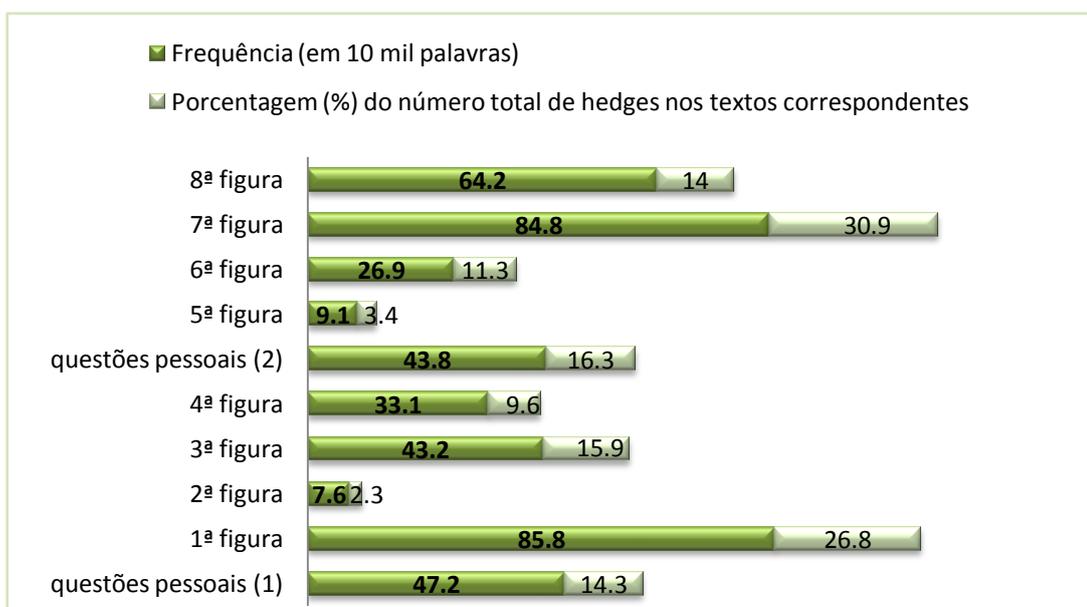


Figura 12 - Estratificação de *hedges* decla. em textos de cada tópico no CTOC

A figura 13 representa as maiores diferenças do uso de *hedges* declarativos entre CTOB e CTOC. Observamos que chineses produzem muito mais “normalmente”, “às vezes” e “mais ou menos”. Isso deve ter sido influenciado pelo seu próprio sistema linguístico. No entanto, embora haja muito menos formas desse tipo de *hedges* no CTOC, a frequência total da produção dele, que é 44.5 não fica muito menor do que no CTOB que apresenta a frequência de 48.3 desse tipo de *hedges*.

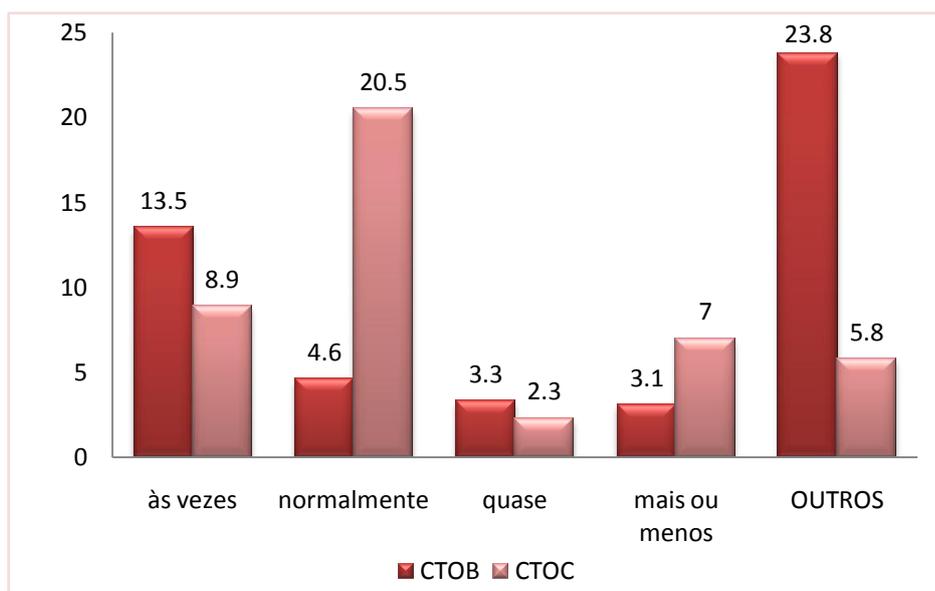
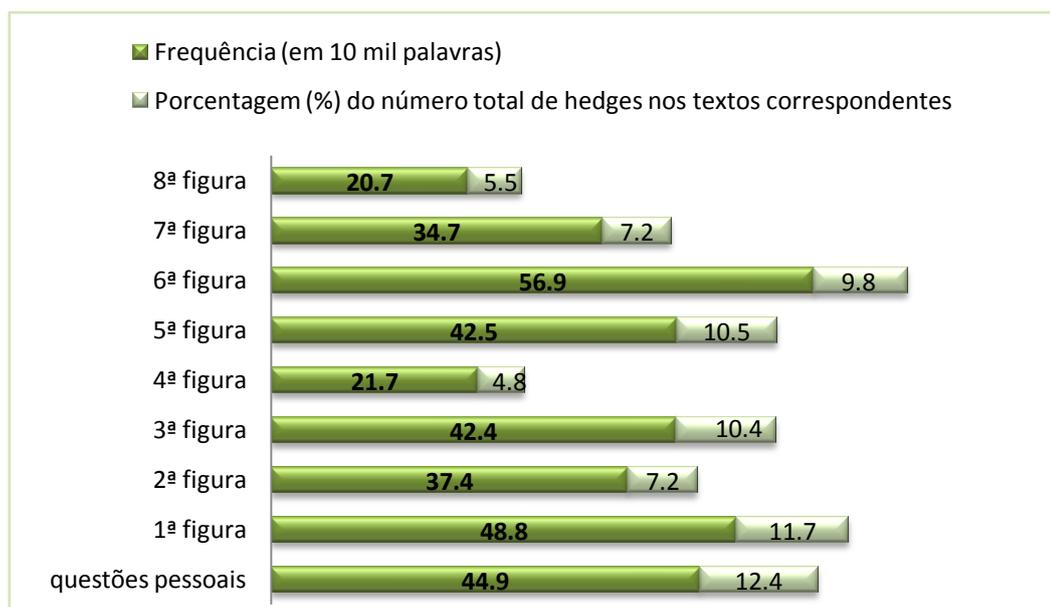


Figura 13 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* decla.

#### 4.2.4 *Hedges* sugestivos

Quase todos os *hedges* sugestivos selecionados no CTOB podem ser considerados como mitigadores, cujas formas principais são verbos indicativos no futuro pretérito. Tal tempo verbal é normalmente visto como um verbo condicional, sendo ensinado para os alunos como forma de se expressar, de forma mais polida, o pedido; ou nas frases que contêm verbos de subjuntivo no passado. Porém, no CTOC, observamos que além dos verbos modais, esse tipo de palavra é muito difícil de ser encontrada pelos alunos chineses.

### Quanto ao CTOB:



**Figura 14 - Estratificação de *hedges* suges. em textos de cada tópico no CTOB**

A figura acima demonstra a distribuição do uso de *hedges* sugestivos no CTOB. Vimos que para responder questões pessoais e perguntas da primeira e sexta figura, os falantes produzem mais *hedges* sugestivos, porque foram solicitados a propor solução de problemas. Em outras situações, a frequência do uso dele não sofre uma diminuição significativa. No nosso *corpus* coletado, *hedges* sugestivos são o segundo *hedge* mais estável em termos de frequência de uso (o primeiro é *hedge* como marcador discursivo).

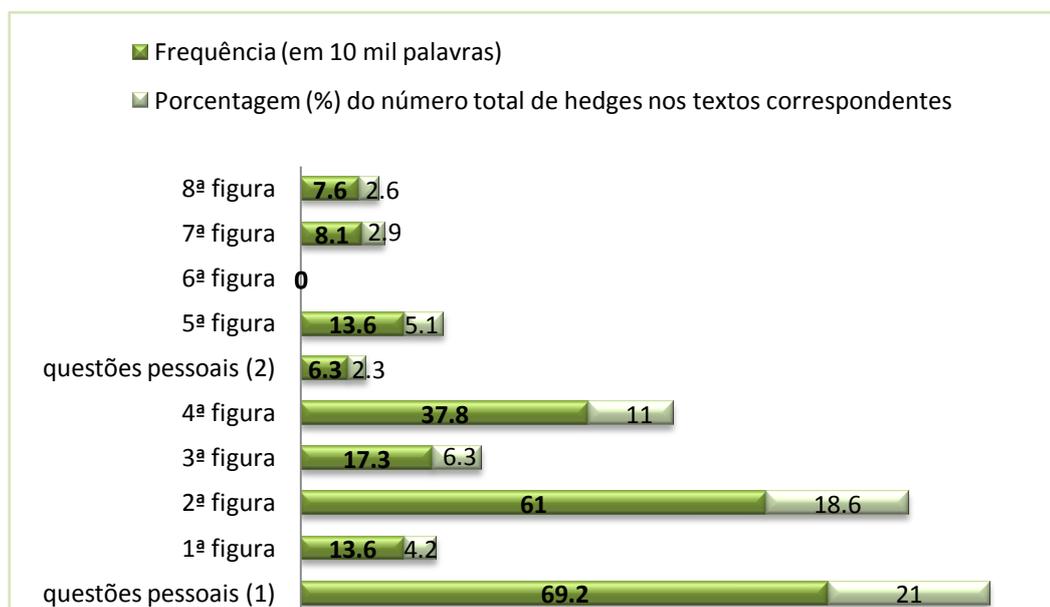
Como muitos exemplos de *hedges* sugestivos já foram introduzidos na seção 4.1, aqui só colocamos mais um exemplo:

< Se a vida fosse uma viagem, qual transporte você gostaria de utilizar? >

<TOBDM09> **Acho que** carro. Tu aproveita mais, ou tu pode ver cada parte, cada caminho da tua viagem... **Acho que** o carro **seria** uma boa opção.

Aqui, “eu acho” pode entrar na categoria “*hedges* como marcadores discursivos” ou “*hedges* pressupositivos”. No entanto, como ele está dentro de um ato de fala diretivo, consideramo-lo como um *hedge* sugestivo.

### Quanto ao CTOC:



**Figura 15 - Estratificação de *hedges* suges. em textos de cada tópico no CTOC**

Comparando os dois *corpora*, existe uma grande diferença de uso dos *hedges* nas produções dos aprendizes chineses e dos brasileiros. Na figura 14, vimos que no CTOB, a sexta figura (cujo tópico é meio de transporte) apresenta uma frequência mais alta do uso de *hedges* sugestivos, no entanto, no CTOC (figura 15), o mesmo dado foi zero, ou seja não há nenhum *hedge* sugestivo encontrado nesse *corpus*. De fato, não apenas a questão da sexta figura, os outros tópicos da segunda etapa da pesquisa (os últimos cinco tópicos) também representam um número muito distinto do que o do CTOB. Em outras palavras, na medida em que a proficiência de PLA aumenta<sup>72</sup>, os informantes chineses, invés de aumentar a frequência do uso dos *hedges* sugestivos, a diminuem na fala deles. Para entender melhor essa observação, tentamos procurar quais *hedges* específicos tinham diminuído ou desaparecido.

Através de elaboração das ocorrências de cada *hedge* (Anexo 4), vimos que os verbos auxiliares, que têm função de *hedges* sugestivos e que aparecem nas primeiras entrevistas com informantes chineses, não existem mais nas últimas entrevistas. Porém, ainda não conseguimos encontrar uma razão para explicar o fenômeno.

<sup>72</sup> Suponhamos que após cinco meses de estudo no Brasil, os aprendizes, em geral, tinham melhorado a proficiência de PLA.

Além disso, existe um *hedge* sugestivo, “queria”, no CTOC que chamou atenção em função de ter muita frequência de uso em comparação com o CTOB:

< Se você fosse a professora na figura, o que você diria para os pais dele? >

< TOCCM09 > Será um professor, eu **queria** falar com os pais que a criança não cuidou na aula, e então a nota é bem baixa”

< Fale sobre o seu entendimento sobre esta imagem. >

<TOCCF03> Esta imagem **queria** expressar uma ideia que os povos do mundo queria ser unidos.

No CTOC, foi raramente encontrado algum *hedge* que é verbo, além de ser auxiliar do tempo verbal do futuro pretérito. Por isso, eles falam bastante “queria fazer” em vez de “faria”. A explicação poderia ser que, por um lado, eles tinham pouco insumo do indicativo no futuro pretérito; e por outro lado, o uso de verbo auxiliar pode diminuir o risco do “erro” na conjugação, sendo uma forma de simplificar o uso do tempo verbal. Abaixo, apresentaremos as principais distinções na frequência do uso de *hedges* sugestivos. Podemos observar que os únicos dois *hedges* sugestivos produzidos por informantes chineses, que apresentam uma frequência mais alta do que as produções dos brasileiros são “queria” e “pode”. E ambos são verbos auxiliares.

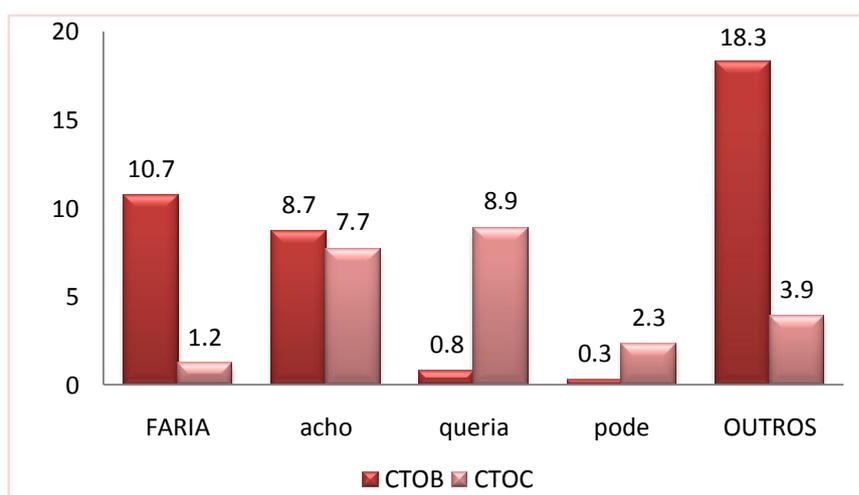


Figura 16 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* suges.

#### 4.2.5 *Hedges* posicionais

*Hedges* posicionais são os *hedges* que apresentam maior similaridade de uso nos dois corpora em termos de frequência, sendo 21.7 no CTOB e 20.5 no CTOC. Quanto às suas formas, esse representa nove formas, entre as quais, oito colocam-se pela primeira pessoa singular, tais como “para mim”, “na minha opinião” etc, enquanto aquela representa 19 formas, com 17 responsáveis pela primeira pessoa singular.

#### Quanto ao CTOB

No CTOB, o *hedge* posicional com maior frequência é a palavra “a gente”. Encontramos muitos exemplos, quando a palavra não necessariamente tem sentido de “nós”. Alguns deles querem dizer “eu”, em outras situações, ela pode ser interpretada como “as pessoas”:

< Tu tens algum momento vivido até hoje que tu achas muito emocionante para ti? >

(1) < TOBLF04 > Ah, lógico quando minha sobrinha nasceu né (...) eu comecei a cuidar dela, comecei a ser... Daí agora **a gente** sente meio como mãe né, responsável, e tem que cuidar, tem que... **A gente** está sempre em cima, sim sabendo como ela tá, o que ela quer...

< A qual sentimento se refere esta charge? >

(2) < TOBLF05 > **a gente** sempre tenta ser o melhor né, esse **a gente** sempre tenta fazer o melhor. **A gente** dá o máximo pra fazer o melhor, e não... Eu acho que **a gente** nunca tá satisfeito. É que **a gente** sempre quer melhorar e crescer...

< Então você acha uma pessoa satisfeita? >

Eu me acho muito, muito satisfeita. Muito!

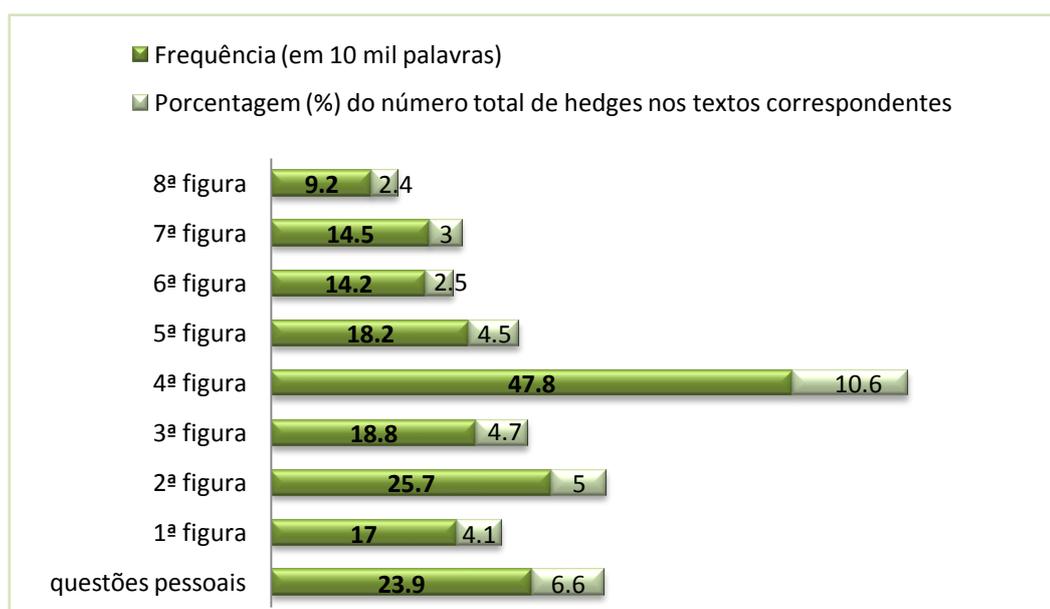
No exemplo (1), a expressão “a gente” é mais possível de ser interpretada como “eu” pelo contexto. Entretanto, o sujeito usa “a gente” para generalizar este sentimento de quando descobrir uma vida muito nova. Nós, os seres humanos, embora ainda sejamos jovens, nos sentimos como mãe.

No exemplo (2), se não houvesse a segunda pergunta, os “a gente” no enunciado não seriam considerados como *hedges* e deveriam ser interpretados como “nós”. No entanto,

depois de toda explicação que “a gente nunca se sente satisfeita”, o sujeito logo afirma que se acha “muito, muito satisfeito”. Portanto, consideramos aqui, que o pronome “a gente” tem sentido de “as pessoas”.

De fato, nesse exemplo, o que ainda pode ser discutido é a palavra “satisfeito”. O informante disse que “a gente nunca tá satisfeita” e “eu me acho muito satisfeita”, nos quais a palavra “satisfeita” possui conotações diferentes. No primeiro caso, “nunca estar satisfeito” quer dizer nunca querer parar de se melhorar na própria vida. No segundo caso, “eu me acho satisfeita” quer dizer “eu” estou gostando da minha vida, não há nada para reclamar, estou satisfeita com o que tenho e não tenho inveja de outros.

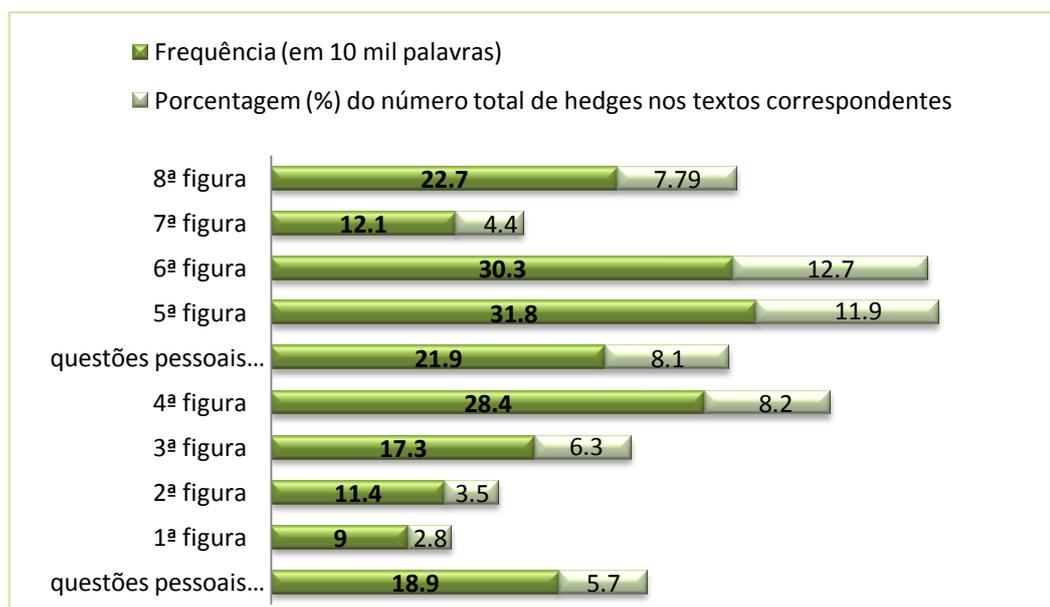
No entanto, essas possíveis análises foram feitas com base na “estranheza” que a expressão “a gente” concedeu ao discurso. Ela torna o enunciado mais vago e a palavra “satisfeita” demonstra ambiguidade.



**Figura 17 - Estratificação de *hedges* posic. em textos de cada tópico no CTOB**

Acima, está a relação entre a frequência de uso dos *hedges* posicionais e os tópicos da entrevista relacionada. Vimos que na quarta figura que trata de questões de insatisfação do ser humano, os informantes produzem mais esse tipo de *hedges* do que em outro assunto.

### Quanto ao CTOC:



**Figura 18 - Estratificação de *hedges* posic. em textos de cada tópico no CTOC**

No CTOC, a expressão “a gente” somente ocorreu uma vez como *hedge* posicional. A palavra mais frequente nessa categoria é “para mim”, sendo um *hedge* mais fácil de ser entendido literalmente:

< Como foi a viagem da China para o Brasil? >

< TOCCM06 > Humm... acho que o estância do avião é tão longe **para mim**.

< TOCCF03 > **Para mim**, a viagem foi muito interessantes.

< Qual é sua impressão do Brasil e dos brasileiros? >

< TOCCF01 > **Para mim**, os brasileiros são muito simpático, as meninas são muito bonitas e os brasileiros me ajudam muito.

<TOCCF02> **Na minha visão** sobre o Brasil, acho que é muito bonito, todos os lugares têm muito árvores e flores, para o porto alegre, é uma cidade arborizada.

As principais distinções do uso de *hedges* posicionais podem ser representadas pela seguinte figura:

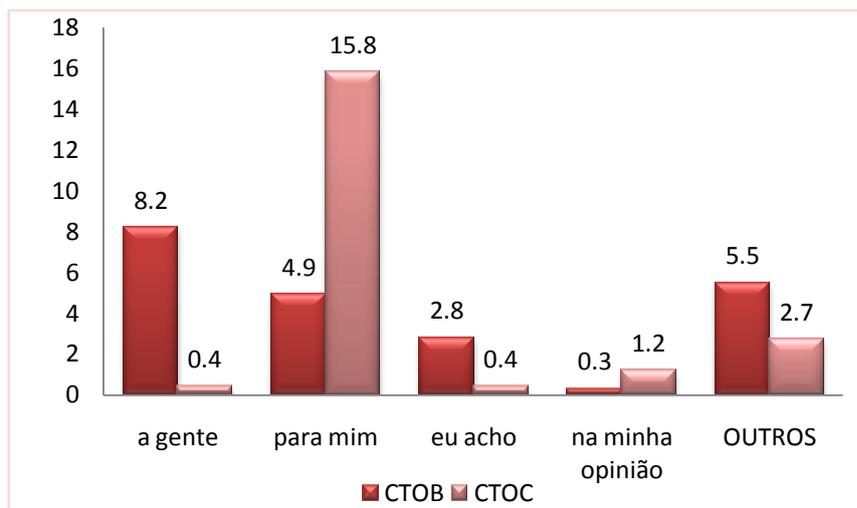


Figura 19 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* posic.

#### 4.2.6 *Hedges* emotivos

Em função das limitações dos tópicos escolhidos para fazer entrevista, além das questões pessoais, a maioria das perguntas é de natureza argumentativa. Por isso, os *hedges* emotivos são pouco produzidos em todas as entrevistas. No CTOB, apenas duas formas foram consideradas como esse tipo de *hedge*. São elas: morfema de diminutivo de nomes (-inho/inha) e pergunta retórica (???). Há duas formas, também, no CTOC, que foram consideradas como *hedge* emotivos, eles são “muito muito” e “-inho/inha”.

#### Quanto ao CTOB:



Figura 20 - Estratificação de *hedges* emoti. em textos de cada tópico no CTOB

Os dados obtidos pela estatística são bem diferentes dos que foram imaginados. Em vez das questões pessoais, são os tópicos sobre a globalização e a televisão que representam os *hedges* emotivos com a maior frequência de uso e porcentagem do número total de *hedges*. No entanto, devido à quantidade ainda muito pequena de dados, esse número não possui representatividade para fazer generalização. Por isso, usaremos o *corpus* somente como uma amostra de exemplos:

< TOBEM11 > O que tá acontecendo??? a gente paga tanto imposto, a gente passa quatro meses do ano no Brasil, pagando imposto, e para onde vai esse dinheiro??? A gente não tem mais escola descente, a gente não tem um hospital de qualidade, a gente não tem segurança para andar na rua, é estranho assim. Pra onde vai tudo isso???

< TOBLF05 > (...) Esse aqui não conseguiu nada e ficaria feliz só com o pouquinho do que eles tem, pouquinho de cada um né. Triste né, coitadinho daquele ali. Puxa vida!

Como foi mencionado nos capítulos anteriores, os *hedges* nem sempre são considerados como desintensificadores. O primeiro exemplo acima representa bem essa ideia. Em geral, a maioria das perguntas retóricas possuem função de intensificar e não atenuar a força ilocucionária. Porém, o aparecimento deles sempre faz com que o enunciado fique mais vago do que apenas um indicativo de afirmação.

No outro exemplo, o falante utiliza três “-inho” com ênfase na prosódia de fala, para demonstrar que o guri é realmente “coitadinho”. Nesse caso, a palavra “pouquinho”, embora represente seu sentido literal de “muito pouco”, pertence a categoria de *hedge* por aumentar o sentimento do enunciado.

### **Quanto ao CTOC:**

A aplicação de *hedges* emotivos no CTOC é consideravelmente diferente do que a no CTOB. Nas entrevistas com tópicos de 2ª e 8ª figura, os falantes brasileiros apresentam maior frequência no uso desse tipo de *hedge*, porém no CTOC, nenhum *hedge* emotivo é apresentado na fala da 2ª figura e muito pouca frequência da 8ª figura. Além disso, no CTOB, a frequência do uso de *hedges* emotivos ficou somente 1.5 quando se trata de questões pessoais, mas o número do mesmo assunto chegou 22 no CTOC.

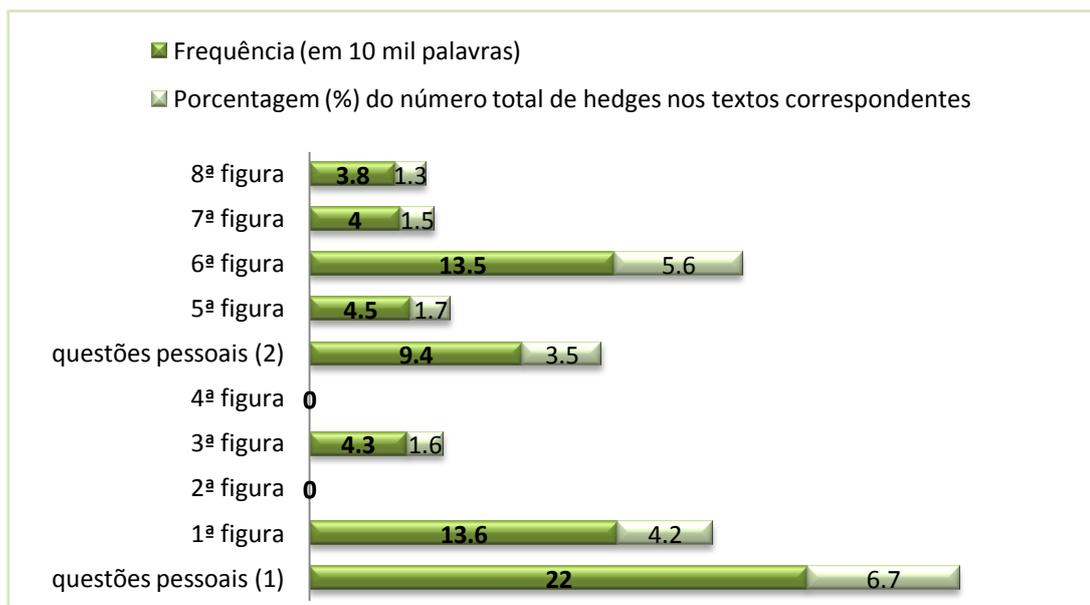


Figura 21 - Estratificação de *hedges* emoti. em textos de cada tópico no CTOC

Outra diferença que existe nos dois *corpora* é a forma dos *hedges* nessa categoria. No CTOC, não foi encontrado nenhum *hedge* com apresentação de estrutura típica. Ou seja, não há *hedge* de pergunta retórica no CTOC como *hedge* emotivo. Entretanto, percebemos um tipo de expressão bastante marcante na fala dos sujeitos chineses, que talvez possa ser considerado como *hedge* :

< Que imagem tu fazia dos brasileiros antes de chegar ao Brasil? >

<TOCCF01> Eu acho que eles são  **muito muito**  simpáticos, e o Brasil, eu gosto muito do futebol do Brasil. Eu acho que Kaká é  **muito muito**  bonito.

<TOCCM09> Antes eu cheguei ao Brasil, eu acho que todos os brasileiros jogam muito bom. Quando eu joguei com eles, não é  **muito muito**  bom.

< O que aconteceu quando tu viajaste no avião? >

<TOCCF06> Última vez, a gente foi para Argentina. Eu vi o luz à noite.  **Muito muito muito**  bonito.

< Muito bonito né? >

<TOCF06>  **Muito muito muito**  bonito. E antes de chegar no Buenos Aires também muito legal.

A expressão “muito muito” ocorre apenas uma vez no CTOB, que foi considerado

apenas uma ênfase de descrição. No entanto, no CTOC, ele apareceu 18 vezes, tornando-se uma expressão específica na fala dos sujeitos chineses. Nos enunciados, tais como o exemplo de <TOCCM09>, afirmando que “uma coisa que é  muito bom, mas não  muito muito bom”, o enunciado torna-se vago após a adição da expressão “muito muito”.

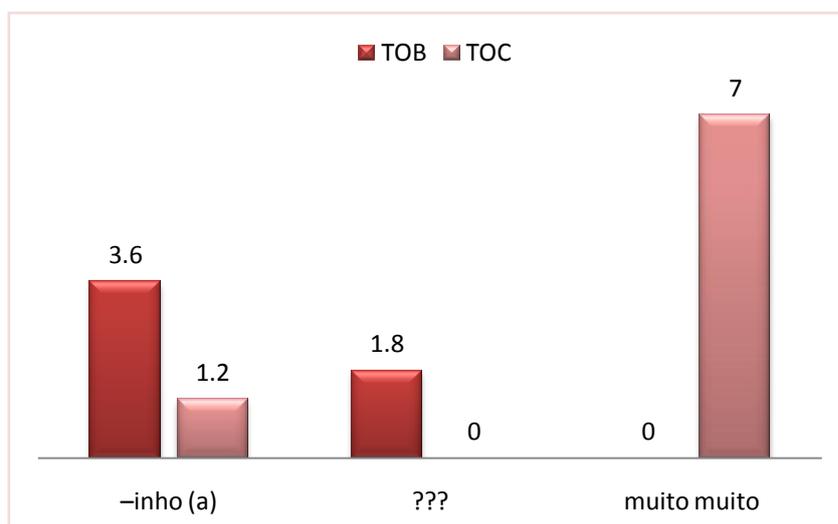


Figura 22 - Principais distinções na frequência do uso de *hedges* emoti.

### 4.3 ESTUDO LONGITUDINAL

Nesta seção, verificaremos como ficou o processo de aquisição de *hedges* em PLA pelos 11 aprendizes chineses durante nove meses de estudo no Brasil. Utilizaremos o CTOB como *corpus* de referência a fim de demonstrar se os aprendizes representam uma aproximação de uso dos *hedges* aos falantes brasileiros no contexto de imersão de linguagem.

Antes de fazer essa comparação, vejamos alguns exemplos que, de certa maneira, denotam a melhoria da proficiência de PLA dos informantes chineses nesta pesquisa:

Abaixo são os exemplos de duas informantes que respondem as perguntas de mesma natureza nas duas etapas da pesquisa:

A primeira entrevista – questões pessoais (1)

< Se um dia, um brasileiro quiser visitar a China, o que tu sugeres? O que tu recomendas? Qual é o teu conselho? >

< TOCCF05 > Acho que elas não precisam de preocupar... Acho que província Yunnan é legal e a minha terra natal também... cidade de Wuxi, província de Jiangsu, fica no sul da China. As comidas e turismo na minha terra natal é bom.

< TOCCF07 > Eu acho que se você queria ver alguns pontos de muito moderna, eu encomendo Xangai, há torre oriental, há muitos edifícios alto, mas no mesmo tempo, se você queria ver arquitetura antigas, eu encomenda Pequim.

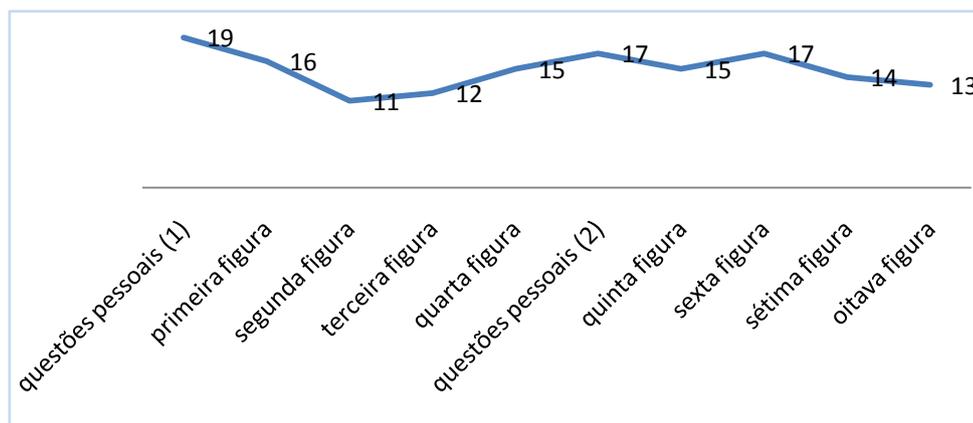
A sexta entrevista (cinco meses após a primeira entrevista) – questões pessoais (2)

< Se um dia, outros chineses vierem para cá e passarem as férias aqui no Brasil, o que vocês sugerem para eles fazerem ou tu tens alguns lugares para recomendar? >

< TOCCF05 > Eu acho se o feriado for curto, eu quero recomendar eles Gramado, Canela. É! Me lembro outro nome lá, produz vento, é muito famoso, cheio de... acho eles são mais... A maioria deles são alemães, Gramado e Canela é bem bonita, eu gosto muito das casas lá e as lojas é muito bom... E praia, no Rio Grande do Sul, eu acho que torres é melhor. Santa Catarina também! É uma cidade mais seguro do que Porto Alegre. Eu e meu namorado, a gente sai à noite, até uma hora. A gente pode caminhar na rua. Bem tranquilo!

< TOCCF07 > Eu vou sugerir a cidade Rio de Janeiro, porque todo mundo sabe que o rio de janeiro é uma cidade que tem montanha, praia limpa e arquiteturas modernas, além disso, o Rio de Janeiro também tem sido do destino do sonho dos jovens de diversos país.

Com base nos exemplos acima e outros dados no CTOC, compreendemos que os aprendizes chineses, entre o primeiro e o segundo módulo de pesquisa, tinham melhorado o seu português em termos de léxico, sintaxe, pragmática e outros. Contudo, ainda há falta de pistas para confirmar se essa melhoria de português pode ser revelada pelo uso de *hedges*. Analisaremos, primeiramente, o número total de formas de *hedges* em cada entrevista durante essa pesquisa longitudinal:



**Figura 23 - Número de formas que aparece nas 10 entrevistas**

Percebemos que os números maiores de formas de *hedges* estavam na primeira, sexta e oitava entrevistas, cujos tópicos são questões pessoais e a sexta figura, enquanto os menores são a terceira, a quarta e a décima entrevistas, cujos tópicos são a segunda, a terceira e a décima figura. Podemos dizer que durante esses nove meses, os informantes chineses não apresentaram, evidentemente, o desenvolvimento ou uma mudança do uso de *hedges* em termos das suas formas. Então, tentemos analisar o processo com base nos dados de frequência.

Consideramos, aqui, o CTOB como um *corpus* de referência. Divide-se o número de razão forma/item de *hedges* no CTOC pela razão forma/item de *hedges* no CTOB, para obter um número relativo que verifica se os aprendizes chineses apresentam uma fala semelhante à dos falantes brasileiros, ou seja:

$$\text{Número relativo (NR)} = \text{FI}_{\text{CTOC}} \div \text{FI}_{\text{CTOB}} \times 100\%.$$

Assim, como o número de parâmetro é sempre 100%, concluímos que: Se o  $\text{NR} > 100\%$ , a frequência de *hedges* nessa categoria produzida por aprendizes chineses está maior do que a dos falantes brasileiros; se o  $\text{NR} = 100\%$ , quer dizer que tanto falantes brasileiros quanto aprendizes chineses produzem esse tipo de *hedge* com mesma frequência; se o  $\text{NR} < 100\%$ , entendemos que os falantes chineses produzem *hedges* com menor frequência do que os brasileiros.

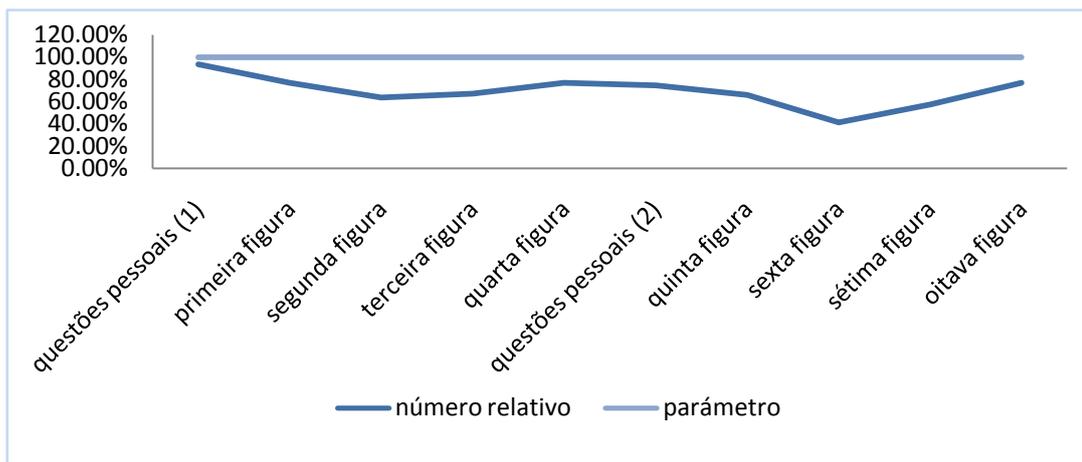


Figura 24 - Frequência relativa do uso de *hedges* durante nove meses

Depreendemos que durante nove meses, não houve uma aproximação do uso de *hedges* pelos aprendizes chineses em relação à fala dos falantes brasileiros em termos de frequência de uso desse tipo de termo. As frequências mais semelhantes dos dois *corpora* são as questões pessoais. No entanto, estes demonstram ainda que as questões pessoais na segunda etapa da pesquisa apresentam uma distinção maior do que a da primeira etapa entre os TOC e TOB. Ou seja, em vez de aproximação, ocorreu um distanciamento da fala dos chineses em relação à fala dos brasileiros quanto ao uso dos *hedges*. Além disso, a figura 24 demonstra ainda que os aprendizes chineses sempre produzem *hedges* de menor frequência nas entrevistas. Será que essa tendência apresentada acima explica cada tipo de *hedges*? Apresentamos a frequência relativa do uso de *hedges* em cada categoria para termos uma visão mais específica.

### ❶ *Hedges* como marcadores discursivos

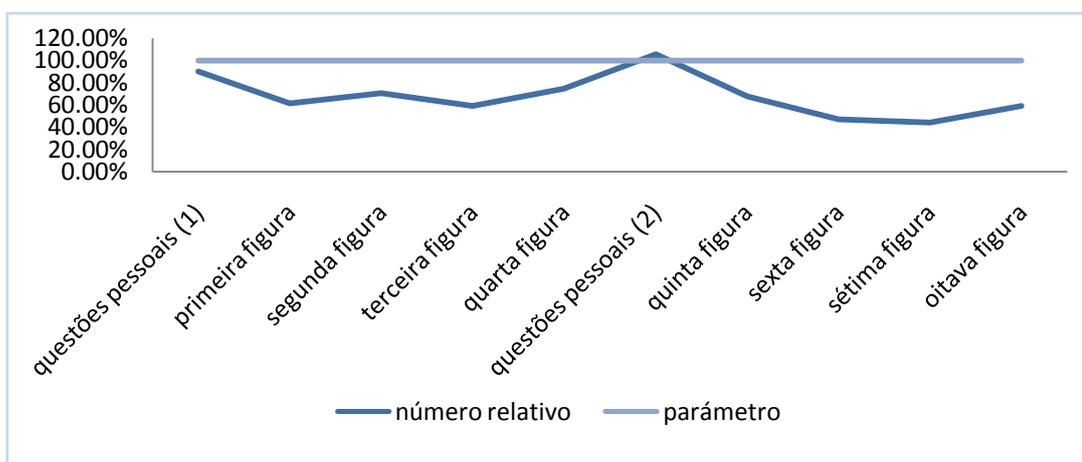


Figura 25 - Frequência relativa do uso de *hedges* como Marcd.

Em relação a figura 25, concluímos que além das perguntas de questões pessoais que motivaram certa semelhança na frequência de uso dos *hedges* entre CTOC e CTOB, não conseguimos concluir regularidade relevante no processo de aquisição desse fenômeno.

### ② *Hedges* pressupositivos

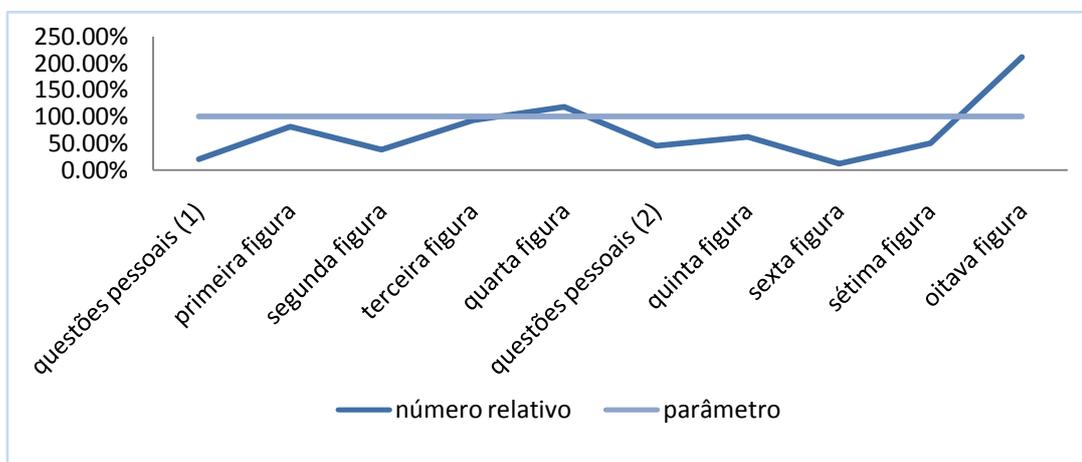


Figura 26 - Frequência relativa do uso de *hedges* press.

Mais uma vez, as frequências do uso de *hedges* nos dois *corpora* não representam nenhuma regularidade. Além disso, parece que no segundo módulo de pesquisa, a produção de *hedges* pressupositivos fica ainda mais distinta do que no primeiro módulo em termos de frequência.

### ③ *Hedges* declarativos

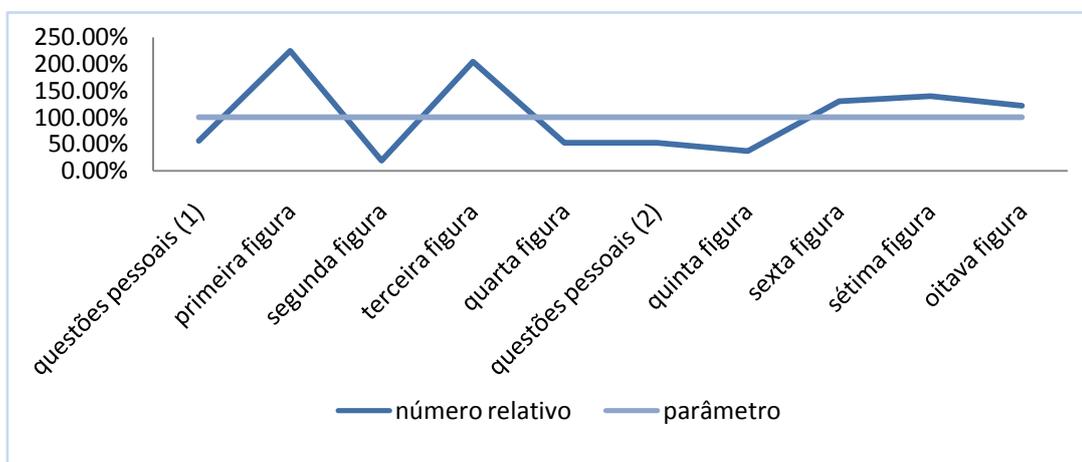


Figura 27 - Frequência relativa do uso de *hedges* decla.

Conforme foi apresentado, vimos que no segundo módulo de pesquisa, o número relativo fica menos flutuante do que este no primeiro módulo. No entanto, isso não indica a ideia de que a produção de *hedge* fica menos distinta entre os dois *corpora* por causa do seu número relativo ainda distanciado do valor 1.

#### ④ *Hedges* sugestivos

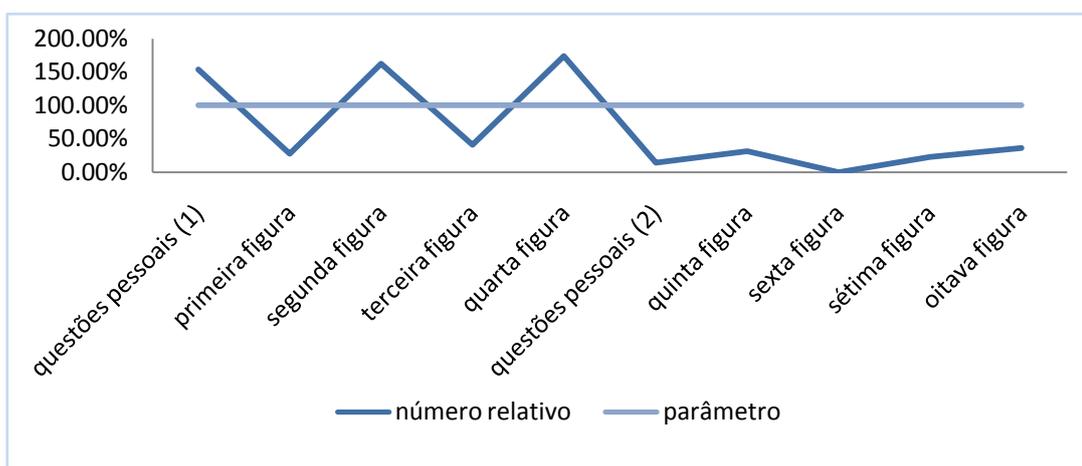


Figura 28 - Frequência relativa do uso de *hedges* suges.

Nessa figura, vimos que embora no segundo módulo de pesquisa, o número relativo sempre ficava dentro de 0-37%, a distinção da produção de *hedges* está maior do que a produção de *hedges* sugestivos nas primeira, terceira e quarta entrevistas, cujos tópicos são questões pessoais (1), segunda e terceira figura.

#### ⑤ *Hedges* posicionais

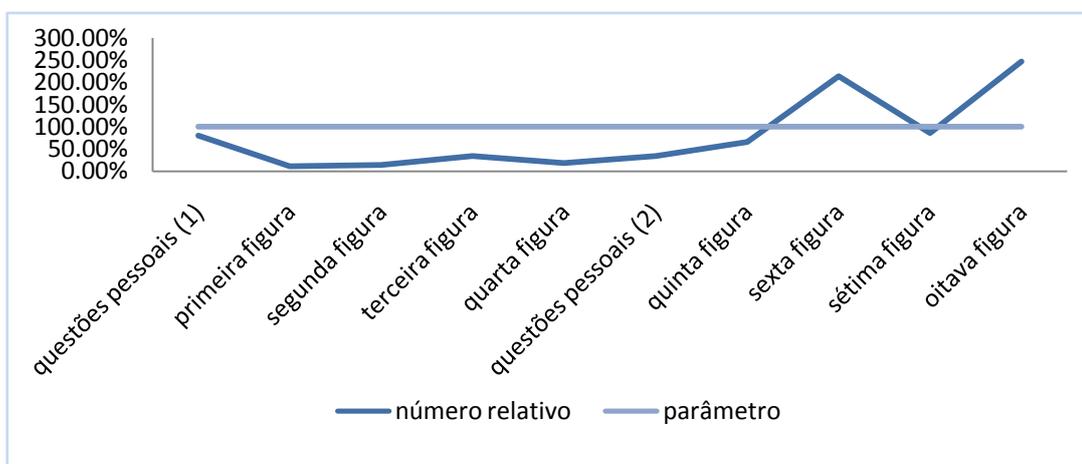
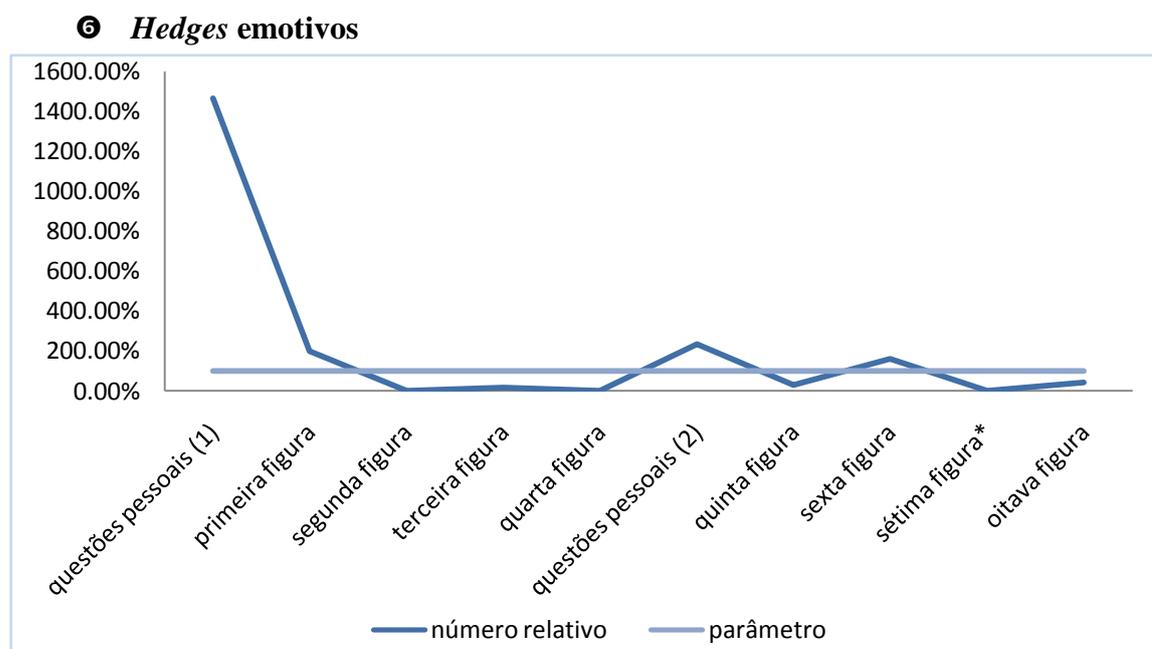


Figura 29 - Frequência relativa do uso de *hedges* posic.

Na figura 29, vimos que nas entrevistas de sexta e oitava figura, a frequência de uso dos *hedges* posicionais dos chineses fica maior do que a dos brasileiros. Além do mais, na entrevista de quinta figura, já existia uma tendência de crescimento da frequência desse tipo de *hedge*. Talvez, nesse caso, podemos dizer que os aprendizes estão, de certa maneira, manifestando sua fala com produção maior de *hedges* posicionais.



**Figura 30 - Frequência relativa do uso de *hedges* emotivos.**

Devido aos poucos dados encontrados desse tipo de *hedge*, o número de frequência relativa do uso de *hedges* emotivos varia muito de acordo com as tarefas, e por consequência, é muito difícil concluirmos o processo de aquisição dos *hedges* dessa categoria pelo que foi apresentado acima. No entanto, comparando os dois módulos da pesquisa, embora pequena, ocorreu uma aproximação do uso dos *hedges* emotivos produzidos pelos informantes chineses à fala dos brasileiros.

Vimos que, na maioria dos casos, a aplicação de *hedges* do presente trabalho não apresenta algum tipo de desenvolvimento marcante ou regular para a conclusão do processo de aquisição desse tipo de termo. Talvez o uso dos *hedges* dependa significativamente do seu contexto no enunciado. Isso é possível de ser visto na fala dos informantes brasileiros, que representa diferente frequência do uso de *hedges* em cada tópico de conversa. Porém essa diferença varia na fala dos informantes chineses, devido ao seu diferente contexto sociocognitivo e proficiência da língua. Acreditamos que esta é a razão mais predominante.

## CONCLUSÃO

O trabalho teve como objetivo comparar as produções orais por falantes brasileiros de português e os aprendizes chineses de PLA, verificando se existe uma mudança através do uso de *hedges* à medida que a proficiência da língua melhora. Com esse propósito, fizemos um estudo teórico sobre a vaguidade da linguagem e a evolução histórica do estudo de *hedges*. Observamos que as investigações anteriores se preocupavam apenas com o dispositivo semântico, pelo qual a modificação do enunciado só pode ser analisada isoladamente fora do contexto. Essas pesquisas, embora contribuam ao nosso entendimento diante desse fenômeno linguístico, não possui grande aplicabilidade para o presente trabalho. Nesse sentido, abordamos uma nova definição e classificação de *hedges* a partir da perspectiva pragmática, através da análise do contexto e da força ilocucionária de enunciado.

Os *hedges*, cuja definição da presente pesquisa: “são os itens funcionais, lexicais e estruturais que especificamente existem em um determinado sistema linguístico, modificando o valor de compromisso do enunciado e a força ilocucionária do sujeito falante em consideração às estratégias comunicativas”, foram classificados em seis grupos. Eles são: *hedges* como marcadores discursivos, *hedges* pressupositivos, *hedges* declarativos, *hedges* sugestivos, *hedges* posicionais e *hedges* emotivos.

A partir dessa nova classificação, analisamos os dois corpora dos textos orais coletados longitudinalmente em nove meses e compilados com base na metodologia de linguística de *corpus* (LC). Como os dados foram obtidos em forma de entrevistas durante um curto tempo, os dois *corpora* apresentam algumas limitações inevitáveis. Por exemplo, não possuem grande representatividade e por consequência, não podem abranger todos os tipos de atos de fala. No entanto, para fazer uma comparação entre os falantes nativos e aprendizes estrangeiros, o número de dados consegue atender a intenção da nossa pesquisa.

A análise dos dados é dividida em três etapas: a) uma comparação geral das características principais de dois *corpora* através do uso de *hedges*; b) estudo contrastivo de cada tipo de *hedges* em dois *corpora*; c) descrição do processo longitudinal da aquisição de *hedges* por aprendizes chineses.

Na primeira etapa, após uma observação geral de informações dos dois *corpora*,

conclu ímos alguns aspectos que denotam as diferentes escolhas lexicais de *hedges* entre os informantes brasileiros e chineses:

- (1) Os dois *corpora* n ão apresentam as raz ões forma/item muito distintas. No entanto, eles possuem tanto a frequ ência, como formas de aplica ção de *hedges* bem vari áveis. O CTOB sempre representa os n úmeros maiores desses dois dados. Ou seja, os falantes brasileiros t êm uma consci ência lingu ística e uma compet ência lexical de produ ção de *hedges* mais altas do que os aprendizes chineses;
- (2) Os aprendizes chineses usam mais verbos performativos nos atos de fala diretivos, enquanto os falantes brasileiros usam mais *hedges* para realizar o ato;
- (3) Os aprendizes chineses apresentam uma tend ência a dar informa ções espec íficas e respostas afirmativas nos atos de fala representativos, e os brasileiros, por sua vez, utilizam *hedges* nesses atos para fazer com que o enunciado fique mais ou menos vago.

Na segunda etapa de compara ção espec ífica de cada tipo de *hedges* nos dois *corpora*, depreendemos dos dados analisados que:

- 1) *Hedges* como marcadores discursivos sempre s ão os mais utilizados pelos dois grupos de informantes em qualquer t ópico de conversa. No entanto, os falantes brasileiros utilizam, com frequ ência muito maior, os *hedges*, tais como “né”, “sei lá” e “pois é” para manter ou concluir o turno da fala, e estes s ão muito dif íceis de serem encontrados no CTOC;
- 2) A escolha e a frequ ência dos *hedges* pressupositivos variam consideravelmente de acordo com os t ópicos de conversa no CTOB. Contudo, o CTOC apresenta uma aplica ção mais est ável de *hedges* pressupositivos em termos de frequ ência, mas com poucas formas;
- 3) *Hedges* declarativos possuem um n úmero maior de formas em ambos os *corpora*. No CTOB, eles apresentam-se através da forma de palavras ou sintagmas adverbiais e preposicionais, cuja fun ção principal é proteger as m áximas de modo e de qualidade da fala do sujeito. Quanto aos chineses, esse tipo de *hedges* é utilizado mais para

descrever e argumentar as opiniões pessoais com formas bastante limitadas;

- 4) A maior diferença do uso de *hedges* entre os falantes brasileiros e os aprendizes chineses refere-se à aplicação de *hedges* sugestivos em termo de frequência e forma. No CTOB, esse tipo de *hedges* apresenta um número relativamente estável em cada assunto de entrevista. No entanto, no CTOC, o número de *hedges* sugestivos diminuiu à medida que entrevistas eram aplicadas;
- 5) *Hedges* posicionais são os *hedges* que apresentam maior similaridade de uso nos dois corpora, em termos de frequência em geral. Todavia, a diferença é que os falantes brasileiros os empregam para não se isolar dos outros, representando a ideia de “a gente” ou “as pessoas”, enquanto os aprendizes chineses preocupam-se mais com a responsabilidade da passagem de informação; eles produzem mais “para mim”, a fim de não se comprometer com sua fala;
- 6) *Hedges* emotivos são encontrados com poucos dados nesta pesquisa. Somente três formas foram consideradas como *hedges* dessa categoria. Percebemos que os brasileiros utilizam bastante diminutivos para expressar o seu gosto diante de um objeto ou algum evento. Além disso, na maioria das vezes, os diminutivos implicam uma conotação positiva. Entretanto, esse tipo de *hedge* emotivo apareceu somente três vezes no CTOC; em vez dos diminutivos, os aprendizes utilizam duas vezes o adjetivo (ou advérbio) para aumentar o sentido, por exemplo: “estou muito muito feliz” e “tenho muito muito medo”.

Na terceira etapa, com base em uma análise do processo longitudinal da aquisição de *hedges*, observamos que os aprendizes chineses, durante nove meses de estudo no Brasil, tinham melhorado a sua proficiência de língua portuguesa. No entanto, essa mudança não se identifica em relação ao uso de *hedges* em termos de formas e frequências. Não ocorreu uma aproximação ao hábito linguístico dos falantes nativos.

A nossa hipótese é que os *hedges*, diferentemente de outros léxicos de conteúdo, muitas vezes têm o valor de expressões funcionais. Eles não chamam tanta atenção de aprendizes de LA, como outros elementos linguísticos que são relativamente mais concretos e “precisos”. Além disso, devido à própria característica de entrevista, que sempre se restringe a

um número limitado de tópicos de conversa, a produção de *hedges* é possível de ser modificada, já que o uso desse tipo de termo depende significativamente do seu contexto e que os dois grupos de informantes devem reconhecer seus contextos sociocognitivos de forma bem distintas.

Para uma futura pesquisa, podemos tentar comprovar essas hipóteses e fazer uma análise mais profunda, verificando até que ponto cada tipo de *hedges* pode modificar as interações comunicativas e manifestações pragmáticas. Também será interessante analisar *hedges* tanto na linguagem oral quanto na escrita, comparando suas diferenças de uso. No entanto, para realizar essas pesquisas, precisamos construir mais *corpora*, especialmente *corpora* de aprendizes, e com maior representatividade.

## REFERÊNCIAS

ADOLPHS, S. **Introducing Electronic Text Analysis**. London: Routledge, 2006.

ADOLPHS, S.; KNIGHT, D. Building a spoken *corpus*: What are the basics? *In*: O KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. New York: Routledge, 2010, p. 38-52.

ALMEIDA, M. L. L. de. Processo de mesclagem em anguladores no português do Brasil. *In*: **Veredas – revista de estudos linguísticos**. v. 3, n.1. Juiz de Fora: EDUFJF, jan./jun. 1999, p. 129-142.

ALVES, R. J. Modalidade Epistêmica e Evidencialidade em Discursos da Ministra Dilma Roussef. *In*: **Illuminart**, v. 1, n. 1, 2009, p. 44-52. Artigo disponível em: [http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes\\_anteriores/volume1numero1/ARTIGOS/volume1artigo5.pdf](http://www.cefetsp.br/edu/sertaozinho/revista/volumes_anteriores/volume1numero1/ARTIGOS/volume1artigo5.pdf)

ANDRIGHETTI, G. H. **A Elaboração de Tarefas de Compreensão Oral para o Ensino de Português como Língua Adicional em Níveis iniciais**. Dissertação de Mestrado, UFRGS: Porto Alegre, 2009.

AUSTIN, L. **How to Do Things with Words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BIBER, D. Representativeness in corpus design. *In*: **Literary and Linguistic Computing**, v. 8, 1993, p. 243-257.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BIBER, D.; JONES, J. K. Merging corpus linguistic and discourse analytic research goals Discourse units in biology research articles. *In*: **Corpus Linguistics and Linguistic Theory**

1(2), 2005, p. 151-182.

BOAS, F. R. **Language and Culture**. New York: Macmillan, 1940.

BROWN, P. e LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

BYBEE, J. Usage-based grammar and Second Language Acquisition. *In*: ROBINSON, P.; ELLIS, N. C. (eds.) **Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition**. New York: Routledge, 2008, p. 216-236.

CAFFI, C. On mitigation. *In*: **Journal of Pragmatics** 31, 1999, p. 881-909.

CARTER, R. A.; MCCARTHY, M. J. **Cambridge Grammar of English: A Comprehensive Guide to Spoken and Written English Grammar and Usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CHAFE, W. L. Evidentiality in English Conversation and Academic Writing. *In*: CHAFE, W. L.; NICHOLS, J. (eds.), **Evidentiality: The Linguistic Coding of Epistemology**. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1986, p. 261-272.

CHANNELL, J. **Vague Language**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

CHINA. **Plano de Ação Conjunta entre o Governo da República Popular da China e o Governo da República Federativa do Brasil, 2010-2014**. Ministry of Commerce of the People's Republic of China Department of American and Oceanian Affairs. Disponível em: <http://mds.mofcom.gov.cn/aarticle/ghlt/201004/20100406877900.html> .

CLARK, H. H. Responding to Indirect Speech Acts. *In*: DAVIS, S. (Ed.), **Pragmatics: a reader**. Cognitive Psychology 11, 1979, p. 430-477.

CLEMEN, G. The concept of hedging: origin, approaches and definitions. *In*: MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (eds.) **Hedging and Discourse: Approaches to the Analysis of a Pragmatic Phenomenon in Academic Texts**. Berlin: Walter de Gruyter, 1997,

p. 235-248.

\_\_\_\_\_. Four dimensions of language use. *In*: VERSCHUEREN, J.; BERTUCELLI-PAPI, M. (org.). **The pragmatic perspective: selected papers from the 1985 International Pragmatics Conference**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1987, p. 9-25.

CRISMORE, A.; KOPPLE, W. J. V. The effects of *hedges* and gender on the attitudes of readers in the United States toward material in a science textbook. *In*: DUSZAK, A. (Ed.) **Culture and Styles of Academic Discourse (Trends in Linguistics: Studies and Monographs, 104)** Berlin: Mouton de Gruyter, 1997, p. 223-247.

DASH, P. Cross-cultural pragmatic failure: a definitional analysis with implications for classroom teaching, *In*: **Asian EFL Journal**. September, 2003.  
Disponível em: [http://www.asian-efljournal.com/Sept\\_04\\_pd.doc](http://www.asian-efljournal.com/Sept_04_pd.doc).

FINOCCHIARO, M.; BRUMFIT, C. **The functional-notional approach: from theory to practice**. Oxford: Oxford University Press, 1983.

FODOR, J. D. **Semantics: Theories of Meaning in Generative Grammar**. Harvards: Harvester, 1977.

FRASER, B. Hedged Performatives. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.) **Syntax and Semantics. 3: Speech Acts**. New York: Academic Press, 1975, p. 187-210.

\_\_\_\_\_. Conversational Mitigation. *In*: **Journal of Pragmatics 4**. 1980, p. 341-350.

GAVIOLI, L. **Exploring corpora for ESP Learning**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

GOFFMAN, E. **Interaction Ritual: Essays on Face-to-Face Behavior**. New York: Pantheon Books, 1967.

GONÇALVES, J. L. V. R. O desenvolvimento da competência do tradutor: em busca de parâmetros cognitivos. *In*: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. (orgs.) **Competência**

**em Tradução: cognição e discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 59-90.

GOODWIN, C.; DURANTI, A. Rethinking context: an introduction. *In*: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (eds.). **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

GRADDOL, D. **The Future of English?** Londres: The British Council, 1997. Livro disponível em: [http://www.ocol-clo.gc.ca/docs/f/Future\\_of\\_English.pdf](http://www.ocol-clo.gc.ca/docs/f/Future_of_English.pdf).

GRABE, W.; KAPLAN, R. B. On the Writing of Science and the Science of Writing: Hedging in Science Text and Elsewhere. *In*: MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (eds.) **Hedging and Discourse: Approaches to the Analysis of a Pragmatic Phenomenon in Academic Texts.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1997, p. 151-167.

GRANGER, S. A Bird's-eye view of learner corpus research. *In*: GRANGER, S.; HUNG, J.; PETCH-TYSON, S. (orgs). **Computer Learner Corpora, Second Language Acquisition and Foreign Language Teaching.** Philadelphia, PA: John Benjamins, 2002, p. 3-33.

GRICE, P. Logic and Conversation. *In*: COLE, P.; MORGAN, J. L. (eds.). **Syntax and Semantics 3: Speech Acts.** New York: Academic Press, 1975, p. 41-58.

\_\_\_\_\_. **Studies in the Way of Words.** Cambridge: Harvard University Press, 1989.

GUMPERZ, J. J. Contextualization and Understanding. *In*: DURANTI, A.; GOODWIN, C. (eds.). **Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992, p. 229-252.

\_\_\_\_\_. Convenções de Contextualização. *In*: RIBEIRO Brancas Telles.; GARCEZ, Pedro M.. **Sociolinguística Interacional.** São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 149-182.

HAN, Q. **Mo Hu Xiu Ci Lun (Fuzzy Rhetoric Theory).** Shandong: Shandong Publishing House of Literature and Art, 2006.

HARDIE, A.; McENERY, T. On two traditions in *corpus* linguistics, and what they have in

common. *In: International Journal of Corpus Linguistics* 15. (3), 2010, p. 384-394.

HEIDER, E. R. On the Internal Structure of Perceptual and Semantic Categories *In: MOORE, T. E. (ed.), Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973.

HÜBLER, A. **Understatement and Hedges in English**. Amsterdam: John Benjamins, 1983.

HYLAND, K. Hedging in academic writing and EAF textbooks. *In: English for Specific Purposes*. Volume 13, Issue 3, 1994, p. 239-256.

HYLAND, K.; TSE, P. Hooking the reader: a corpus study of evaluative that in abstracts. *In: English for Specific Purposes* 24, v. 2, 2005, p. 123-139.

JIANG, Y. **Mo Hu Xiu Ci Qian Shuo (An Elementary Introduction to Fuzzy Rhetoric)**. Beijing: GuangMing Daily, 1991.

JUDD, E. L.; TAN, L.; WALBERG, H. J. **Teaching Additional Language**. Educational Practices. Geneva: International Bureau of Education, 2001. Livro disponível em: <http://www.ibe.unesco.org/publications/EducationalPracticesSeriesPdf/prac06e.pdf>.

KANOKSILAPATHAM, B. Rhetorical structure of biochemistry research articles. *In: English for Specific Purposes*, 24. v. 3, 2005, p. 269-292.

KASPER, G.; ROSE, K. R. **Pragmatics in Language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

KEMPSON, R. M. **Semantic Theory**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1984.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

LAKOFF, G. *Hedges: A Study In Meaning Criteria And The Logic Of Fuzzy Concepts*. In: **Journal of philosophical Logic** 2. 1973, p. 458-508.

LAKOFF, R. **Language and Woman's Place**. New York: Harper and Row, 1975.

LAPIDUS, N.; OTHÉGUY, R. Contact Induced Change? Overt Nonspecific Ellos. In: SAYAHI, L. and WESTMORELAND, M. (eds.) **Selected Proceedings of the Second Workshop on Spanish Sociolinguistics**. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2005, p. 67-75. Disponible en: <http://www.lingref.com/cpp/wss/2/paper1141.pdf>.

LEECH, G.N. **Principles of Pragmatics**. London: Longman, 1983.

LI, Q. **Mo Hu Xiu Ci Xue Dao Lun (An Introduction to Fuzzy Rhetoric)**. Beijing: GuangMing Daily, 2006.

LOCASTRO, V. **An Introduction to Pragmatics**. Ann Arbor, Michigan: The University of Michigan Press, 2003.

LUZÓN MARCO, M. J. Collocational frameworks in medical research papers: A genre-based Study, In: **English for Specific Purposes**, v. 9, 2000, p. 63-68.

LYONS, J. **Semantics**. v. 2. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. Hedging as a translation problem in scientific texts. In: LAURÉN, C.; NORDMAN, M (eds.): **Special Languages: From Human Thinking to Thinking Machines**. London: Multilingual Matters, 1989, p. 171-175.

\_\_\_\_\_. Hedging: A Challenge for Pragmatics and Discourse Analysis. In: MARKKANEN, Raija.; SCHRÖDER, Hartmut (eds.) **Hedging and Discourse: Approaches to the Analysis of a Pragmatic Phenomenon in Academic Texts**. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1997, p. 3-18.

MAXWELL, M. Limitations of corpora. In: **International Journal of Corpus Linguistics**,

15. v. 3, 2010, p. 379-383.

MCENERY, T.; XIAO, R.; TONO, Y. **Corpus-based Language Studies: An Advanced Resource Book**. London: Routledge, 2006.

MEYER, C. F. **English corpus Linguistics: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

NEVES, M. H. de M. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2007.

OAKLEY, D. Formulaic language in English academic writing. *In*: REPPEN, R.; FITZMAURICE, S.; BIBER, D. (eds.) **Using corpora to Explore Linguistic Variation**. Amsterdam: John Benjamins, 2002, p. 111-129.

O'KEEFE, A.; MCCARTHY, M.; CARTER, R. **From corpus to Classroom**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

PARRET, H. **Enunciação e Pragmática**. Campinas: UNICAMP, 1988.

PEIRCE, C. S. Vague. *In*: BALDWIN, J. M. (ed.) **Dictionary of Philosophy and Psychology**. V. 2. London: Macmillan, 1902.

PERNA, C. B. L. **A Competência pragmática na Realização de Pedidos de Desculpas em Inglês como L2**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS, 1992.

\_\_\_\_\_. **Português como Língua Estrangeira – produção de material didático para o curso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**. Projeto do Departamento de Letras Estrangeiras da Faculdade de Letras. Porto Alegre: PUCRS, 2006.

\_\_\_\_\_. A tradução jurídica à luz da teoria da relevância. *In*: CAMPOS, Jorge.; RAUEN, Fábio José (org.) **Tópicos em Teoria da Relevância**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008, p. 143-167.

PRINCE, E. F. et. al. On hedging in physician-physician discourse. *In: PIETRO, R. J. (ed.) **Linguistics and Professions***. Norwood: Ablex. 1982, p. 83-97.

REPPEN, R. Building a Corpus: What are the key considerations? *In: O KEEFFE, A.; MCCARTHY, M. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics***. New York: Routledge, 2010, p. 31-37.

ROSCH, E. Principles of categorization. *In ROSCH, E.; LLYOD, B. (eds) **Cognition and Categorization***. New Jersey: Erlbaum Ass., 1978, p. 27-48.

ROUNDS, P. **Hedging in Academic Discourse: Precision and Flexibility**. Ann Arbor: The University of Michigan, 1982.

RUIYING, Y.; ALLISON, D. Research articles in applied linguistics: structures from a functional perspective. *In: **English for Specific Purposes** 23*, 2004, p. 264-279.

RUSSEL, B. A. W. Vagueness. *In: **The Australasian Journal of Psychology and Philosophy***. v. 1, june, 1923, p. 84-92.

SALATIEL, J. R. **Sobre o Conceito de Acaso na Filosofia de Charles S. Peirce**. Tese de Doutorado em Filosofia, PUC-SP, 2008.

SANCHEZ, A. Definición e historia de los corpus. *In: SANCHEZ, A. et. al. (orgs.) **CUMBRE – Curso de Español contemporáneo***. Madri, SGEL, 1995, p. 7-24.

SARMENTO, S. **O Uso dos Verbos Modais em Manuais De Aviação Em Inglês: Um Estudo Baseado em Corpus**. Tese de Doutorado em Teorias do Texto e do Discurso, Programa de Letras, UFRGS: Porto Alegre, 2008.

SCHLATTER, M.; GARCEZ, P. M. Línguas adicionais (espanhol e inglês). *In: **Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias***. Porto Alegre: SE/DP, v.1, 2009, p.127-172.

SCOTT, M.; TRIBBLE, C. **Textual Patterns: keywords and corpus analysis in language**

**education.** Amsterdam: John Benjamins, 2006.

SCOTT, M. **WordSmith Tools.** Vers ão 5.0. Oxford: Oxford University Press, 2010.

SEARLE, J. R. **Speech Acts.** Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

\_\_\_\_\_. Indirect speech acts. *In:* COLE, P.; MORGAN, J. L. (Ed.). **Syntax and semantics.** v. 3. New York: Academic Press, 1975, p. 59-82.

SEARLE, J. R.; KIEFER, F.; BIERWISCH, M. **Speech Act Theory and Pragmatics.** v. 10. D. Reidel Publishing Company. Dordrecht: Holland / Boston: U.S.A. / London: England, 1979.

SILVER, M. The Stance Of Stance: A Critical Look At Ways Stance Is Expressed And Modeled In Academic Discourse. *In:* **Journal of English for Academic Purposes 2.** (4), 2003, p. 359-347.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Collocation.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

\_\_\_\_\_. *Corpus and Text: Basic Principles.* *In:* WYNNE, M. (ed.) **Developing Linguistic Corpora: A Guide to Good Practice.** Oxford: Oxbow Books, 2004, p. 1-16. Disponível em: <http://www.ahds.ac.uk/creating/guides/linguistic-corpora/chapter1.htm>.

SKELTON, J. How to Tell the Truth in *The British Medical Journal*: Patterns of Judgement in the 19<sup>th</sup> and 20<sup>th</sup> Centuries. *In:* MARKKANEN, R.; SCHRÖDER, H. (eds.) **Hedging and Discourse: Approaches to the Analysis of a Pragmatic Phenomenon in Academic Texts.** Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1997. p. 42-63.

SOUSA, D. A. **How the Gifted Brain Learns.** Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 2009.

SPRADLEY, J. P. **The ethnographic interview.** New York: Holt Rinehart & Winston, 1979.

STERN, H. H. **Fundamental Concepts of Language Teaching.** New York: Oxford University Press, 1983.

- THOMPSON, P. Spoken Language *Corpora*. In: WYNNE, M. (ed.) **Developing Linguistic Corpora: A Guide to Good Practice**. Oxford: Oxbow Books, 2005, p. 59-70.
- THORNDIKE, E. **A teacher's wordbook**. New York: Columbia Teachers College, 1921.
- TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ULLMANN, S. **Semantics: An introduction to the science of meaning**. Oxford: Basil Blackwell, 1962.
- VANDE KOPPLE, W. J. Some Exploratory Discourse on Metadiscourse. In: **College Composition and Communication**. v. 36, n. 1, February, 1985, p. 82-93.
- WAN, Y. Relações entre a China e os países de língua portuguesa no contexto da globalização econômica. In: WEI D. (Coord.) **Os países de língua portuguesa e a China num mundo Globalizado**. Universidade de Macau: ALMEDINA, 2009, p. 29-35.
- WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. 4<sup>th</sup> ed). Wiley: Blackwell, 2009.
- WYNNE, M. Stylistics: corpus approaches. In: BROWN, K. (ed.) **Encyclopaedia of Language and Linguistics**. Oxford: Elsevier, 2005. Disponível em: [http://www.pala.ac.uk/resources/sigs/corpus-style/Corpora\\_stylistics.pdf](http://www.pala.ac.uk/resources/sigs/corpus-style/Corpora_stylistics.pdf).
- YAN, Q. **De práticas sociais a gêneros do discurso: uma proposta para o ensino de português para falantes de outras línguas**. Dissertação de Mestrado, PPG-Letras-UFRGS, 2008.
- YE, L. **Preparação de candidatos chineses para o exame Celpe-Bras**. Dissertação de Mestrado, PPG-Letras-UFRGS, 2009.
- YULE, G. **Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ZADEH, L. A. Fuzzy Sets. *In: Information and Control*. v. 8, Issue 3, June, 1965, p. 338-353.

\_\_\_\_\_. A Fuzzy-Set-Theoretic Interpretation of Linguistic Hedges. *In: Journal of Cybernetics*. v. 2, Issue 3, 1972, p. 4-34.

\_\_\_\_\_. The Concept of a Linguistic Variable and Its Application to Approximate Reasoning-I. *In: Information Sciences* 8. 1975, p. 199-249.

ZUCK, J. G.; ZUCK, L. V. Hedging in Newswriting. *In: CORNU, A. M.; VANPARJIS, J.; DELAHAYE, M.; BATEN, L. (eds.), Beads or bracelets? How do We Approach LSP. Selected Papers from the Fifth European Symposium on LSP*. Oxford: OUP, 1987, p. 172-180.

**ANEXO 1 – Formulário de consentimento****FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO**

Prezado(a) informante,

Sua participação nesta pesquisa tem por objetivo a realização de um trabalho acadêmico. As informações veiculadas durante o estudo poderão ser analisadas por outros pesquisadores e serão utilizadas apenas para fins de pesquisa. Seu nome e endereço residencial são considerados informações de caráter sigiloso e, portanto, não serão divulgadas no relatório de pesquisa e a outros pesquisadores.

A sua participação é de caráter voluntário. Você tem o direito de cancelar sua contribuição a qualquer momento. Agradecemos sua atenção e estamos à disposição em caso de dúvidas ou esclarecimentos no email [shtrista@gmail.com](mailto:shtrista@gmail.com), da pesquisadora Sun Yuqi.

**DECLARAÇÃO**

Declaro que li e compreendi as informações acima e que aceito participar desta pesquisa.

---

Nome

---

Assinatura

Data:        /        /

**ANEXO 2 – Ficha social de informante****FICHA SOCIAL**

Código de informante:

Idade:

Sexo:

Nacionalidade:

Local de nascimento:

Estado civil:

Grau de instrução:

Profissão:

Faculdade:

Segunda língua:

Entrevistador:

Data da entrevista:

Duração da entrevista:

Observações Gerais:

### **ANEXO 3 – Roteiros de entrevistas**

#### ✧ Questões pessoais 1 (Primeira entrevista com aprendizes chineses)

##### Com falantes chineses

##### **Questões descritivas:**

1. Como foi a viagem da China ao Brasil?
2. Qual é sua impressão do Brasil e dos brasileiros?
3. No tempo livre, o que você e seus amigos sempre fazem?

##### **Questão argumentativa**

4. Se um dia, um brasileiro quiser viajar na sua terra, o que você sugere para eles fazerem ou você tem alguns lugares para recomendar?

##### **Questão perspectiva**

5. Você tem planos para daqui a um ano?

##### **Questão emotiva**

6. Qual o momento mais emocionante vivido por você até hoje?

##### Com os falantes brasileiros

##### **Questões descritivas:**

1. Como foram as suas férias de verão? Existiu algo especial?
2. No seu tempo livre, o que você e seus amigos sempre fazem?

##### **Questão argumentativa**

3. Se um dia, um grupo das pessoas orientais quiser viajar aqui no Brasil, o que você sugere para eles fazerem ou você tem alguns lugares para recomendar?

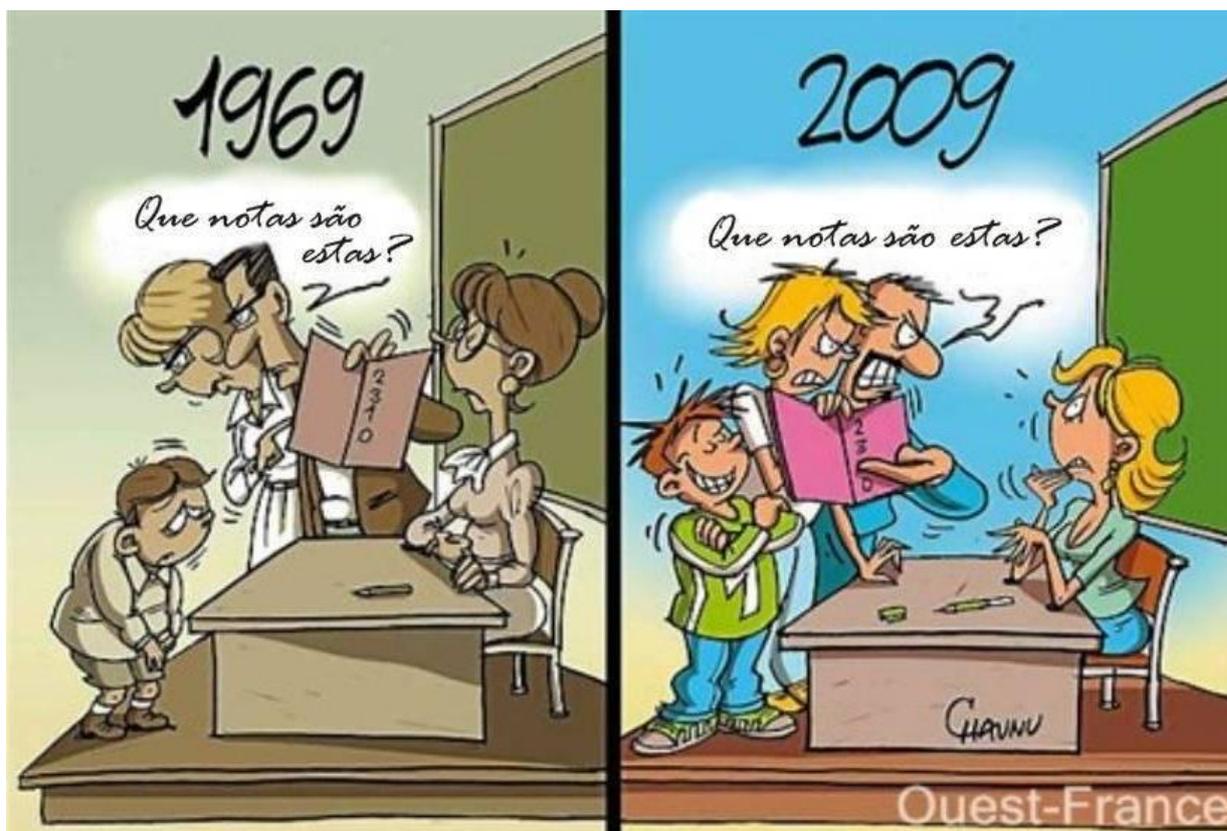
##### **Questão perspectiva**

4. Você tem planos para daqui a um ano?

##### **Questão emotiva**

5. Qual o momento mais emocionante vivido por você até hoje?

✧ Primeira figura (segunda entrevista com aprendizes chineses)



Fonte: [http://www.iesambi.org.br/noticias\\_arquivos/que\\_notas\\_sao\\_essas.htm?p=5496](http://www.iesambi.org.br/noticias_arquivos/que_notas_sao_essas.htm?p=5496)

1. O que você entendeu sobre esta charge?
2. Você conheceu alguns exemplos semelhantes à história nesta charge?
3. Quando você era criança, como foi o seu desempenho na escola? Se você ou seus amiguinhos tiravam notas baixas, o que os pais faziam?
4. Do seu ponto de vista, quem deve ser mais responsável pela educação das crianças? Pais ou professores da escola? Por quê?
5. Imagine que você seja a professora na segunda foto. O que você diria aos pais do aluno?

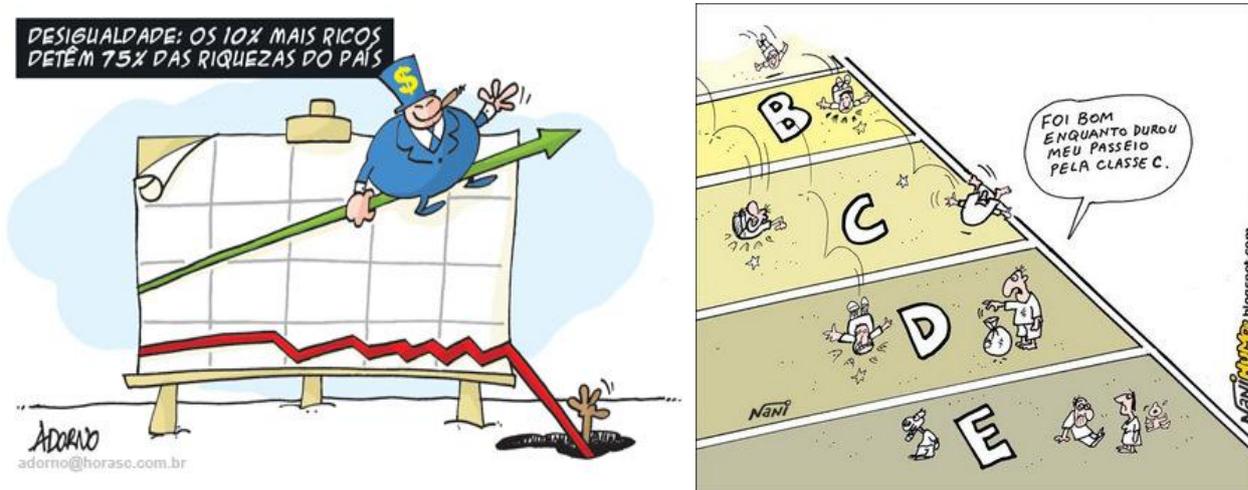
✧ Segunda figura (terceira entrevista com aprendizes chineses)



Fontes: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=274>  
<http://www.galanet.eu/dossier/dossier.php?IdDossier=28>

1. Voc ê poderia dizer alguma coisa a respeito dessas duas figuras?
2. O que voc ê entende sobre globaliza ção?
3. Quais s ão os pontos positivos e negativos em rela ção a globaliza ção?
4. Voc ê sabe alguns exemplos de globaliza ção?/ Voc ê percebeu alguma mudan ça na sua vida desde seu nascimento at é agora em fun ção de globaliza ção?
5. Se um dia n ão existisse mais fronteira em nenhum lugar no mundo, aonde voc ê gostaria de ir? Por qu ê?

✧ Terceira figura (quarta entrevista com aprendizes chineses)



1. Voc ê poderia me explicar um pouco sobre o conte údo dessas duas charges?
2. O que voc ê entende sobre a quest ão da desigualdade socio-econ ômica?
3. Como é a situa ção da quest ão de desigualdade em seu pa í?
4. Isso é bom ou ruim?
5. Se voc ê fosse um ministro da economia, o que voc ê faria com a desigualdade no seu pa í?

✧ Quarta figura (quinta entrevista com aprendizes chineses)



Fonte: Site de "A Charge On Line e A Gazeta (ES)".

1. A qual sentimento humano se refere esta charge?
2. Isso é muito normal na realidade?
3. No seu ponto de vista, quais são as causas e consequências desse fenômeno?
4. Você acha uma pessoa satisfeita? Por quê?
5. Até que ponto a vida moderna pode se igualar a uma olimpíada?

✧ Questões pessoais 2 (sexta entrevista com aprendizes chineses)

**Questões descritivas:**

1. Como foram as férias de verão no Brasil?
2. Comparando com outras férias que passou na vida, quais são as diferenças?

**Questão argumentativa**

3. Se um dia, outros chineses vierem para cá e passarem as férias aqui no Brasil, o que você sugere para eles fazerem ou tu tens alguns lugares para recomendar?

**Questão perspectiva**

4. Fale sobre o seu plano neste semestre?

**Questão emotiva**

5. Agora, como já está no Brasil por um semestre, aconteceu algo, aqui, muito emocionante para você?

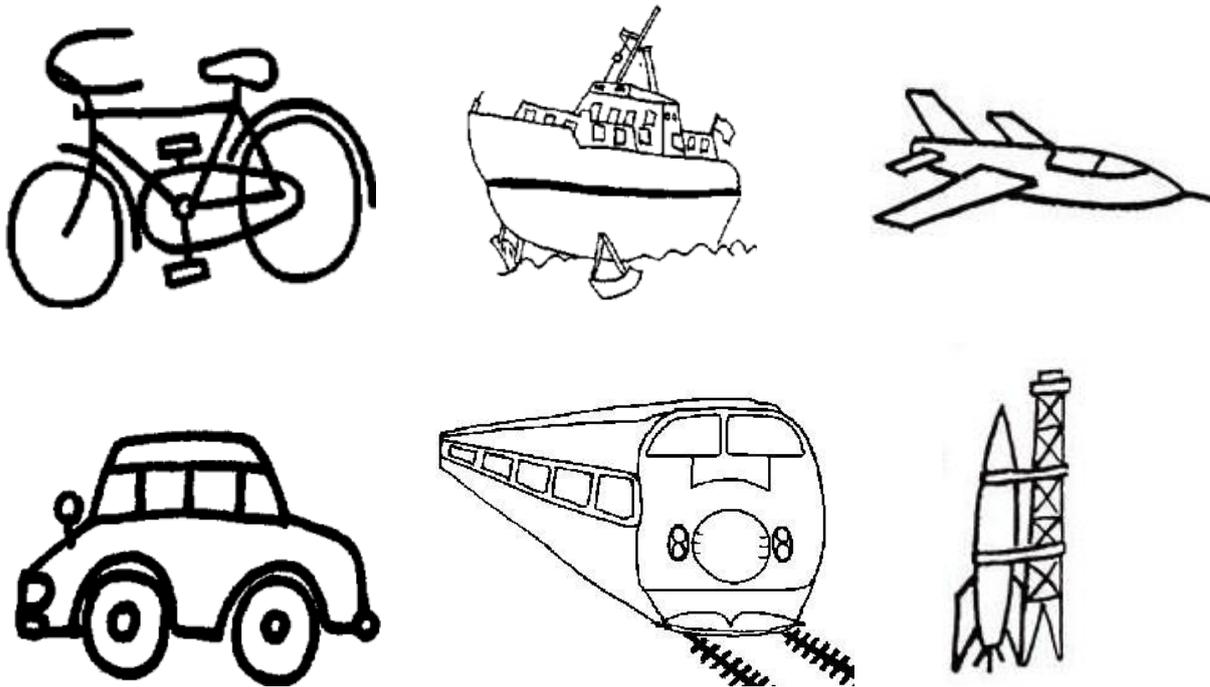
- ✧ Quinta figura (sétima entrevista com aprendizes chineses)



Fonte: [www.Charges.com.br](http://www.Charges.com.br)

1. Você poderia falar alguma coisa sobre seu entendimento do título em relação à figura?
2. Você concorda que o importante é competir?
3. O que você julga ser mais importante transmitir às crianças? Participar, competir ou ganhar? Por quê?
4. Esta figura se refere a alguma realidade da sociedade dos adultos?
5. Se você fosse o vencedor desse jogo e quisesse consolar este menino, o que você falaria para ele?

✧ Sexta figura (oitava entrevista com aprendizes chineses)



1. Crie um título para esta imagem e explique o porquê da sua escolha.
2. Você acha que um dia, alguns deles vão ser substituídos para sempre? Se for sim, quais? Se não, por quê?
3. Na sua vida, houve algum momento com esses transportes que lhe deixou uma lembrança especial?
4. Se a vida fosse uma viagem, qual transporte você gostaria de utilizar, por quê?

- ✧ Sétima figura (nona entrevista com aprendizes chineses)



Fonte: <http://geovanesp.wordpress.com/2009/01/14/charges-do-dia/>

1. O que você entendeu sobre esta charge?
2. A sua mãe trabalha fora também? Como fica a jornada do trabalho dela?
3. Hoje, como está a situação das mulheres na sociedade?
4. No seu país, as mulheres são bastante valorizadas em função do trabalho profissional?
5. Você acha que as mulheres devem trabalhar igual aos homens? Caso afirmativo, de qual forma? Em caso negativo, por quê?



## ANEXO 4 – Distribuição da ocorrência de *hedges* em CTOB e CTOC

### CTOB:

✧ Questões pessoais: (6688 palavras)

MarcD	Press.	Decla.	Suges.	Posic.	Emoti.
<b>105</b>	<b>33</b>	<b>56</b>	<b>30</b>	<b>16</b>	<b>1</b>
N é(74)	Acho (10)	Uns/umas (12)	Acho (11)	A gente (8)	-inho/a
Acho (19)	Talvez (5)	Às vezes (9)	FARIA (9)	Para mim (4)	(1)
Eu não sei (8)	De repente (4)	Basicamente (4)	Seria (7)	EU acho (3)	
Acredito (2)	Seria (4)	Mais ou menos (4)	Poderia (2)	Particularmente	
Digamos (1)	Deve(m) (2)	Normalmente (4)	Deveria (1)	(1)	
Vejo (1)	Provavelmente (2)	Quase (4)			
	Incerto (1)	Geralmente (3)			
	Pode (1)	Meio (3)			
	Possa (1)	Por volta de (3)			
	Possível (1)	De vez em quando (2)			
	Quem sabe (1)	Praticamente (2)			
	Teria (1)	Principalmente (2)			
		A princípio (1)			
		Em torno de (1)			
		Por aí(1)			
		Principal (1)			

✧ Primeira Figura (4710 palavras)

MarcD	Press.	Decla.	Suges.	Posic.	Emoti.
<b>125</b>	<b>21</b>	<b>18</b>	<b>23</b>	<b>8</b>	<b>1</b>
N é(69)	Seria (5)	Às vezes (3)	FARIA (7)	EU entendo (2)	-inho/a
Acho (44)	Talvez (4)	Geralmente (3)	Seria (5)	Para mim (2)	(1)
Acredito (3)	De repente (2)	Principalmente (3)	Deveria (2)	Do meu ponto de	
Considero (3)	Parece (2)	Basicamente (2)	Devia (2)	vista (1)	
Eu não sei (3)	Provavelmente (2)	Normalmente (2)	Ia (2)	Na minha	
Sabe (3)	Pode (2)	Quase (2)	Acho (1)	concepção (1)	
	Acho (1)	A princípio (1)	Deve (1)	No meu	
	FARIA (1)	De modo geral (1)	Devesse (1)	entendimento (1)	
	Podia (1)	Meio (1)	Devia (1)	Pelo que eu	
	Poderia (1)		Teria que (1)	conheço (1)	

✧ Segunda Figura (4281 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>128</b>	<b>44</b>	<b>17</b>	<b>16</b>	<b>11</b>	<b>5</b>
N é(62)	Seria (10)	Às vezes (5)	FARIA (8)	Para mim (6)	-inho/a
Acho (38)	Parece (8)	De certa forma (2)	Ia (3)	EU acho/Acho EU	(4)
Eu n ão sei (6)	Talvez (8)	Mais ou menos (2)	Queria (3)	(3)	??? (1)
Vejo (6)	Eu acho (6)	Meio (2)	Deveria (1)	A gente (1)	
Entendo (5)	FARIA (5)	Normalmente (2)	Teria (1)	Ao meu ver (1)	
Sei lá(5)	Pode (4)	Principalmente (2)			
Digamos assim (2)	Deve (1)	Basicamente (1)			
	Deveria (1)	Quase (1)			
Pois é(2)	Poss ível (1)				
Sabe (2)					

✧ Terceira Figura (4248 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>125</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>18</b>	<b>8</b>	<b>4</b>
N é(62)	Seria (2)	Mais ou menos (4)	FARIA (8)	A gente (1)	??? (4)
Acho (42)	Pode (3)	Quase (2)	Deveria (3)	Dizem que (1)	
Acredito (6)	Eu imagino (1)	Às vezes (1)	Seria (2)	EU acredito (1)	
Sabe (5)	Parece (1)	Basicamente (1)	Estaria (1)	Eu considero (1)	
Vejo (5)	Talvez (1)	Uns (1)	Ia (1)	No meu ponto de	
Eu n ão sei (4)			Poderia (1)	vista (1)	
Digamos (1)			Podia (1)	Para mim (1)	
			Teria (1)	Pelo que entendi	
				(1)	
				Pelo que eu saiba	
				(1)	

✧ Quarta Figura (4604 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>132</b>	<b>13</b>	<b>29</b>	<b>10</b>	<b>22</b>	<b>1</b>
N é(64)	Talvez (5)	Às vezes (19)	Poderia (3)	A gente (20)	-inho/a
Acho (52)	Ficaria (2)	De certa maneira (3)	Podia (2)	EU acho (1)	(1)
Acredito (3)	Poderia (2)	Principalmente (2)	Seria (2)	Para mim (1)	
N ão sei (3)	Eu acho (1)	Normalmente (2)	Eu acho (1)		
Sabe (3)	Parece (1)	De certo ponto (1)	FARIA (1)		
Considero (2)	Pode ser (1)	De vez em quando (1)	Ficaria (1)		
Sei lá(2)	Seria (1)	Meio (1)			
Vejo (2)					
Entendo (1)					

✧ Quinta Figura (3292 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>86</b>	<b>17</b>	<b>8</b>	<b>14</b>	<b>6</b>	<b>2</b>
Acho (40)	Talvez (4)	Às vezes (2)	FARIA (7)	Pelo que t ôvendo	-inho/a
N é(35)	Provavelmente (3)	Principalmente (2)	Ia (4)	(1)	(2)
N ão sei (6)	Deve (2)	Geralmente (1)	Acho (1)	Pelo que eu vi (1)	
Sei lá(3)	Pode (2)	Politicamente (1)	Deveria (1)	EU acho (1)	
Acredito (2)	Seria (2)	Quase (1)	Pode (1)	Minha vis ão é(1)	
	De repente (1)	Uns (1)		Para mim (1)	
	Imagino (1)			Se n ão me engano	
	Parece (1)			(1)	
	Quem sabe (1)				

✧ Sexta Figura (3515 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>114</b>	<b>54</b>	<b>8</b>	<b>20</b>	<b>5</b>	<b>3</b>
N é(57)	Acho (20)	Às vezes (2)	Acho (9)	A gente (2)	-inho/a
Acho (40)	Pode (10)	Geralmente (1)	Seria (4)	Se eu não me	(3)
Não sei (7)	FARIA (4)	Mais ou menos (1)	FARIA (2)	engano (2)	
Acredito (6)	Seria (4)	Meio (1)	Poderia (2)	Dizia que (1)	
Sabe (3)	De repente (3)	Praticamente (1)	Deveria (1)		
Sei lá(1)	Deve (3)	Principalmente (1)	Ia (1)		
	Talvez (3)	Uns (1)	Podia (1)		
	Acredito (2)				
	Deveria (2)				
	Provavelmente (2)				
	Possivelmente (1)				

✧ Sétima Figura (3455 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>108</b>	<b>20</b>	<b>21</b>	<b>12</b>	<b>5</b>	<b>0</b>
N é(52)	Acho (7)	Normalmente (7)	Achar/acho	EU acho (3)	
Acho (47)	Talvez (4)	Meio (6)	(7)	Para mim (1)	
Acredito (5)	Seria (3)	Às vezes (3)	Deveria (3)	Que eu saiba (1)	
Digamos (1)	Parece (2)	Geralmente (2)	Ia (1)		
Vejo (2)	Pode ser (2)	De certa maneira (1)	Seria (1)		
Sabe (1)	FARIA (1)	Mais ou menos (1)			
	Provavelmente (1)	Praticamente (1)			

✧ Oitava Figura (4345 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>117</b>	<b>7</b>	<b>23</b>	<b>9</b>	<b>4</b>	<b>4</b>
N é(62)	Acho (3)	Às vezes (9)	Acho (4)	Para mim (3)	-inho/a
Acho (46)	Seria (2)	Quase (3)	Teria (2)	Na minha opinião	(2)
Sei lá(3)	Iria (1)	De certa forma (2)	Deveria (1)	(1)	??? (2)
Vejo (3)	Pode (1)	De vez em quando (2)	Poderia (1)		
Acredito (2)		Principalmente (2)	Podia (1)		
Sabe (1)		Uns (2)			
		Basicamente (1)			
		Normalmente (1)			
		Praticamente (1)			

**CTOC:**

✧ Primeira entrevista – questões pessoais 1 (3108 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>45</b>	<b>10</b>	<b>15</b>	<b>22</b>	<b>6</b>	<b>7</b>
Acho (44)	Talvez (8)	Às vezes (6)	Acho (10)	Para mim (4)	Muito
Você sabe (1)	Eu acho (2)	Normalmente (5)	Queria (6)	Na minha visão (1)	muito (7)
		Algumas vezes (1)	FARIA (2)	No meu	
		Mais cedo ou mais	Pode (2)	entendimento (1)	
		tarde (1)	Poderia (2)		
		Por volta (1)			
		Principal (1)			

✧ Segunda entrevista – primeira figura (2214 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>36</b>	<b>8</b>	<b>19</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>
Acho (34)	Talvez (5)	Normalmente (9)	Acho (1)	Para mim (2)	Muito
Penso (1)	Acho (2)	Às vezes (4)	Pode (1)		muito (3)
Entendi (1)	Pode (1)	Mais ou menos (4)	Queria (1)		
		Quase (1)			
		Talvez (1)			

✧ Terceira entrevista – segunda figura (2622 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>55</b>	<b>10</b>	<b>2</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	<b>0</b>
Acho (52)	Acho (6)	Mais ou menos (2)	Queria (14)	Para mim (3)	
Acredito (1)	Pode (3)		Pode (2)		
Não sei (1)	Talvez (1)				
Né (1)					

✧ Quarta entrevista – terceira figura (2317 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>40</b>	<b>4</b>	<b>10</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>1</b>
Acho (39)	Pode (2)	Normalmente (7)	Acho (2)	Para mim (3)	Muito
O que voc ê acha (1)	Talvez (2)	Mais ou menos (2)	Deveria (2)	Na minha ideia (1)	muito (1)
		Às vezes (1)			

✧ Quinta entrevista – quarta figura (2115 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>45</b>	<b>7</b>	<b>7</b>	<b>8</b>	<b>6</b>	<b>0</b>
Acho (42)	Talvez (5)	Algumas vezes (3)	Acho (3)	Para mim (5)	
N é(2)	Acho (2)	Normalmente (2)	Deve (2)	Ao meu ver (1)	
Sabe (1)		Geral (1)	Deveria (2)		
		Geralmente (1)	Queria (1)		

✧ Sexta entrevista – questões pessoais 2 (3198 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>53</b>	<b>7</b>	<b>14</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>3</b>
Acho (46)	Talvez (3)	Normalmente (4)	Acho (1)	Para mim (6)	-inho/a
N é(3)	Acho (2)	Quase (4)	FARIA (1)	Todo o mundo	(2)
Sabe (3)	Pode (2)	Às vezes (3)		sabe (1)	Muito
Eu n ão sei (1)		Mais ou menos (3)			muito (1)

✧ S étima entrevista – quinta figura (2204 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>39</b>	<b>7</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>7</b>	<b>1</b>
Acho (33)	Acho (3)	Normalmente (2)	Pode (1)	Para mim (6)	Muito
Acredito (2)	Talvez (3)		Queria (1)	O meu opini ão (1)	muito (1)
Entendo (2)	Parece (1)		Talvez (1)		
N é(1)					
Sabe (1)					

✧ Oitava entrevista – sexta figura (2970 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>45</b>	<b>5</b>	<b>8</b>	<b>0</b>	<b>9</b>	<b>4</b>
Acho (40)	Acho (3)	Normalmente (3)		Para mim (3)	Muito
Não sei (2)	Pode (1)	Às vezes (2)		Como todo o mundo sabe (2)	muito (4)
Sabe (2)	Talvez (1)	Mais ou menos (2)			
Você conhece (1)		Depende (1)		Na minha opinião (2)	
				Acho eu (1)	
				A gente (1)	

✧ Nona entrevista – sétima figura (2475 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>34</b>	<b>7</b>	<b>21</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>1</b>
Acho (33)	Talvez (6)	Normalmente (14)	Eu acho (1)	Para mim (3)	-inho/a
Né(1)	Acho (1)	Mais ou menos (3)	Posso (1)		(1)
		Depende (1)			
		Geralmente (1)			
		Principal (1)			
		Quase (1)			

✧ Décima entrevista – oitava figura (2648 palavras)

<b>MarcD</b>	<b>Press.</b>	<b>Decla.</b>	<b>Suges.</b>	<b>Posic.</b>	<b>Emoti.</b>
<b>42</b>	<b>9</b>	<b>17</b>	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>1</b>
Acho (40)	Talvez (6)	Às vezes (7)	Acho (2)	Par mim (6)	Muito
Acredito (1)	Acho (3)	Normalmente (7)			muito (1)
Né(1)		Mais ou menos (2)			
		Depende (1)			